

relacionamento estrutural das pessoas envolvidas na luta e do seu próprio relacionamento com cada um dos lados.

Precisamos fazer referência a outro importante princípio da estrutura política nuer: quanto menor o grupo local, mais forte o sentimento que une seus membros. O sentimento tribal é mais fraco do que o sentimento num de seus segmentos, e o sentimento num dos segmentos é mais fraco do que o sentimento numa aldeia que faça parte dele. Logicamente, pode-se supor que isso ocorre, pois, se a unidade dentro de um grupo é função de sua oposição a grupos do mesmo tipo, pode-se inferir que o sentimento de unidade dentro de um grupo deve ser mais forte do que o sentimento de unidade dentro de um grupo maior que contenha o primeiro. Mas é também evidente que, quanto menor o grupo, maiores os contatos entre seus membros, mais variados são esses contatos, e mais cooperativos são eles. Num grupo grande como a tribo, os contatos entre os membros são pouco freqüentes e a cooperação limita-se a ocasionais incursões militares. Num grupo pequeno como a aldeia, não somente existem contatos diários de habitação, freqüentemente de natureza cooperativa, como também os membros estão unidos por íntimos laços agnáticos, cognáticos e de afinidade, que podem ser expressados na ação recíproca. Os laços tornam-se menos e mais distantes quanto maior for o grupo, e a coesão de um grupo político depende sem dúvida alguma do número e força dos vínculos de tipo não político.

Também deve ser dito que as realidades políticas são confusas e conflitantes. São confusas porque nem sempre, mesmo num contexto político, estão de acordo com os valores políticos, embora tenham tendências a conformar-se a eles, e porque os vínculos sociais de tipo diverso operam no mesmo campo, algumas vezes reforçando e outras indo em sentido contrário a eles. São conflitantes porque os valores que as determinam, devido à relatividade da estrutura política, estão, eles também, em conflito. A coerência das realidades políticas pode ser vista apenas quando o dinamismo e relatividade da estrutura política são compreendidos e quando a relação da estrutura política com outros sistemas sociais é levada em consideração.

## 4.0 Sistema Político

### I

As tribos nuer dividem-se em segmentos. Os segmentos maiores são chamados de seções tribais primárias, e estes dividem-se mais em seções tribais secundárias, que são, por sua vez, segmentadas em seções tribais terciárias. A experiência provou que "primária", "secundária" e "terciária" são suficientes enquanto termos de definição, e, nas tribos menores, provavelmente precisa-se de menos termos. Uma seção tribal terciária compreende várias comunidades de aldeias, que são compostas por grupos domésticos e de parentesco.

Assim, a tribo lou, como se pode ver no diagrama abaixo, está segmentada nas seções primárias *gun* e *mor*. A seção primária *gun* está segmentada nas seções secundárias *runjok* e *gaatbal*. A seção secundária *gaatbal* está ainda segmentada nas seções terciárias *leng* e *nyarkwac*. Apenas alguns segmentos são mostrados no diagrama, pois a seção *gaatlek* divide-se em *nyarak* e *buth*, a *runjok* em *falker*, *nyajikany*, *kwacgien*, etc.

#### TRIBO LOU

Seção primária *mor*

Seção primária *gun*

seção secundária <i>gaatlek</i>	seção secundária <i>runjok</i>	
seção secundária <i>jimac</i>	seção terciária <i>leng</i>	
seção secundária <i>jazjoiak</i>	seção terciária <i>nyarkwac</i>	seção secund. <i>gaatbal</i>

O diagrama abaixo mostra as seções primárias da tribo gaagwang do leste e as seções primárias e secundárias das tribos gaajok do leste e gaajok. Elas são apresentadas da maneira mais acurada que permitem meus conhecimentos, mas qualquer pesquisa familiarizada com as dificuldades de desembaraçar o complexo sistema das divisões tribais nuer não ficará surpresa se descobrir seções que conhece por nomes diferentes ou outras que acha que não deveriam ter sido omitidas. Não tenho certeza sobre as seções secundárias da tribo gaagwang, que não visitei.

### TRIBOS JIKANY DO LESTE

tribo gaajok	tribo gaagwang	tribo gaajok	
seção primária <i>laang</i>	seção prim. <i>gaarcika</i>	seção sec. <i>nyayari</i> <sup>1</sup>	seção primária <i>kaagwong</i>
seção primária <i>wangkaac</i>	seção prim. <i>nyhngac</i>	seção sec. <i>kong</i> <sup>2</sup>	seção primária <i>reng</i>
seção primária <i>yol</i>	seção prim. <i>nyuang</i>	seção sec. <i>cany</i>	
		seção sec. <i>wau</i>	
		seção sec. <i>tar</i>	
		seção sec. <i>kang</i>	
		seção sec. <i>long</i>	

Entre os Jikany do oeste, parece que os Gaagwang são classificados como parte da tribo gaajok, cujo território abrange ambos os lados do Bahr-el-Ghazal, vivendo a tribo gaajok ao sul desse rio. As seções primárias dessas duas tribos, *gaagwong*, *reng*, *thiang*, *laang*, *wangkaac* e *yol* são as mesmas que existem no leste, mas algumas seções secundárias que são importadas ao norte do Sobat não são encontradas — exceto enquanto

1. Junto com a qual vai a seção *nyajiani*.
2. Também chamada *nyaruny*.
3. Também chamada *tiak* e *yuar*.
4. Também chamada *gying*.

agrupamentos muito pequenos — no Bahr-el-Ghazal, e vice-versa. A razão para tanto é que certas linhagens migraram para o leste, enquanto que as demais permaneceram na terra de origem.

Depois de ter verificado que a segmentação de outras tribos Nuer segue o mesmo padrão das tribos lou e jikany, não elaborei listas detalhadas de suas divisões, interessando-me por novas e diferentes investigações. Incluo, entretanto, algumas representações sumárias da segmentação tribal nas regiões Gaawar, Lak e Thiang, pelo que fico muito grato a B.A. Lewis, que num tempo foi comissário do distrito do rio Zeraf.

### TRIBO GAAWAR

Seção primária <i>vadh</i>	Seção primária <i>bar</i>
seção secundária <i>kerfali</i>	seção terciária <i>bong</i>
seção sec. <i>nyadak won</i>	seção terc. <i>lamogh</i>
seção secundária <i>per</i>	seção terc. <i>caam</i>
seção sec. <i>nyalgua</i>	seção terc. <i>rakhuu</i>
seção sec. <i>jitheib</i>	

seção sec. *garkwo*

### TRIBO LAK

seção primária <i>jenyang</i>	seção primária <i>kwacbur</i>
seção sec. <i>kudwop</i>	seção terciária <i>nyawar</i>
	seção terciária <i>dongrial</i>
seção sec. <i>nyapi</i>	seção terciária <i>thiang</i>
	seção terciária <i>kar</i>
	seção terciária <i>caak</i>

seção sec. *lak*

### TRIBO THIANG

seção primária <i>riah</i>	seção primária <i>hang</i>
seção sec. <i>juak</i>	seção terciária <i>gul</i>
	seção terciária <i>bedid</i>
seção sec. <i>mangul</i>	seção terciária <i>dwong</i>
	seção sec. <i>kworh</i>
seção sec. <i>giin</i>	seção sec. <i>cuol</i>

seção sec. *nyanguur*

Deve-se ter observado que não tentei relacionar todas as seções de cada tribo, mas sim tentei meramente indicar o modo de segmentação, de tal forma que se possa compreender mais claramente a relação entre divisões tribais e linhagens no capítulo seguinte.

## II

Os segmentos de uma tribo possuem muitas das características da própria tribo. Cada um possui um nome diferente, um sentimento comum e um território único. Em geral, uma seção está nitidamente separada de outra por um amplo trecho de mata ou por um rio. Segmentos de uma mesma tribo também tendem a voltar-se em direções diferentes para suas pastagens da seca, como é mostrado nos mapas esquemáticos das pp. 67-69-71, de tal maneira que as divisões espaciais do tempo das chuvas são mantidas e podem ser até acentuadas durante a estiagem, embora, como já foi apontado, nas tribos maiores a leste do Nilo a severidade das condições naturais possa também produzir inter-relacionamentos mais íntimos do que nas tribos menores do oeste.

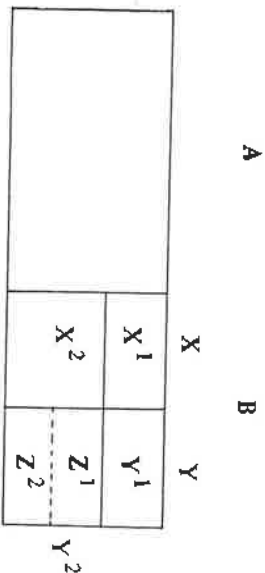
Quanto menor o segmento tribal, mais compacto é seu território, mais contíguos estão seus membros, mais variados e íntimos são seus laços sociais genéricos, e mais forte, portanto, é seu sentimento de unidade. Como veremos, um segmento tribal é cristalizado em torno de uma linhagem do clã dominante da tribo, e, quanto menor o segmento, mais próximas são as relações genealógicas entre membros desse fragmento de clã. Também quanto menor o segmento, mais o sistema de conjuntos etários determina o comportamento e provoca a cooperação dentro dele. A coesão política, em consequência, não varia somente com as variações da distância política, mas é também uma função da distância estrutural de outros tipos.

Cada segmento é, por sua vez, segmentado e há oposição entre suas partes. Os membros de qualquer segmento unem-se na guerra contra segmentos adjacentes da mesma ordem e unem-se com esses segmentos adjacentes contra seções maiores. Os próprios Nuer colocam claramente esse princípio estrutural na expressão de seus valores políticos. Assim, eles dizem que, se a seção terciária *leng* da tribo lou lutar com a seção terciária *nyarkwac* — e, realmente, tem havido prolongadas disputas entre elas —, as aldeias que compõem cada seção juntar-se-ão para a luta; mas, se houver uma briga entre a seção terciária *nyarkwac* e a seção secundária *rumjok*, como ocorreu recentemente em torno de direitos sobre a água em Fading, *leng* e *nyarkwac* unir-se-ão contra o inimigo comum, *rumjok*, que, por sua vez, formará uma coalizão dos vários segmentos em que está dividido. Se houver uma luta entre as seções primárias *mor* e *gun*, *rumjok* e *gaibal* unir-se-ão contra as seções *mor* combi-

nadas: *gatiek*, *jimac* e *jaqioah*. Se houver lutas contra os Gaajok ou os Gaawar, as seções primárias, *gun* e *mor*, combinar-se-ão — ao menos em teoria —, e uma tribo lou unida tomará o campo, já que ambas as seções pertencem ao mesmo grupo político e que suas linhagens dominantes pertencem ao mesmo clã. Com certeza elas costumavam unir-se quando dos ataques contra os Dinka.

Entre os Gaajok do leste, as seções *minyal*, *wang* e *nyarhol* combinam-se contra os *yol*. Também as seções *thiur*, *dwong* e *kwith* unem-se para a guerra. Essas lutas entre seções tribais e as questões que daí resultam, embora estando baseadas num princípio territorial, freqüentemente são representadas em termos de linhagens, uma vez que existe um íntimo relacionamento entre segmentos territoriais e segmentos de linhagem, e os Nuer costumam exprimir as obrigações sociais empregando expressões de parentesco. Assim, ao me contarem que os *wangkac* e o *yol* iriam unir-se para guerrear contra qualquer outra seção, os Nuer fizeram essa declaração dizendo que as linhagens *wangkac* e *yol* (que constituem as linhagens dominantes dessas seções) iriam unir-se porque seus ancestrais eram filhos da mesma mãe. Veremos no Cap. 5 que os Nuer geralmente falam nesses termos.

Esse princípio de segmentação e a oposição entre segmentos é o mesmo em cada seção de uma tribo e estende-se, além da tribo, para relações entre tribos, especialmente entre as tribos menores do oeste, que se juntam com maior facilidade e freqüência para saquear os Dinka e lutar uns contra outros do que as tribos maiores a leste do Nilo. Assim, um homem da seção *fadang* da tribo *bor* o exemplificou quando me disse: "Lutamos contra os *rengyan*, mas quando qualquer um de nós dois está lutando contra um terceiro lado, nós nos combinamos com os *rengyan*". Isso pode ser colocado em termos hipotéticos pelos próprios Nuer e pode ser melhor representado da seguinte maneira. No diagrama abaixo, quando  $Z^1$  luta com  $Z^2$ , nenhuma outra seção é envolvida. Quando  $Z^1$  luta com  $Y^1$ ,  $Z^1$  e  $Z^2$  unem-se para formar  $Y^2$ . Quando  $Y^1$  luta contra  $X^1$ ,  $Y^1$  e  $Y^2$  unem-se, e o mesmo fazem  $X^1$  e  $X^2$ . Quando  $X^1$  luta contra  $A$ ,  $X^1$ ,



$X^2$ ,  $Y^1$  e  $Y^2$  unem-se, todos, para formar B. Quando A saqueia os Dinka, A e B podem unir-se.

As seções tribais maiores eram quase grupos autônomos e agiam como tal em suas lutas e alianças. Num momento, estavam lutando entre si e, noutra, estavam combinadas contra uma terceira parte. Essas combinações não eram sempre tão regulares e simples como me explicaram e como eu as apresentei. Darei alguns exemplos de lutas entre seções tribais. Uma das piores guerras na história dos Nuer ocorreu na geração passada, entre as metades *gam* e *mor* da tribo Iou. Ficou conhecida como a *kur lury yak*, a guerra de soltar a hiena, porque tantas pessoas foram mortas que os corpos eram deixados para as hienas comerem. Diz-se que nessa luta os homens demonstraram uma ferocidade incomum, chegando a cortar fora braços a fim de tomar rapidamente bracetes de marfim. Houve uma disputa mais prolongada, e mais recente, entre as seções terciárias *leng* e *nyarkwar* da tribo Iou, que continua até hoje. Conheço de uma luta anterior entre *thiang* e *yol*, que numa época formavam subseções dos *nyarkwar*. Os ancestrais das linhagens dominantes nas divisões *leng* e *yol* eram irmãos, enquanto que o ancestral da linhagem dominante da divisão *thiang* estava para esses irmãos na posição de filho de irmã. Por muito tempo os *yol* e os *thiang* viveram em paz lado a lado, mas há alguns anos irrompeu uma briga entre eles, e os *thiang*, derrotados, fugiram em busca de proteção para a seção *leng*. Os *yol* enviaram mensagens aos *leng*, dizendo-lhes para não receber seus inimigos, nem dar-lhes asilo. Os *leng* responderam que o ancestral da linhagem LENG era tio materno do ancestral da linhagem THIANG e que não podiam recusar asilo aos filhos de suas irmãs. Essa atitude envolveu os *yol*(*nyarkwar*) numa segunda guerra, desta vez contra uma combinação de *leng* e *thiang*. Outras disputas recentes dos Iou foram entre as divisões *fakfir* e *nyujikany* da seção secundária *rumjok*, e entre várias comunidades locais da seção primária *mor*, particularmente entre duas divisões da seção secundária *jimac*.

Na região Gaajok do leste, a seção primária *yol* reuniu-se à tribo gaajwang (que parece ter-se identificado tanto com a tribo gaajok que quase podemos falar delas — como podemos quando nos referimos ao oeste do Nilo — como uma única tribo separada dos Gaajok pelos amplos pântanos de Maar) contra várias, se não todas, as seções da tribo gaajak. Os *yol* lutavam contra os *nyagan*, enquanto que os Gaajwang lutavam contra os *reng* e *kang*. Há cerca de meio século, as seções primárias *laang* e *wangkar* da tribo Gaajok envolveram-se numa longa disputa, e também houve guerras entre as seções *yol* e *wangkar*, de que a *yol*, ajudada por seus aliados da tribo gaagwang, saiu vitoriosa; sofrendo os *wangkar* uma derrota tão pesada que se mudaram para o sul, para as margens do rio Pibor. Ali, dizem eles, foram atacados por *Turuk* (árabes de alguma espécie) e mudaram-se novamente para o norte, de volta ao local de suas antigas moradas. Estavam por demais exaustos para retomar a rixa contra a seção *yol*. Apesar dessas lutas internas, se qualquer seção da tribo gaajok estiver envolvida na guerra contra a tribo Iou, todas as suas seções virão ajudar a seção ameaçada se esta não for suficientemente forte para resistir à seção dos Iou que se opõe a ela. Também houve disputas entre as seções gaajak do leste, por exemplo, entre *thiang* e *reng*. Quando duas tribos lutam, outras tribos ficam neutras, e se duas seções de uma tribo estão guerreando entre si, as outras seções podem deixar que elas resolvam a questão sozinhas desde que as forças sejam equilibradas e não se peça ajuda. Alguns dos informantes da Srta. Soule indicaram que, quando houve problemas há alguns anos entre a seção *yol* da tribo gaajok e a seção *lony* da tribo gaajak, elas eram bastante fortes para lutar por si mesmas, mas caso a *lony* não fosse bastante forte para lutar sozinha, a seção *kaang* e a *tar*, e possivelmente outras da tribo gaajak teriam vindo em seu auxílio, caso em que as seções gaajok ter-se-iam unido à *yol*. Eles também indicaram que, atualmente, há problemas entre a seção *luluaa* e a seção *wang*. Há também problemas entre várias seções do *wangkar*. Se os *luluaa* e *wang* começarem a lutar, as seções *wangkar* entrarão em alguma espécie de composição e juntar-se-ão aos *luluaa*.

Segundo a tendência generalizada a oeste do Nilo, as tribos gaajak e gaajok do oeste não são apenas menores, mas também menos unidas do que a gaajak e gaajok do leste. Ambas, no Bahr-el-Ghazal, tinham disputas internas frequentes e amargas. Havia uma luta feroz entre a divisão *gai* da seção primária *gaagwong* e duas outras divisões da mesma seção, a *kwoth* e a *bor*, cujas linhagens dominantes originam-se da mesma mãe. As divisões *kwoth* e *bor* foram derrotadas e emigraram para o sul, fixando-se em Kwac, na região dos *reng*. A mesma divisão *gai* também teve uma disputa com a divisão primária lutas na tribo gaajak. Num tempo, a tribo gaajok toda vivia na margem esquerda do Bahr-el-Ghazal e sua atual extensão na margem direita é consequência de migrações que se seguiram às disputas.

Houve uma época em que toda a tribo Iou vivia na margem direita do Bahr-el-Ghazal. Ali, duas de suas seções primárias, a *cuaggh* e a *deng* que viviam a oeste do rio Gany, lutaram contra a terceira seção primária, os *keunyung* (*karlual*) que viviam a leste desse rio e, ao serem derrotados, cruzaram o Bahr-el-Ghazal e fixaram-se em sua margem esquerda. Conta-se que alguns aristocratas da seção *nyupir* e alguns aristocratas da seção *nyowath* usaram expressões ofensivas uns em relação aos outros em canções. Tais canções levaram à luta dos rapazes, sendo que um de cada lado foi morto. Houve mais lutas como consequência e, finalmente, os *deng* e os *cuaggh* atravessaram o rio. No ano seguinte, na margem direita e, quando voltaram a suas aldeias, traziam para acampar que pertenciam aos *keunyung*. Seis das moças voltaram para pegar os recipientes de uso diário que haviam deixado numa choupana do acampamento e foram emboscadas e mortas por alguns homens *keunyung*. Esse ato foi considerado como uma séria quebra das regras da guerra, pois os Nuer não matam outras mulheres nuer. Por causa dele, os *deng* lançaram uma maldição, segundo a qual é proibido a um aristocrata *keunyung* que atravessa o Bahr-el-Ghazal e fixe-se entre os *deng* ou *cuaggh* — e também a um aristocrata *deng* ou *cuaggh* que muda para o sul e fixe-se entre os *keunyung* — construir um estábulo para gado da maneira habitual. A maldição também faz com que o aristocrata que assim mudou de residência gere apenas meninos como primeiros filhos, por causa das moças que foram assassinadas. Quando o governo eitou a incursão para viver na região *deng* e *cuaggh*. Atualmente, muitos *deng* e *cuaggh* passam a estação da seca na região *keunyung* porque sua própria região não é rica em bons pastos, mas consiste principalmente em relvas de pântano, que não são tão nutritivas.

Dentro de cada uma dessas seções primárias havia disputas constantes. Assim, na região *karlual*, as seções *riaagh*, *gom*, *jiom*, *nyaggh*, *jikil* e *ngwol* frequentemente lutam umas com as outras. Seria aborrecido relatar as ocasiões e resultado dessas lutas mesquinhas. Desejo somente deixar claro que as aldeias ocupadas pelas seções menores, *tugar* (*ngwol*), *nyang* (*riaagh*), *nyueny* (*juak*), *kol* (*jikil*), etc. distam apenas poucos quilômetros de seus vizinhos mais próximos, estando todos eles contidos em um raio de uns oito quilômetros. E entre aldeias e seções tribais terciárias que ocorrem com maior frequência as brigas e que se desenvolvem as disputas.

Poderia dar muitos outros exemplos de disputas, mas não haveria maior interesse, pois aqueles que citei ilustram fartamente a falta de controle político nas tribos nuer. Podemos concluir que a tribo de um homem apenas exige sua fidelidade nas lutas entre tribos e em guerras contra os Dinka. Em tempos normais, um homem pensa e age como membro de grupos locais muito menores, com cujos membros ele tem múltiplos contatos.

## III

Podemos empregar o diagrama da p. 155 para ressaltar o princípio da contradição na estrutura política. Um membro da seção terciária  $Z^2$  da tribo B vê a si mesmo como membro de  $Z^2$  em relação a  $Z^1$ , e todos os demais membros de  $Z^2$  vêem a si mesmos como membros desse grupo em relação a  $Z^1$  e são assim considerados pelos membros de  $Z^1$ . Mas ele se considera membro de  $Y^2$  e não mais de  $Z^2$  em relação a  $Y^1$  e é assim considerado pelos membros de  $Y^1$ . Da mesma forma, ele se considera membro de  $Y$  e não mais de  $Y^2$  em relação a  $X$ , e como membro da tribo B, e não de sua seção primária  $Y$ , em relação à tribo A. Qualquer segmento se vê como unidade independente em relação a outro segmento da mesma seção, mas vê ambos os segmentos como uma unidade em relação a outra seção; e uma seção — que, do ponto de vista de seus membros, compreende segmentos opostos — é vista pelos membros de outra seção como uma unidade não segmentada. Por conseguinte, como já apontamos antes, existe sempre contradição na definição de um grupo político, pois ele é um grupo apenas em oposição a outros grupos. Um segmento tribal é um grupo político em oposição a outros segmentos do mesmo tipo, e eles, em conjunto, formam uma tribo apenas quando relacionada a outras tribos nuer e estrangeiras adjacentes, que formam parte do mesmo sistema político; e sem essas relações pode-se atribuir muito pouco sentido aos conceitos de segmento tribal e de tribo. Queremos dizer aqui o mesmo que dissemos quando discutimos a palavra *cieng*: que os valores políticos são relativos e que o sistema político é um equilíbrio entre tendências opostas para a separação e a fusão, entre a tendência de todos os grupos a se segmentarem e a tendência de todos os grupos a se combinarem com segmentos da mesma ordem. A tendência para a fusão é inerente ao caráter segmentário da estrutura política nuer, pois embora todo grupo tenda a se dividir em partes opostas, essas partes precisam tender a fundir-se em relação a outros grupos, já que fazem parte de um sistema segmentário. Daí a divisão e a fusão nos grupos políticos serem dois aspectos do mesmo princípio segmentário, e a tribo nuer e suas divisões devem ser entendidas como um equilíbrio entre essas tendências contraditórias, contudo complementares. O meio ambiente, o modo de subsistência, comunicações pobres, tecnologia simples e escassos suprimentos de comida — com efeito, tudo que chamamos de sua ecologia — explicam até certo ponto os aspectos demográficos da segmentação política nuer, mas a tendência para a segmentação deve ser definida como um princípio fundamental de sua estrutura social.

Deve sempre haver, por conseguinte, algo de arbitrário sobre nossa definição formal de uma tribo por meio dos caracte-

Vista aérea de aldeias (Nuong)  
Royal Air Force Official —  
Copyright reserved.



teres anteriormente enumerados. O sistema político é uma série em expansão de segmentos opostos a partir das relações dentro da menor seção tribal até as relações entre tribos e estrangeiros, pois a oposição entre segmentos da menor seção parece-nos ter o mesmo caráter estrutural que a oposição entre uma tribo e seus vizinhos dinka, embora a forma de sua expressão seja diferente. Muitas vezes não é nada fácil decidir se um grupo deve ser considerado como uma tribo ou como o segmento de uma tribo, pois a estrutura política possui uma qualidade dinâmica. Usando o pagamento de indenização de sangue como o critério principal, classificamos os Gajaok do leste e os Gaaiak como tribos distintas porque não há ressarcimento por homicídios entre eles; contudo, eles se consideram como uma única comunidade em relação aos Lou. O valor tribal ainda é reconhecido por todo o território lou, mas, na realidade, as seções *gun* e *mor* são grandemente autônomas e pode-se duvidar que o ressarcimento por homicídio seja efetivamente pago entre elas, embora os indivíduos digam que deve ser pago. Parece que tantos indivíduos foram mortos nas contendas entre as seções primárias *yo!* e *wangkae* da tribo gajaok que todos os pagamentos por homicídio foram interrompidos. Por outro lado, disseram-me que, na época do auge da influência dos profetas lou, Nkundeng e Gwek, houve indenizações durante algum tempo entre os Lou e os Gaaiok. Nas tribos maiores, os segmentos reconhecem uma unidade formal, porém pode haver pouca coesão real. O valor tribal ainda é afirmado, mas as relações concretas podem estar em conflito com ele já que se baseiam em lealdades locais dentro da tribo e, em nossa opinião, é nesse conflito entre valores rivais dentro de um sistema territorial que consiste a essência da estrutura política.

As tribos nuer constituem uma avaliação na distribuição territorial, e as relações tribais, inerribais e estrangeiras são modos padronizados de comportamento através dos quais se expressam os valores. O valor tribal é, portanto, relativo e a qualquer momento está vinculado a uma determinada extensão de uma série em expansão de relações estruturais, sem estar inevitavelmente fixado a essa extensão. Além do mais, é não somente relativo (porque aquilo que chamamos de tribo hoje pode ser duas tribos amanhã), como também pode-se dizer que determina o comportamento quando um determinado conjunto de relações estruturais está em operação, principalmente atos de hostilidade entre segmentos tribais e entre uma tribo e outros grupos da mesma ordem estrutural, ou atos que provavelmente irão causar agressão. É muito raro que uma tribo se dedique a atividades de cooperação, e, além disso, o valor tribal determina o comportamento num campo definido e restrito de valores sociais e constitui apenas um dentre uma série de valores políticos, alguns dos quais estão em conflito com ele. O mesmo

se aplica a seus segmentos. Sugerimos, portanto, que os grupos políticos nuer sejam definidos, em função dos valores, pelas relações entre seus segmentos e por suas inter-relações enquanto segmentos de um sistema maior numa organização da sociedade em determinadas situações sociais, e não enquanto partes de uma espécie de moldura fixa dentro da qual vivem as pessoas.

Não duvidamos de que existe uma interdependência entre as várias inter-relações das seções e todo o sistema político do qual fazem parte, mas isso não pode ser demonstrado com facilidade. Já ficou dito que, quanto menor o grupo local, mais coeso ele é e mais contatos de vários tipos têm seus membros uns com os outros. Há menos solidariedade, quanto mais amplo tornamos o círculo, de uma aldeia para as tribos adjacentes. Pode-se concluir, portanto, que há sempre maior oposição entre dois grupos do que entre segmentos deles e que os segmentos são, digamos, segurados juntos por essa pressão externa; não podemos admitir, contudo, que essa opinião esteja de acordo com os fatos, porque parece que se sente maior hostilidade entre aldeias, grupos de aldeias em seções tribais terciárias do que entre seções tribais maiores e entre tribos. É provável que os ataques efetuados pelas tribos e pelas federações de tribos contra os Dinka tenham tido um efeito de integração, porém os Dinka não foram agressivos para com os Nuer e parece que a manutenção da estrutura tribal deve, antes, ser atribuída à oposição entre seus segmentos menores do que a qualquer pressão externa. Se for esse o caso — e um exame da instituição da disputa sugere que é o caso —, chegamos à conclusão de que, quanto mais frequentes e múltiplos os contatos entre membros de um segmento, mais intensa é a oposição entre suas partes. Por mais paradoxal que possa parecer, à primeira vista essa conclusão, somos levados a ela tanto pela observação, quanto pela reflexão sobre o que constitui um sistema segmentário.

#### IV

Empregamos o termo "disputa" na seção anterior no sentido de hostilidades mútuas prolongadas entre comunidades locais dentro de uma tribo. Esse emprego amplo e ligeiramente impreciso parece justificado pela convenção e, também, conforme demonstraremos, porque — embora a responsabilidade pelo homicídio e o dever de vingar-se caibam apenas aos parentes agnatos próximos do assassino e assassinado — as comunidades a que pertencem ambas as partes são envolvidas, de um modo ou de outro, na hostilidade que se segue e não raro em quaisquer lutas que resultem da disputa. Estritamente, contudo, a palavra poderia ser considerada como empregada com maior

adequação para descrever as relações entre os parentes de ambas as partes numa situação de homicídio, pois ela então se refere a uma instituição específica. Algumas vezes, portanto, falamos de "vendeta" para dar ênfase a esse significado mais restrito e definido com maior clareza.

As vendetas constituem uma instituição tribal, pois podem ocorrer apenas quando se reconhece que houve uma infração à lei, já que constituem o modo pelo qual se obtém o ressarcimento. O temor de provocar uma vendeta é, com efeito, a mais importante sanção legal dentro de uma tribo e a principal garantia da vida e da propriedade de um indivíduo. Se a comunidade de uma tribo tentar vingar um homicídio contra a comunidade de outra tribo, segue-se uma situação de guerra intertribal, mais do que uma situação de disputa e não há modo de resolver a questão por arbitramento.

Como os Nuer têm muita inclinação para lutar, as pessoas são mortas com frequência. De fato, é raro ver um homem de certa idade que não tenha cicatrizes de clava ou lança. Um Nuer deu-me as seguintes causas para lutar: desentendimentos em relação a uma vaca; uma vaca ou cabra comer o sorgo de uma pessoa e esta bater naquela; um homem bater no filho pequeno de outro; adultério; direito sobre a água na estação da seca; direito sobre o pasto; um homem tomar emprestado algum objeto — especialmente um ornamento de dança — sem pedir licença ao dono. O Nuer briga imediatamente se acha ter sido insultado, e os Nuer são muito sensíveis e ofendem-se com facilidade. Quando um homem pensa ter sofrido um dano, não há qualquer autoridade a quem se possa queixar e da qual possa obter um ressarcimento, de modo que ele, imediatamente, desafia para um duelo o homem que causou o dano, e o desafio deve ser aceito. Não há outra maneira de resolver uma questão, e a coragem de um homem é sua única proteção imediata contra a agressão. Somente quando o parentesco ou o *status* do conjunto etário impedem um apelo às armas, é que o Nuer hesita em fazer o desafio, pois jamais lhe ocorre pedir conselhos antes e ninguém iria prestar atenção a conselhos não pedidos. A partir de seus anos mais tenros, as crianças são encorajadas pelos mais velhos a resolverem todas as questões lutando, e elas crescem considerando a habilidade de lutar como a realização mais necessária e a coragem, como a virtude mais elevada.

Os meninos brigam com bracetetes pontegudus. Homens da mesma aldeia ou acampamento brigam com clavas, pois é convencional que as lanças não sejam empregadas entre vizinhos próximos, ou um deles poderia ser morto e a comunidade ficar dividida por uma vendeta. E também convencional que nenhum terceiro tome parte na briga, mesmo que seja parente próximo de um dos combatentes. Uma vez começada a briga, nenhuma

das partes pode desistir e são obrigadas a continuar até que uma delas fique seriamente ferida, a menos que — como acontece em geral — as pessoas as separem à força, reclamando em altos brados, e se coloquem entre elas.

Quando começa uma briga entre pessoas de aldeias diferentes é com lanças; todo homem adulto de ambas as comunidades toma parte nela; e não pode ser terminada antes que tenha havido uma perda considerável de vidas. Os Nuer sabem disso e, a menos que estejam muito zangados, relutam em começar brigas com aldeias vizinhas e muitas vezes permitem de boa vontade que o chefe da pele de leopardo ou os anciãos intervenham. Vi uma briga desse tipo ser impedida pela mediação dos anciãos de ambos os lados, mas estava claro que tal mediação teria servido de pouco se os jovens estivessem ansiosos para chegar às vias de fato. Hoje tais brigas são menos comuns, porque o medo da intervenção do governo funciona como preventivo, mas cheguei a ver acampamentos e seções tribais preparados para a guerra e a ponto de lutar, e, numa época, as lutas devem ter sido muito frequentes.

Algumas vezes as tribos atacavam-se por causa do gado, mas as lutas entre elas eram raras. Lutas entre comunidades e as vendetas que delas resultam são parte das relações políticas que existem entre segmentos de uma organização tribal comum. Um homem leek disse-me o seguinte: "Nós temos nossas lutas entre nós, e os Gaajok têm lutas entre eles. Nós não lutamos com os Gaajok. Nós só lutamos entre nós. Eles têm suas próprias lutas". As pessoas são mortas nessas lutas e, assim, começam as vendetas. Dentro de uma tribo, existe um método pelo qual tais disputas podem ser resolvidas por arbitramento.

V

Faremos um relato sumário do procedimento de resolver uma vendeta, sem descrever os detalhes do ritual. Logo que um homem mata outro, corre para a casa do chefe da pele de leopardo a fim de limpar-se do sangue que derramou e procurar refúgio contra a retaliação em que incorreu. Ele não pode comer nem beber até que o sangue do morto não tenha saído de seu corpo (pois pensa-se que o sangue entra de alguma forma no corpo do assassino), e, para tanto, o chefe faz uma ou duas incisões verticais em seu braço por meio de um golpe de cima para baixo, a partir do ombro, com uma lança de pesca. O assassino apresenta o chefe com um novilho, um carneiro ou um bode, que o chefe sacrifica. Esse rito e a marca no braço são chamados de *bir*. Logo que os parentes do morto ficam sabendo que ele foi assassinado, tentam vingar-se do assassino, pois a vingança é a obrigação mais coercitiva entre parentes paternos e

constitui a epitome de todas as suas obrigações. Seria uma grande vergonha para todos os parentes, se não se esforçassem em vingar o homicídio. Morando como hóspede do chefe a partir do momento em que seu braço foi cortado até a solução final, o assassino tem asilo, pois o chefe é sagrado e não se deve derramar sangue em sua casa. É possível que os homens se refugiem com um chefe apenas quando o perigo de vingança é muito grande, mas parece que é prática geral.

Enquanto o assassino está na casa do chefe, os vingadores ficam vigiando-o (*bin*) de vez em quando para ver se ele sai de seu santuário e lhes dá uma oportunidade de atingi-lo com as lanças. Eles aproveitam todas as oportunidades que têm para matá-lo, mas não são muito persistentes no procurar essa oportunidade. Esse estado de coisas pode persistir por algumas semanas antes que o chefe inicie as negociações com os parentes do morto, pois não é provável que ele encontre receptividade em suas ofertas até que a cerimônia mortuária não tenha sido realizada e as emoções tenham esfriado um pouco. As negociações são feitas com vagar. O chefe primeiro verifica quanto gado possuem os parentes do assassino (*jithunga*) e se eles estão dispostos a pagar a indenização. Não creio que frequentemente eles se recusem a pagar, a menos que morem muito longe dos vingadores ou que haja uma série de vendetas não resolvidas entre as seções envolvidas, embora eles possam não ter a intenção de entregar todo o gado. O chefe, depois, visita os parentes do morto (*viran*) e pede-lhes que aceitem o gado em troca da vida. Em geral, eles recusam, pois é ponto de honra ser obstinado, mas a recusa não significa que não estejam dispostos a aceitar o ressarcimento. O chefe sabe disso e insiste, chegando mesmo a ameaçar amaldiçoá-los se não cederem, e suas exortações são apoiadas pelos conselhos de parentes paternos distantes e parentes cognatos que não irão receber nenhuma das cabeças de gado e não precisam, portanto, demonstrar tanto orgulho e teimosia, mas que têm o direito de expressar sua opinião em virtude de seu relacionamento com o morto. A defesa do compromisso é também sustentada pelas tendências do costume. Não obstante, os parentes próximos devem recusar-se a escutá-la até que o chefe não tenha chegado aos limites de sua argumentação, e quando cedem declaram que estão aceitando o gado apenas para honrar o chefe e não porque estão prontos a tomar o gado em troca da vida do parente morto.

Na teoria, paga-se de quarenta a cinquenta reses, mas é pouco provável que todas elas sejam pagas ao mesmo tempo e o débito pode continuar durante anos. As cerimônias de reconciliação são realizadas quando umas vinte reses já foram entregues, e depois disso os parentes do assassino podem circular sem medo de serem emboscados — ao menos por algum tempo, pois não estão livres da vingança até que todo o gado tenha sido

inteiramente pago, e possivelmente nem assim. O chefe leva o gado ao lar do morto. Os parentes do assassino não se aventuram a acompanhá-lo. O gado é parcialmente distribuído entre os parentes do morto e parcialmente empregado para casar uma mulher com seu nome para dar-lhe herdeiros. Mesmo que um homem de cada lado tenha sido morto, o gado deve ser pago por ambos os lados, embora talvez apenas vinte cabeças para cada um, pois o espírito deve ser apaziguado e a honra dos vivos deve ser mantida. Também deve-se realizar sacrifícios a fim de livrar as aldeias da morte, que se encontra à solta nela e deve ser mandada para o mato, e os parentes de ambos os lados devem ser purificados. Por sua participação em tais providências, o chefe recebe, além da carne dos sacrifícios, dois animais, mas ele tem de dar um deles ao parente agnato que o ajuda. É frequente não ganhar nada, já que se espera que ele dê ao assassino uma vaca para ajudá-lo a pagar a indenização e, além do mais, ele teve as despesas de fornecer ao assassino prolongada hospitalidade.

Um homicídio não diz respeito somente ao homem que o cometeu, mas também a seus parentes agnatos próximos. Há mútua hostilidade entre os parentes de ambos os lados e estão proibidos — sob pena de morte, que inevitavelmente caberá aqueles que cometerem a infração — de comer ou beber uns com os outros ou dos mesmos pratos ou vasilhas, mesmo que seja na casa de um homem que não seja aparentado a nenhum dos lados. Essa proibição cessa depois que o gado foi pago e os sacrifícios foram feitos, mas os parentes próximos de ambos os lados não comerão uns com os outros durante anos, até mesmo durante uma ou duas gerações, por razões sentimentais. "Um osso (o morto) está entre eles". De fato, todos os Nuer reconhecem que, apesar dos pagamentos e dos sacrifícios, uma vendeta continua para sempre, pois os parentes do morto jamais cessam "de ter morte em seus corações". Durante anos, depois de o gado ter sido pago, agnatos próximos do assassino evitam os agnatos próximos do morto, especialmente nas danças, pois na excitação que estas provocam o simples ato de esbarrar num homem cujo parente foi morto pode dar início a uma briga, pois a ofensa jamais é esquecida e as contas devem, em última análise, ser acertadas com uma vida. Quando um morto é casado com uma esposa, a noiva é esfregada com cinzas pelos parentes do marido morto e, por meio delas, invoca-se a deus, pedindo que ela possa gerar um filho que irá vingar seu pai. Esse filho é um *gar ter*, um filho de vendeta. Nos sacrifícios, diz-se ao espírito que seus parentes aceitaram o gado e casarão uma esposa com ele, mas os parentes também lhe garantem que um dia ele será vingado adequadamente pela lança. "Um Nuer é orgulhoso e quer o corpo de um homem como vingança e não seu gado. Quando ele matou um homem, ele pagou a dívida e,



então, seu coração se alegrou". Portanto, embora o chefe avise os parentes do morto, nas cerimônias de reconciliação, que a vendeta terminou e não deve ser reiniciada, os Nuer sabem que "uma vendeta jamais termina". Pode haver paz por algum tempo, em virtude das razões que persuadiram os parentes a aceitar a indenização e em virtude do gado que receberam, mas a inimizade continua e as pessoas de ambos os lados ficam *jiter*, pessoas que estão lutando, mesmo que não haja abertamente hostilidades. Não há lutas frequentes ou uma hostilidade incessante e contínua, mas a ferida ulcera-se e a disputa, embora formalmente terminada, pode a qualquer momento irromper novamente.

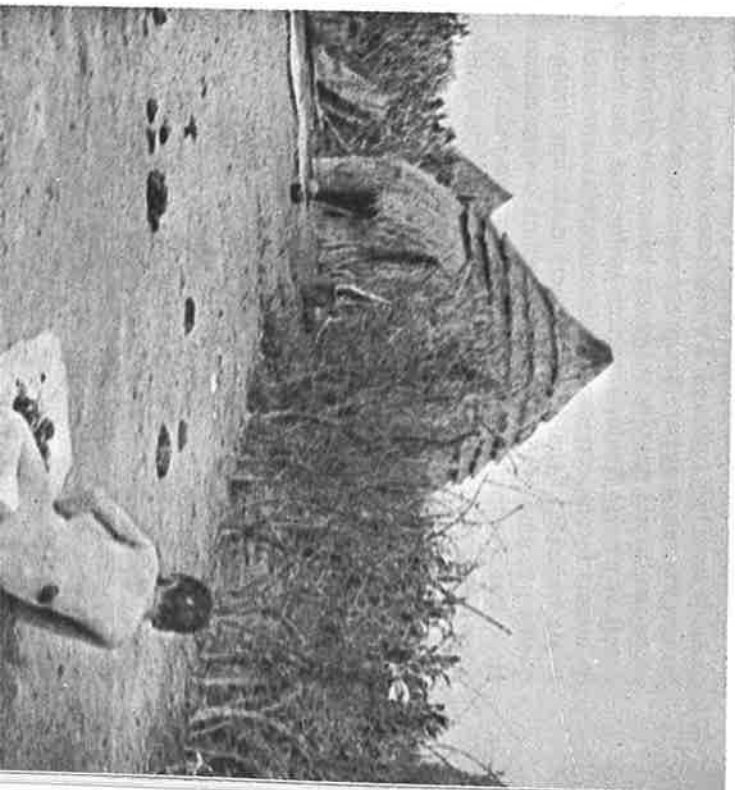
## VI

Já dissemos que as disputas criam um estado de hostilidade entre as linhagens e, conseqüentemente, como explicaremos mais adiante, entre seções tribais inteiras; e que não há uma diferença muito grande entre os esforços ocasionais para obter vingança quando as disputas ainda não foram resolvidas, e a hostilidade latente que persiste quando já o foram. Isso, contudo, aplica-se somente quando os homicídios são entre seções tribais primárias, secundárias ou terciárias. Em grupos menores isso não ocorre, pois, apesar da força dos sentimentos despertados e de sua persistência após ter sido efetuado o ressarcimento, as disputas têm de ser resolvidas com maior rapidez e não é provável que irrompam novamente depois da solução.

O que acontece quando um homem mata outro depende do relacionamento existente entre as pessoas envolvidas e de suas posições estruturais. Existem pagamentos diferentes, conforme seja um verdadeiro Nuer, um Dinka vivendo na terra dos Nuer, e, entre os Jikany do leste, um membro do clã aristocrático (ver p. 226). A habilidade de levar avante uma vendeta e, conseqüentemente, de obter reparação por meio de uma vida ou pelo pagamento de gado depende até certo ponto da força da linhagem do homem e de suas relações de parentesco. Mas a intensidade de uma disputa e a dificuldade de solucioná-la dependem principalmente do tamanho do grupo envolvido. Se um homem mata outro que se relaciona intimamente com ele — seu primo paterno, por exemplo — ainda há pagamento de gado, embora menos, provavelmente umas vinte cabeças. Uma das fontes de contribuição, os irmãos do pai, ou os filhos deles, seriam os beneficiários da indenização e, portanto, não podem pagá-lo. Não obstante, algum gado deve ser pago já que é necessário compensar a família do morto, dar ao espírito uma esposa e realizar os sacrifícios devidos. Disseram-me que em tais

## II. XVIII.

Menino apanhando estercó para combustível (Lou).



casos a questão é resolvida rapidamente. É provável que uma vendeta possa ser resolvida com maior facilidade quando ocorre no interior de um clã, pois os Nuer consideram errado que os membros de um clã se envolvam numa vendeta. Depois que o pagamento foi feito, eles dizem: "A vendeta foi cortada para trás, nós voltamos ao parentesco". Também se diz que, se houve muitos casamentos entre dois grupos, é pouco provável que ocorra uma vendeta.

Quando um homem mata outro de sua própria aldeia ou de uma aldeia vizinha com a qual sua aldeia mantenha relações sociais íntimas, a vendeta é logo resolvida, porque as pessoas de ambos os lados precisam misturar-se e, com certeza, haverá entre elas muitos laços de parentesco e afinidade. Aponta-se ao espírito o fato que o gado foi pago e que é impossível vingá-lo tomando alguma vida porque ninguém acabaria ficando vivo se a disputa fosse continuada entre parentes e vizinhos. A vida cooperativa é incompatível com uma situação de vendeta. Quando um homem fere com a lança um outro de uma aldeia vizinha, é costume que as pessoas da aldeia de quem feriu enviem a lança que provocou o ferimento aos parentes do ferido a fim de que estes possam tratá-la pela mágica e impedir que a ferida seja fatal. Eles enviam também um carneiro para sacrifícios. Assim fazendo, declaram sua esperança de que a ferida logo fique curada e que não queiram correr os riscos de uma vendeta por causa de uma briga pessoal. Depois dessa cortesia, mesmo se o homem morrer, seus parentes provavelmente aceitarão a indenização sem muita relutância. Se um homem morre muitos anos depois de ter sido ferido, a morte é atribuída a essa ferida, mas, da mesma forma, o ressarcimento será aceito sem timidez e em escala reduzida. Quando um homem mata um vizinho, é freqüente que uma vaca seja paga imediata e apressadamente de modo que a comunidade possa continuar em paz. Não se deve supor, contudo, que a facilidade com que as disputas são resolvidas seja um indicio da falta de violenta indignação ou que a dificuldade com que são resolvidas constitua um indicio de indignação maior.

As disputas são resolvidas com certa facilidade num meio social restrito onde a distância estrutural entre os participantes é pequena, mas tornam-se mais difíceis de resolver quando o meio se expande, até atingirmos relações intertribais, onde nenhum ressarcimento é oferecido ou esperado. O grau de controle social sobre as disputas varia com o tamanho do segmento tribal, e os próprios Nuer freqüentemente explicaram-me esse fato. Disputas prolongadas e intensas podem ter lugar entre seções tribais terciárias, mas em geral faz-se um esforço para terminá-las, pois um segmento de tais dimensões possui um forte sentimento de comunidade, íntimos laços de linhagem e alguma

interdependência econômica. Contudo, é muito menos fácil deter uma disputa entre pessoas de seções terciárias diferentes do que deter uma outra numa aldeia ou entre aldeias vizinhas, onde se garante uma solução rápida e permanente; tendem a acumular-se disputas não solucionadas entre seções dessas dimensões. Esse é o caso especialmente quando não houve uma só morte resultante de uma briga pessoal, mas várias mortes durante uma luta entre as duas seções. Quando ocorreu uma luta entre seções tribais secundárias, há poucas probabilidades de vingança exceto uma luta generalizada, e as pessoas sentem menos necessidade de submeter-se à mediação já que têm menos contatos sociais e estes são de tipo temporário, pois a facilidade relativa com que as disputas são solucionadas constitui uma indicação da coesão da comunidade. Quanto maior o segmento envolvido, maior a anarquia que prevalece. As pessoas dizem que há pagamento da indenização de sangue entre seções tribais primárias, mas não se sente uma grande necessidade de pagá-la. A tribo constitui o último estágio nessa anarquia crescente. Ela ainda tem uma unidade política nominal, e sustenta-se que as disputas entre seus membros mais distantes podem ser resolvidas pelo ressarcimento, mas não raro elas não são resolvidas, e se muitos homens são mortos numa grande luta entre grandes seções, nada é feito para vingá-los ou para indenizar suas mortes. Os parentes ficam esperando até haver nova luta. O regimento político pode, em consequência, ser esticado a ponto de romper-se e a tribo separar-se em duas. A fenda entre as seções torna-se mais ampla até que elas têm muito pouco a ver uma com a outra, além de ocasionais unificações para saques; e as disputas entre seus membros são resolvidas, se é que chegam a sê-lo, com maior dificuldade e casualidade.

## VII

A probabilidade de um homicídio se transformar numa vendeta, sua força e suas possibilidades de solução, dependem, portanto, das inter-relações estruturais das pessoas envolvidas. Além disso, a vendeta pode ser vista como um movimento estrutural entre segmentos políticos por meio do qual é mantida a forma do sistema político nuer, que conhecemos. É verdade que apenas parentes agnatos próximos de ambos os lados são envolvidos imediata e diretamente, mas as disputas entre pessoas que pertencem às seções tribais diversas mais cedo ou mais tarde influenciam as inter-relações das comunidades inteiras a que pertencem.

Os parentes do morto tentam matar o *gwan thunga*, o assassino, mas têm também o direito de matar qualquer dos agnatos próximos (*gat gwanlen*). Eles não podem matar filhos do irmão da mãe, da irmã do pai ou da irmã da mãe do

assassino, porque essas pessoas não pertencem à linhagem do assassino. Também apenas as linhagens mínimas dos dois lados estão envolvidas indiretamente na disputa. Entretanto, a significação da disputa pode ser atribuída menos à facilidade de solução dentro dos grupos menores, do que às dificuldades de solução dentro dos grupos maiores, que participam indiretamente do conflito. Já foi dito que as pessoas envolvidas numa disputa não podem comer sob o mesmo teto, e, como um homem come em todas as casas de sua aldeia, os membros da aldeia são imediatamente alcançados pela proibição e passam a estar num estado de oposição ritual mútua. Todas as pessoas de uma aldeia estão em geral aparentadas de alguma maneira e também possuem um forte sentimento de comunidade, de modo que, se há alguma luta entre sua aldeia e outra em razão de uma disputa em que estão envolvidos alguns de seus membros, é provável que toda a aldeia venha a ser envolvida. Assim, nas danças, os homens de cada aldeia chegam em formação de guerra e mantêm uma linha ininterrupta por toda a dança, de tal modo que, se um deles for atacado, os demais encontram-se a seu lado e podem ajudá-lo. Pessoas que não são diretamente afetadas pela disputa podem, assim, ver-se forçadas a ajudar as partes principais.

Observamos, além disso, que a intensidade de uma disputa e o modo como é conduzida dependem do relacionamento estrutural das pessoas envolvidas dentro do sistema político. Não se pode tolerar uma disputa dentro de uma aldeia e é impossível manter uma por longo tempo entre aldeias vizinhas. Conseqüentemente, embora as brigas ocorram com maior frequência dentro de uma aldeia ou entre aldeias e acampamentos vizinhos, uma vendeta, no sentido de uma relação de partes entre as quais existe uma dívida não saldada de homicídio que pode sê-lo, ou pela vingança, ou pelo pagamento de indenização — um estado temporário de hostilidade ativa que não força a uma solução imediata, porém exige uma conclusão eventual — somente pode persistir entre seções tribais que estejam bastante próximas para manter relações hostis ativas e bastante distantes para que essas relações não impeçam contatos sociais essenciais de tipo mais pacífico. Uma disputa tem pouco significado a menos que haja relações sociais de algum tipo que possam ser rompidas e retomadas, e, ao mesmo tempo, essas relações precisam de uma solução eventual se é que não se quer um rompimento completo. A função da disputa vista sob esse prisma, é, portanto, manter o equilíbrio estrutural entre segmentos tribais opostos que estão, não obstante, fundidos politicamente quando comparados a unidades maiores.

Através da vendeta, seções inteiras são deixadas num estado de hostilidades mútuas sem que a hostilidade leve a guerras

frequentes, pois o objetivo da vingança direta limita-se a pequenos grupos de parentesco e os esforços para atingi-la não são incessantes. Há uma briga entre duas seções e algumas pessoas são mortas em ambos os lados. Apenas as linhagens que perderam um membro encontram-se num estado de vendeta direta com as linhagens que destruíram o membro; contudo, através da residência comum, do patriotismo local e de uma rede de laços de parentesco, as seções inteiras participam da inimizade que disso resulta, e o prosseguimento das disputas pode levar a mais lutas entre as comunidades envolvidas e a uma multiplicação de disputas entre elas. Assim, quando a seção *nyarkwuc* da tribo lou lutou contra a seção *leng*, a linhagem Lam e as pessoas que vivem com ela colocaram-se contra as linhagens Mar, Kwoth e Malual e as pessoas que vivem com estas; a linhagem *Mantiepni* colocou-se contra a linhagem *Dumien*, e assim por diante. Apenas essas linhagens mínimas envolveram-se umas com as outras nas disputas que resultaram, e não linhagens colaterais, embora tenham tomado parte em outros setores da luta; entretanto, a hostilidade entre as seções era comum a todos os membros. Um exemplo do que os Nuer pensam a esse respeito é dado por suas reações no acampamento de gado de *Muot Dir*, quando o governo fez reféns para forçá-los a entregar dois profetas. A queixa que eu mais ouvi foi que os reféns não pertenciam às linhagens dos profetas e, portanto, não estavam diretamente envolvidos na questão. O governo estava encarando o problema em termos territoriais, eles, em função do parentesco, de modo análogo às convenções de uma vendeta.

Além das obrigações rituais, dos deveres de parentesco, do sentimento de comunidade e outros, existe outra razão para que as vendetas entre pequenas linhagens, especialmente quando há muitas, desenvolvam-se até se tornarem estados de disputas crônicas e tendam a manter sentimentos de hostilidade entre comunidades. Conforme é explicado no Cap. 5, toda comunidade está associada a uma linhagem de tal modo que todas as pessoas na comunidade que não são membros da linhagem são assimiladas a ela nas relações políticas, as quais são, portanto, freqüentemente exprimitas em valores de linhagem. Daí uma vendeta entre pequenos grupos agnatos ser traduzida numa disputa, no sentido mais amplo, entre linhagens com que esses grupos estão associados através da expressão das relações perturbadas em função de sua estrutura, e as comunidades associadas às linhagens estarem envolvidas em hostilidades mútuas.

A hostilidade entre segmentos menores de uma tribo pode envolver os segmentos maiores das quais fazem parte. Uma briga entre duas aldeias pode, portanto, como já notamos, causar uma luta entre seções tribais secundárias, ou mesmo primárias. As inter-relações entre seções maiores são, de certo modo, ope-

radas pelas inter-relações entre seções menores. Quando uma seção na qual há disputas não resolvidas luta contra outra seção, todas as brigas são deixadas temporariamente de lado e toda a seção junta-se para a ação.

A vendeta é uma instituição política, sendo um modo aprovado e regulado de comportamento entre comunidades dentro de uma tribo. A oposição equilibrada entre segmentos tribais e suas tendências complementares de fundir-se e dividir-se — que vimos constituir um princípio estrutural — torna-se evidente na instituição da vendeta que, por um lado, dá vazão à hostilidade por uma ação ocasional e violenta que serve para manter as seções distanciadas, e, por outro lado, em virtude dos meios fornecidos para a solução, impede que a oposição se desenvolva até o rompimento total. A constituição da tribo precisa de ambos os elementos de uma disputa, a necessidade de vingança e o meio de solução. O meio de solução é o chefe da pele de leopardo, cujo papel iremos examinar mais adiante. Nós consideramos a disputa, portanto, como essencial para o sistema político, na forma como existe hoje. Entre tribos, somente pode haver guerra; e através da guerra, da memória da guerra e da potencialidade de guerra, as relações entre tribos são definidas e expressadas. Dentro de uma tribo, as lutas sempre produzem disputas, e uma relação de disputa é característica dos segmentos tribais e fornece à estrutura tribal um movimento de expansão e contração.

É claro que não existe uma distinção nítida entre lutar contra outra tribo e lutar contra um segmento da própria tribo. Os Nuer, contudo, ressaltam que a possibilidade de arbitramento e de pagamento de indenização de sangue por mortes resultantes de uma luta dentro de uma tribo transforma-a em *ter*, uma disputa, e que isso difere de uma luta entre tribos, *kur*, onde pretensões de ressarcimento não seriam reconhecidas. Ambas diferem do ataque contra os Dinka, *pec*, e dos duelos individuais, *dwac*, embora todas as lutas sejam *kur* em sentido genérico. Mas é óbvio que uma luta numa aldeia, que leva de imediato ao pagamento de ressarcimento pelas mortes, e uma luta entre tribos onde não há ressarcimentos por mortes são dois pólos distintos, e que, quanto mais nos distanciamos de uma comunidade de aldeias, as lutas entre seções tribais tornam-se mais semelhantes às lutas entre tribos, em virtude do ressarcimento ser efetuado cada vez com maior dificuldade e com menos frequência, de tal forma que, entre seções primárias, o valor tribal, o sentimento de que o ressarcimento pode e mesmo deve ser efetuado distingue, ele sozinho, as lutas entre seções das lutas entre tribos. Aqui, novamente, ressaltamos a conclusão de que o valor tribal é relativo à situação estrutural.

Ressaltamos, além disso, que as vendetas envolvem diretamente apenas umas poucas pessoas e que, embora por vezes

provocuem violências entre comunidades locais inteiras — uma disputa em sentido amplo —, os contatos sociais normais continuam apesar delas. Os fios do parentesco e afinidade, das filiações a conjuntos etários, e dos interesses militares e mesmo econômicos permanecem intactos; e esses fios funcionam como elásticos entre as seções, sendo capazes de considerável expansão pelas relações políticas conturbadas, mas sempre contendo as comunidades e mantendo-as enquanto um único grupo em relação a outros grupos do mesmo tipo. Como já explicamos, esses fios diminuem de número e força quanto maior a comunidade, mas eles se esticam até mesmo além das fronteiras tribais. Crescente anarquia e crescente dificuldade em solucionar vendetas, caminham passo a passo com a menor frequência dos contatos sociais de todo tipo. A coesão social aumenta à medida que o tamanho da comunidade diminui.

## VIII

É claro que existem disputas entre Nuer além das referentes a homicídios, mas elas podem ser tratadas com brevidade e em relação direta com o homicídio e a vendeta. Em sentido estrito, os Nuer não têm lei. Há ressarcimentos convencionais por danos, adultério, perda de membros, etc., mas não há qualquer autoridade com poder para pronunciar sentenças sobre tais questões ou para fazer cumprir veredictos. Na terra dos Nuer, os poderes legislativo, judiciário e executivo não estão investidos em quaisquer pessoas ou conselhos. Entre membros de tribos diferentes não há de se falar em ressarcimento; e, mesmo dentro de uma tribo, pelo que vi, os danos não são apresentados sob o que chamaríamos de forma legal, embora o ressarcimento por danos (*ruok*) seja pago algumas vezes. Um homem que acha ter sido prejudicado por outro, não pode processá-lo porque não existe tribunal para citá-lo, mesmo que este estivesse disposto a comparecer. Vivi em intimidade com os Nuer durante um ano e jamais ouvi uma questão ser apresentada perante um indivíduo ou tribunal de qualquer tipo e, além disso, cheguei à conclusão de que é muito raro que um homem obtenha ressarcimento a não ser pela força ou pela ameaça de empregar a força. A recente introdução de cortes governamentais, perante as quais, hoje, algumas vezes as questões são resolvidas, de modo algum invalida essa impressão, porque sabe-se muito bem que, entre outros povos africanos, são apresentadas questões perante cortes sob a supervisão do governo que anteriormente não foram resolvidas num tribunal, ou mesmo conciliadas, e como durante muito tempo depois da instituição de tais tribunais governamentais eles vêm operando lado a lado com os antigos métodos de fazer justiça.

Antes de discutir as principais características do processo legal nuer, desejo registrar que — segundo informações verbais, pois jamais observei o pro-

cedimento — uma das maneiras de solucionar disputas é usando como mediador o chefe da pele de leopardo. Assim, disseram-me que um homem cuja vaca tenha sido roubada pode pedir ao chefe da pele de leopardo que vá junto com ele pedir a devolução da vaca. O chefe vai na frente, com vários dos anciãos da aldeia, à casa do queixoso, onde lhe dá cerveja para beber. Mais tarde eles vão, com uma delegação da aldeia do queixoso, à aldeia do acusado, e também ali o chefe pode ser apresentado com um pouco de cerveja ou um bode. O chefe é considerado neutro e uma certa santidade é atribuída a sua pessoa, de modo que há poucas probabilidades da delegação ser ferida. Os anciãos visitantes sentam-se com os anciãos da aldeia do acusado e mais o chefe num dos estábulos e conversam sobre a questão em litígio. O dono do animal apresenta sua opinião e o homem que o roubou tenta justificar sua ação. Então o chefe, e qualquer outro que desejar, expressa sua opinião sobre o caso. Quando todos se manifestaram, o chefe e os anciãos retiram-se para discutir o caso entre si e para chegar a uma decisão comum. Os litigantes aceitam o veredicto do chefe e dos anciãos e, mais tarde, o dono do animal dá ao chefe um novilho ou um carneiro novo a menos que seja um homem muito pobre, quando então nada dá.

Se alguém tem um litígio com pessoa da mesma vizinhança, pode ir à casa do chefe da pele de leopardo local e pôr suas lanças no chão de seu estábulo. Um homem nunca poderia cravar sua lança no estábulo de um chefe, e, me disseram, se alguém assim procedesse um observador poderia apropriar-se dela pelo fato de que essa atitude demonstra desrespeito para com o chefe. Quando ambos já deram suas versões sobre o caso, o chefe e os anciãos discutem o caso fora do estábulo e retornam para informar os litigantes sobre a decisão. A pessoa que recebe uma decisão favorável entrega sua lança ao chefe que ou a dá para um amigo ou cospe nela e a devolve ao dono. Ficou evidente, pelo modo como meus informantes descreveram todo o procedimento, que o chefe dá sua decisão forjada numa linguagem persuasiva e não com um julgamento pronunciado com autoridade. Além do mais, enquanto o caráter sacro do chefe e a influência dos anciãos têm seu peso, o veredicto só é aceito em virtude de ambas as partes concordarem com ele. Nenhuma discussão pode ser estabelecida a menos que ambas as partes estejam preparadas para um compromisso e para submeter-se a um árbitro, sendo o papel do chefe o de mediador entre duas pessoas que desejam que outras os tirem de uma situação difícil que pode levá-los à violência. O homem contra quem se deu a decisão pode aceitá-la para honrar o chefe e os anciãos quando não o faria diretamente e sem a intervenção deles, dado que não perde prestígio ao aceitar o veredicto pronunciado. Se houver alguma dúvida sobre os fatos, pode-se empregar alguns juramentos, que pertencem à esfera das provocações, tais como fazer declarações juramentadas sobre a pele do leopardo do chefe.

Para que um litígio seja resolvido deste modo não apenas é necessário que ambas as partes queiram resolvê-lo amistosamente, como é também necessário que elas cheguem a um acordo durante a discussão. Ninguém pode obrigar uma parte a aceitar uma decisão e, de fato, não se pode chegar a uma decisão a menos que haja unanimidade, uma vez que os anciãos pertencem a ambos os lados em litígio. Assim, continuam discutindo até que todos tenham-se manifestado e que se haja chegado a um consenso.

Os cinco elementos importantes num acordo desta espécie através de negociações diretas por intermédio de um chefe são: 1. o desejo dos litigantes de resolver a disputa; 2. a santidade da pessoa do chefe e seu tradicional papel de mediador; 3. discussão completa e livre que conduz a um alto nível de concordância entre todos os presentes; 4. o sentimento de que um homem pode ceder face ao chefe e aos anciãos sem perder sua dignidade, quando não poderia ceder frente a seu oponente; e 5.

reconhecimento, pela parte perdedora, da justiça do caso apresentado pela outra parte.

Repto que não vi este método sendo utilizado e acrescento que penso que deve ser bem pouco usado, e isto somente quando as partes são vizinhos bem próximos e pertencem a comunidades ligadas intimamente por muitos laços sociais. Em teoria, qualquer membro de uma tribo pode obter reparação de um outro, mas não temos provas que nos levam a supor que tal reparação era freqüentemente obtida. Antes de resumir aquilo que julgamos constituir a natureza e o objetivo das relações legais entre os Nuer, lembramos uns poucos exemplos de atos típicos que conduzem à violência se não se obtém alguma reparação.

Quando um Nuer diz que uma pessoa roubou (*kwad*) um animal, ele quer dizer que essa pessoa levou-o sem permissão e furtivamente, e não quer dizer de modo algum que essa pessoa não deveria tê-lo levado. Numa tribo, um ladrão de gado sempre acha que está pegando aquilo que lhe é devido. Ele está saldando uma dívida (*nywad*) a seu modo, porque o homem que lhe deve o gado não o pagou de espontânea vontade. O problema legal, assim, consiste em saber se ele tem razão ao sustentar a existência da dívida e se deveria ter levado os animais que levou. É tão comum essa prática de a pessoa levar aquilo que lhe é devido, que se pode dizer que constitui um modo costumeiro de saldar dívidas. Assim, o gado referente ao pagamento final por homicídio é freqüentemente apanhado nos pastos e não raro ocorre que, quando um novio e sua família não entregam todo o gado que prometeram, os irmãos da mulher tentam apanhar os animais ainda devidos. Em outras circunstâncias, um homem rouba uma vaca que lhe é devida, às vezes utilizando os serviços de um mágico para encantar o dono a fim de que ele não guarde seu rebanho no dia planejado para o roubo por exemplo, é o que acontece com um homem que emprestou um boi para sacrifício por doença, no casamento de sua filha, em tempos de fome e assim por diante, e não recebeu uma viela de volta, embora o devedor possua uma. Tendo levado uma vaca do rebanho do devedor, ele está pronto a devolvê-la se receber, em troca, a viela devida. Neste caso, o devedor ou tentará roubar sua vaca ou dará início a uma discussão que resultará em seu pagamento de uma viela, recebendo a vaca de volta.

As únicas querelas numa aldeia ou acampamento com referência à prioridade de gado que testemunhei diziam respeito a obrigações de consangüinidade ou afinidade, e finalmente foram acertadas pelo fato de uma das partes ceder em virtude de seu relacionamento com a outra. Se um homem toma cabeças de gado de um parente consangüíneo ou de um vizinho, ele penetra em seu *kreal* e pega-as. Se o dono estiver com a razão, pode resistir: caso contrário, deixa o gado ir, pois sabe que aquele homem será apoiado pela opinião pública da comunidade. Se um homem pega algum gado de outro homem de uma aldeia diferente, adota táticas diversas. Com um ou dois amigos, fica vigiando o gado no pasto até surgir uma oportunidade. Nunca ouvi falar de que um Nuer roubasse gado de um companheiro de tribo simplesmente pelo fato de querer esse gado. Por outro lado, ele não hesita de modo algum em roubar vacas de pessoas pertencentes a tribos vizinhas e chega mesmo a ir com amigos a tribos vizinhas a fim de roubar-las. Este roubo (*kwad*) não é considerado, de modo algum, como algo errado.

Se um homem comete adultério, paga uma indenização de cinco vacas e um boi, a menos que o outro seja impotente; neste caso, o adultério pode reivindicar uma vaca no casamento da filha adultérina. Mesmo quando o marido não é impotente, se o adúltero pode provar que há fruto de seu adultério, pode re-

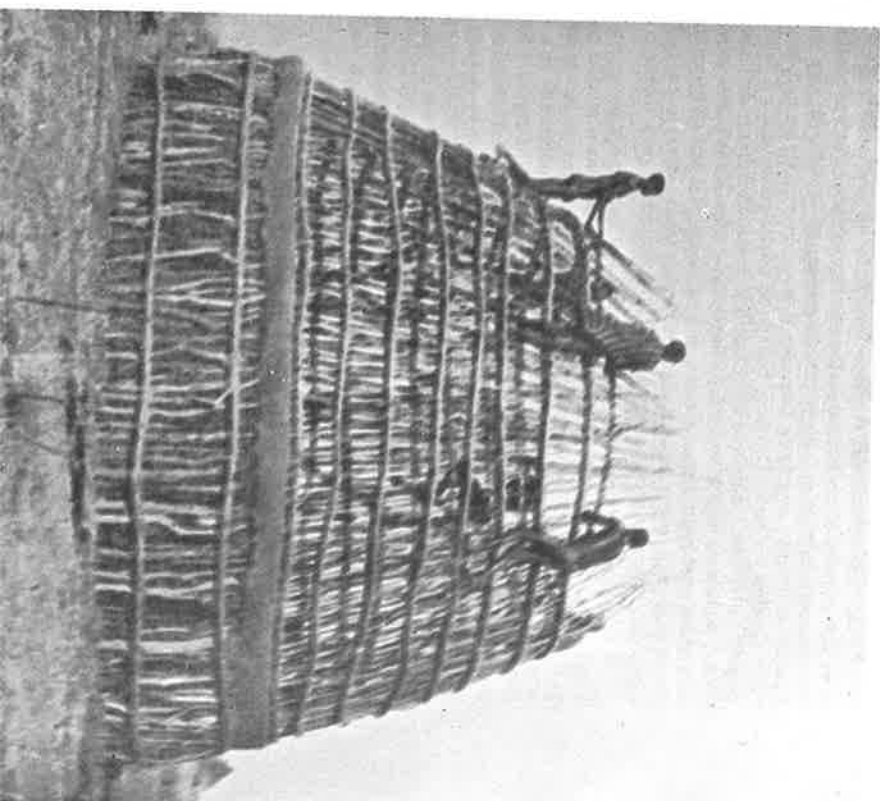
vindicar de volta o gado que pagou como indenização, com exceção de uma vaca que recebe o nome de *yang kite*, a vaca da pele-de-dormir, que tem um significado ritual. Mas o adulterio dentro de uma pequena comunidade local provavelmente é raro porque as pessoas se relacionam todas umas com as outras, e, portanto, um homem não apenas considera errado cometer adultério com as mulheres dos outros como isso seria também, num grau maior ou menor, incestuoso. Se os dois homens são consanguíneos próximos, o adúltero fornece um boi em sacrifício, mas dificilmente pagará uma indenização. Se não há parentesco ímimo, o marido pode tentar pegar o gado do adúltero, mas só dará este passo se de fato surpreender o ofensor cometendo o adultério. O adúltero, para evitar uma luta, foge, e, se teme que seu gado seja roubado, coloca-o no *kraal* de amigos e parentes. Isto dificulta que o marido leve o gado, pois, ainda que saiba onde estão as reses, não deseja envolver-se em litígio com vários de seus vizinhos por assaltar seus *kraals*. Os Nuer não consideram imoral cometer adultério com as mulheres de pessoas que vivem em outras aldeias. Se o marido descobre a ofensa, pode tentar tomar o gado do ofensor, mas agindo assim corre o risco de encontrar resistência, alguém morrer e daí resultar uma vendeta. Um rebanho é propriedade comum de vários irmãos, embora esteja dividido entre eles; e eles não aquiescem facilmente à perda de gado por causa de adultério. Pelo que vi, posso dizer que dificilmente um homem consegue reparação por adultério. Adultério com a mulher de um homem de outra tribo não tem importância alguma. Seja como for, o que poderia ele fazer?

Do mesmo modo, a relação sexual com moça casada é compensada com o pagamento de uma vitela e um novilho. Mas dificilmente o pagamento será feito. Se os parentes homens da moça sabem que ela está mantendo relações com um homem que possui gado e tem possibilidades de casar-se com ela, eles fecham os olhos. Se ele não tem gado algum ou se a moça já está comprometida e algum de seus irmãos os surpreende em flagrante, o irmão lutar com ele a menos que, como frequentemente acontece, o homem fuja, pois não se considera covardia fugir em circunstâncias desse tipo. Os parentes da moça podem ir ao *kraal* do homem e, se ele os possuir, pegar um bezerro e uma novilha, e, se forem bastante fortes, podem não encontrar resistência. Isso é o que os Nuer dizem, mas nunca vi ninguém pegar bezerro algum, embora após todas as danças tenha visto moços e moças se encontrarem e manterem relações sexuais promiscuas sem se esforçarem por ocultá-las. Frequentemente acontece um homem engravidar uma jovem solteira; neste caso, espera-se que case com ela. Os parentes da moça podem fazer uma incursão em seu *kraal* e apanhar algumas cabeças de gado, mas ele tentará evitar isso escondendo seus animais nos *kraals* de parentes e vizinhos. Se mais tarde vier a casar-se com a moça, o gado capturado vale como parte da riqueza apresentada no casamento; e se recusar o casamento, o gado vale como pagamento pela criança que vai nascer, de forma que em ambos os casos ele não paga indenização alguma mas apenas uma taxa para estabelecer seus direitos. Aqui novamente, para falar a verdade, é muito difícil que os irmãos da moça tomem esse gado, a menos que o homem lhes permita levá-lo, e sempre existe o risco de uma luta que pode tornar-se generalizada. Não se mantêm relações sexuais com moças de sua própria aldeia, pois geralmente existem relações de parentesco, de forma que, quando um problema dessa espécie surge, em geral envolve pessoas de diferentes aldeias do mesmo distrito. Se o jovem, no momento do incidente, conseguir não ser atingido na cabeça por uma maça e não aparecer na aldeia da moça durante alguns meses, é provável que acabe não pagando indenização alguma nem sofrendo qualquer outra consequência. Se engravidar a moça, em condições normais o rapaz envia um parente para dizer que pretende casar-se com ela. Neste caso, a moça é considerada comprometida, e o jovem torna-se genro dos pais da moça, e não se fere o próprio genro. Mesmo se ele se recusar a casar-se com a moça, os irmãos dela hesitarão em atacar o pai da criança.

É possível obter dos Nuer uma lista de indenizações por ferimentos nas pessoas; por exemplo: dez cabeças de gado por uma perna ou cabeça quebrada,

## II. XVIII:

Construção  
de um estábulo  
(Jikany orientais).



dez cabeças de gado pela perda de um olho, duas cabeças de gado pelos dentes quebrados de uma moça, etc. Por uma ferida na carne, embora grave, não há indenização a menos que a pessoa morra. Em diferentes partes da terra nuer o número de reses a ser pago como indenização varia. Não constatei caso algum em que alguém recebesse uma indenização dessas, exceto de um tribunal do governo, mas os Nuer alegam que a receberiam se seus parentes fossem suficientemente fortes para retaliar.

Conta-se que, outrora, se um homem morria devido à mágia, seus parentes tentariam matar o mágico (*gwan wal*), embora não tenha conseguido registrar nenhum caso de mágico que foi morto. Os Nuer ressaltam que um mágico não usa seu poder contra pessoas de sua comunidade, mas somente contra pessoas de outras aldeias, de modo que não é fácil vingá-lo. É muito apoiado por sua aldeia (que considera a mágia poderosa como um valor para a comunidade). Também se diz que, outrora, algumas vezes as bruxas (*perh*) eram assassinadas, embora não possa dizer com qual frequência isso ocorria, se é que chegou a ocorrer.

Muitas disputas originam-se da riqueza apresentada nos casamentos: os parentes do marido não pagam o que prometeram ou, havendo o divórcio, os parentes da mulher não devolvem todo o gado que receberam. Em tais circunstâncias, o devedor não nega o débito, mas apresenta uma pretensão contrária com um fundamento qualquer ou diz que não tem gado para saldá-la. É muito frequente que ele diga isso mesmo quando tem gado. O credor só pode ter certeza de receber o que lhe é devido se o tomar pela força do *kral* do devedor ou do rebanho do devedor quando está no pasto. Se ele for forte e tiver o apoio de uma linhagem poderosa, não encontra resistência, já que tem o direito a seu lado. Tais questões são resolvidas facilmente dentro de uma aldeia e entre pessoas que partilham de um acampamento comum na estação da seca, porque todos percebem que, através da discussão, deve-se chegar a algum tipo de acordo e que este deve ser justo. Contudo, quando as partes pertencem a aldeias diferentes, e talvez hostis, a solução não é tão fácil. Pode-se empregar da maneira já descrita o chefe da pele de leopardo, a fim de fazer com que as partes se reúnam para discutir e se possa chegar a algum entendimento, mas muitas dessas dividas jamais chegam a ser resolvidas. Elas são relembradas durante anos. Talvez algum dia, talvez na próxima geração, haja oportunidade para toubar o gado.

Se uma esposa morre na primeira gravidez ou no primeiro parto, o marido é responsável. Não se trata de principiar uma vendeta, mas o marido perde o gado que lhe foi pago pelo casamento, pois ele se transforma em indenização de sangue pela perda da mulher. O marido somente é responsabilizado se a morte ocorrer durante o parto, antes da expulsão das placentas. Se há algum desacordo quanto ao tipo de morte ou ao número de reses que ainda são devidas, soluçiona-se o problema através de um mediador, chamado *kua yilka* ou *kua yini*. "O chefe das estiras", função que pertence a certas linhagens. Esse homem não tem outros cargos e não se torna uma pessoa importante em virtude de seu papel de árbitro em questões desse tipo. É fácil obter indenização, pois o sogro tem a posse da riqueza apresentada no casamento. Existe, além de tudo, um laço de afinidade e é pouco provável que alguma das duas partes recorra à violência.

Empregando essas notas breves para exemplificar as tendências da lei nuer, podemos agora expor quais são essas tendências. Falamos de "lei", aqui, no sentido que parece mais adequado quando se está escrevendo sobre os Nuer, ou seja, uma obrigação moral de resolver questões por métodos convencionais, e não no sentido de procedimento legal ou instituições legais. E falamos apenas sobre a lei civil, pois não parece haver ações consideradas ofensivas a toda comunidade e punidas por

ela. Os informantes que disseram que algumas vezes as bruxas e os mágicos eram mortos, afirmaram que eram sempre indivíduos ou grupos de parentes que os emboscavam e os matavam como desforra.

O primeiro ponto a ser notado sobre a lei nuer é que ela não tem uma força uniforme dentro de uma tribo, mas é relativa à posição das pessoas na estrutura social, à distância que as separam, e acima de tudo, político. Em teoria, pode-se obter indenização de qualquer membro da tribo a que se pertence, mas, na verdade, há poucas possibilidades disso se ele não for também membro do mesmo distrito e um parente. Quanto mais ampla a área que contém as partes de um litígio, mais fraco o sentimento de obrigação de solucioná-lo e mais difícil a tarefa de fazer com que seja solucionado: e, conseqüentemente, menos possibilidades dele ser solucionado. No interior de uma aldeia, as diferenças entre as pessoas são discutidas pelos anciãos da aldeia, e paga, ou prometida, pois todos estão relacionados pelo parentesco e interesses comuns. Litígios entre membros de aldeias vizinhas, entre as quais existem muitos contatos sociais e outros vínculos, também podem ser resolvidos por acordo, porém com menos facilidade e maiores probabilidades de se lançar mão da força. Quanto mais nos aproximarmos da tribo, menores as possibilidades de solução. A lei tem pouca força para operar fora de um raio muito limitado e em parte alguma é muito eficaz. A falta de controle social a que freqüentemente nos referimos é assim mostrada pela fraqueza da lei, e as inter-relações estruturais dos segmentos tribais são vistas na relatividade da lei, pois a lei nuer é relativa como a própria estrutura.

Uma razão de peso para que haja poucas possibilidades de indenização entre membros de seções tribais secundárias ou terciárias diferentes é que a base da lei é a força. Não devemos nos deixar enganar pela enumeração dos pagamentos tradicionais por danos e supor que é fácil obtê-los, a não ser que a pessoa esteja preparada a usar a força. A clava e a lança são as sanções dos direitos. O que faz com que as pessoas paguem uma indenização é, principalmente, o medo de que o prejudicado e seus parentes apelam para a violência. Conclui-se que um membro de uma linhagem forte está em posição diversa da de um membro de linhagem fraca. As possibilidades de um homem obter indenização por danos também são menores quanto mais ele se distancia do homem que causou os danos, dado que a oportunidade para empregar a violência e a eficácia do apoio dos parentes torna-se menor à medida que aumenta a distância entre as partes. Já que as providências tomadas pela pessoa, com algum apoio da opinião pública, constituem a principal sanção, ela so-

mente funciona quando as pessoas encontram-se a uma distância onde podem atingir-se mutuamente. Esta constitui uma das razões principais da dificuldade de solucionar litígios quando as partes pertencem a seções tribais primárias ou secundárias.

A maioria dos litígios ocorre em aldeias ou acampamentos e entre pessoas de aldeias próximas, já que as pessoas que vivem perto umas das outras têm mais oportunidade de brigar do que as que vivem distanciadas. Essas brigas são em geral complicadas por aspectos de parentesco, afinidade, idade, etc., e não raro resultam de quebras de padrões específicos de comportamento social, mais do que de meras quebras de regulamentos sociais gerais. Em geral, portanto, são solucionadas em conformidade com esses padrões tradicionais. Contudo, se não forem solucionadas pela mediação de parentes, é provável que levem à violência, pois, como já observamos, os Nuer ficam logo dispostos a lutar quando sofrem algum dano ou insulto a menos que o parentesco, ou uma grande disparidade de idade, faça com que eles se contenham. Se alguém recusa-se a pagar indenização por danos, corre, portanto, um sério risco de ter seu crânio rachado por uma clava ou mesmo de ser atingido por uma lança se os ânimos estão agitados. E isso é o que acontece com frequência.

Por essa razão, dissemos que a lei nuer, enquanto aplicada a um estudo das relações políticas, deve ser tratada em conexão com a vendeta. Os litígios frequentemente podem ser solucionados por causa do parentesco próximo e outros laços sociais, mas entre membros da tribo enquanto tais eles são ou solucionados com o emprego da força pelo prejudicado (e isso pode resultar em homicídio e vendeta) ou com o devedor cedendo porque sabe que a força pode ser usada e daí resultar uma disputa. É o fato de saber que o Nuer é corajoso e irá resistir à agressão e fazer valer seus direitos com clava e lança que garante o respeito pela pessoa e pela propriedade.

Os Nuer possuem um agudo senso de direito e dignidade pessoal. A idéia de direito, *cuong*, é forte. Reconhece-se que um homem deve ser indenizado por determinados danos. Isso não contradiz a afirmação de que a ameaça de violência é a sanção principal pelo não pagamento da indenização, mas está de acordo com ela, pois os parentes de um homem somente o apoiarão se ele tiver direito. E sem dívida verdade que, um homem sendo fraco, é pouco provável que o fato de ter razão lhe permita obter qualquer satisfação, mas, se ele tiver razão, terá o apoio de seus parentes e seu oponente não — e é necessário a aprovação da comunidade a que se pertence e o apoio dos parentes a fim de lançar mão da violência ou enfrentá-la. Pode-se dizer que, se um homem tem o direito de seu lado e, como consequência, o apoio de seus parentes e se estes estão dispostos a empregar a força, ele tem

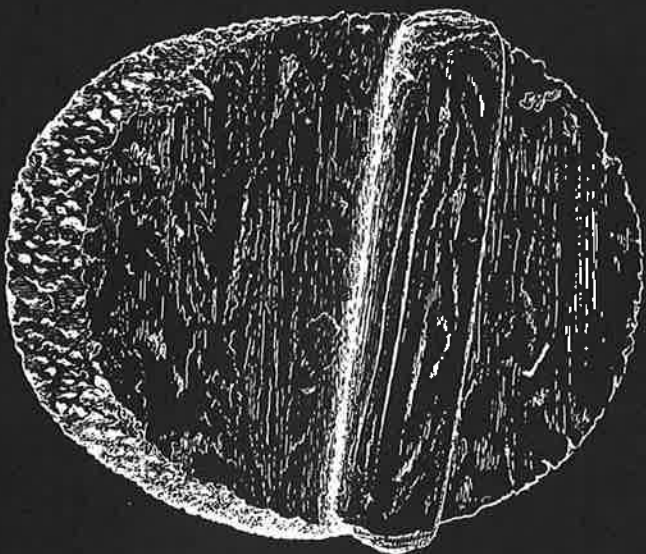


Fig. 12 — Mó de barro com rebolo de madeira.



boas probabilidades de obter o que lhe é devido, desde que as partes do litígio vivam perto uma da outra.

Quando dizemos que um homem tem razão, não queremos sugerir que os litígios se constituem principalmente numa nitida questão entre certo e errado. De fato, seria correto dizer que, em geral, ambas as partes têm razão até certo ponto, e a única pergunta que surge é "quem tem mais razão?" Colocando o problema de outro modo: um litígio nuer, via de regra, é um equilíbrio de danos, pois ninguém comete uma agressão — excetuando-se as questões sexuais — sem ser provocado antes. O Nuer não rouba a vaca de outro, fere-o com uma clava ou retém o gado apresentado no casamento depois de haver o divórcio, a menos que tenha alguma questão a resolver. Conseqüentemente, é muito raro que um homem negue ter causado algum dano. O que ele faz é procurar justificá-lo, de modo que a solução seja um ajuste de pretensões opostas. Um funcionário com ampla experiência em africanos contou-me que os acusados nuer são notáveis, pois é muito raro que mintam em casos levados aos tribunais do governo. Eles não precisam mentir, uma vez que estão apenas ansiosos por justificar o dano que causaram, mostrando que o mesmo constitui uma retaliação pelos danos causados anteriormente pelo queixoso.

## IX

As vendetas são resolvidas através do chefe da pele de leopardo, e ele desempenha papel de pouca importância na solução de disputas que não se originam de homicídios. Poder-se-ia supor que esse funcionário ocupa uma posição de grande autoridade, mas isso não é verdade. Com efeito, baseados nos mesmos fundamentos que dissemos não terem os Nuer lei, podemos dizer que eles tampouco têm governo. Dedicamos algumas linhas a esclarecer quais são as qualificações rituais do chefe da pele de leopardo e, depois, avaliamos o papel que ele desempenha nas vendetas e disputas.

As poucas referências feitas nos escritos dos primeiros viajantes sobre líderes nuer não sugerem que eles tenham sido pessoas de autoridade muito grande<sup>1</sup>. A ausência de quaisquer pessoas com autoridade suficiente ou, excetuando-se alguns profetas, com influência suficiente através das quais um sistema administrativo pudesse ser construído é apresentada em termos muito diretos pelos primeiros oficiais britânicos a penetrar na terra dos Nuer<sup>2</sup>. Os "xeques" descritos nesses primeiros rela-

tórios como não tendo autoridade são provavelmente as pessoas que mais tarde ficaram conhecidas, entre os europeus, como chefes da pele de leopardo. Um chefe da pele de leopardo, *kuar muon*, possui uma associação sagrada com a terra (*man*) que lhe dá certos poderes rituais em relação a ela, incluindo o poder de abençoar ou amaldiçoar. Entretanto, antes que se suponha que o poder de lançar maldições permita a um chefe empunhar grande autoridade, quero registrar, de imediato, que jamais observei um chefe exercer esse poder. Existem histórias contando os supostos efeitos de uma maldição, mas eu creio que, como regra, um chefe apenas se aventura a ameaçar proferir uma maldição quando ele oficia, em sua capacidade ritual, na solução das disputas, ocasiões em que se espera que ele faça isso, dado que a ameaça faz parte do procedimento. Hoje por certo os chefes não têm autoridade em virtude de seu poder de amaldiçoar. Ele também é chamado de *kuar twac* porque somente ele usa uma pele de leopardo (*twac*) nos ombros. Pode-se ver um chefe vestindo uma na fotografia feita por Corfield na II. XXIV. A palavra *kuar* possui associações rituais em todas as línguas nilotas, porém, sem discutir mais qual palavra poderia definir melhor seu objeto de referência na língua nuer, pretendemos referir-nos à pessoa em questão, como fizemos até agora, como um chefe, sempre fazendo a ressalva de que, com isso, não queremos dizer que ele possua alguma autoridade secular, porque sustentamos que seus atos públicos são notadamente rituais.

Não obstante, sua função é política, pois as relações entre grupos políticos são reguladas através dele, embora ele mesmo não seja uma autoridade política que tenha controle sobre elas. Suas atividades dizem respeito principalmente a pôr fim às vendetas, dado que estas não podem ser solucionadas sem sua intervenção, e é aqui que se encontra sua significação política. Os chefes por vezes impedem lutas entre comunidades, correndo entre as duas linhas de combatentes e levantando a terra com a enxada aqui e ali. Os mais velhos, então, tentam conter os jovens e chegar a uma solução da disputa através da discussão. Contudo, cremos que uma luta chega a ser impedida dessa forma somente quando os litigantes são vizinhos próximos e não estão de maneira alguma dispostos a matar-se entre si.

Além do papel que desempenham nas vendetas, os chefes executam rituais para purificar as pessoas envolvidas em relações incestuosas, e eles possuem um ligeiro poder de provocar chuva, embora os Nuer não atribuam muita importância a essa arte. Em linhas gerais, podemos dizer que os chefes nuer são pessoas sagradas, mas que isso não lhes confere qualquer autoridade genérica além de situações sociais específicas. Jamais vi um Nuer tratar um chefe com mais respeito do que trata outras pessoas ou falar deles como se fossem pessoas muito importantes. Os Nuer consideram-nos agentes através dos quais disputas de

1. WERNE, *op. cit.*, p. 207; PONCET, *op. cit.*, p. 40; BRUN-ROLLET, *op. cit.*, p. 222. O relato de Brun-Rollet é inaceitável.

2. Kaimakam G. Hawkes, *S.I.R.*, n. 98, 1902; Bimbashi H. GORDON, *S.I.R.*, n. 107, 1903.

um certo tipo podem ser resolvidas e violações de um certo tipo podem ser apagadas, e não raro ouvi comentários como este: "Nós os pegamos e lhes damos peles de leopardo, e fizemos deles nossos chefes para que digam as palavras nos sacrifícios por homicídios". Sua esfera ritual raras vezes estende-se além de uma seção tribal.

Somente determinadas linhagens são chefes e apenas alguns homens dessas linhagens o são efetivamente. Talvez seja significativo que, em muitas partes da terra nuer, incluindo a maioria da área que conheço, os chefes não pertenciam aos clãs dominantes nas tribos onde exercem suas funções, embora se diga que alguns deles são aristocratas nas regiões dos Gaajak do Leste, Gaawar e Leek. A maioria daqueles que conheço são dos clãs GAATLEAK e JIMEN, que em parte alguma têm *status* de aristocratas. Dado que as lutas entre seções tribais são expressas em termos de linhagens do clã dominante associado às seções, conforme será explicado no capítulo seguinte, o chefe, não ocorrendo qualquer posição no sistema de linhagens dominantes, está, por isso mesmo, mais capacitado a servir de mediador entre elas. Ele não é membro dos proprietários tradicionais do território tribal, mas sim um estrangeiro que vive em seu meio. Um chefe pode agir como tal em qualquer tribo que resida. Se um chefe é morto, as cerimônias relacionadas com o pagamento da indenização são realizadas por um aristocrata da tribo. Provavelmente isso ocorre porque, mesmo quando os chefes de uma área não são todos membros de um só clã, acredita-se que eles tenham uma espécie de parentesco através da insígnia comum da pele de leopardo e não podem casar-se com membros das famílias dos outros chefes. Consideramos os chefes como uma categoria de peritos em ritual e não achamos que formem, de algum modo, uma classe ou graduação. cremos que sua função social é um mecanismo pelo qual o equilíbrio do sistema político é mantido através da instituição da vendeta. A ligeira autoridade dos chefes e, em muitas regiões, sua posição externa aos clãs dominantes, confirma essa opinião.

Ao adotarmos a opinião de que considerar o chefe da pele de leopardo como um agente político ou autoridade judicial é compreender mal a constituição da sociedade nuer e estar cego para seus princípios fundamentais, temos de explicar o papel que ele desempenha na solução das vendetas. Afirmamos que ele não tem qualquer autoridade judicial ou executiva. Não é tarefa dele decidir sobre os méritos de um caso de homicídio. Jamais passaria pela mente de um Nuer que seria preciso um julgamento de alguma espécie. Da mesma forma, o chefe não tem meios de fazer com que as pessoas paguem ou aceitem o gado da indenização de sangue. Ele não tem parentes poderosos, nem o apoio de uma comunidade populosa para sustentá-lo. Ele é simplesmente um mediador numa situação social espe-

cífica, e sua mediação tem êxito apenas porque os laços comunitários são reconhecidos por ambas as partes e porque estas desejam evitar — ao menos por enquanto — mais hostilidades. Somente quando ambas as partes querem que o caso seja resolvido é que o chefe pode intervir com sucesso. Ele constitui o artífice que permite que os grupos normalizem um estado de coisas, quando desejam atingir esse objetivo.

É verdade que o chefe da pele de leopardo tem sempre, em tais circunstâncias, que persuadir por meio de exortações e ameaças os parentes do morto a aceitar um ressarcimento, mas essa pressão não deve ser considerada como uma ordem. Fica bastante claro, pelas muitas declarações dos Nuer sobre o assunto, que as ameaças do chefe são encorajadas ao máximo, a fim de que, cedendo à sua persuasão, os parentes do morto possam não desonrar-se por terem deixado de exigir uma vida pela vida de seu parente.

As ameaças de um chefe podem não ir além de dizer que se os parentes não querem ouvir-lo, nem ele ouvirá a eles quando se encontrarem em dificuldade semelhante. Mas disseram-me que, se as pessoas recusam a mediação com obstinação indevida, o chefe pode ameaçar sair de suas casas e amaldiçoá-los. Ele, então, pega um boi e esfrega seu lombo com cinzas, dirige-se a ele, dizendo que, se a parte prejudicada insistir na vingança, muitos deles serão mortos na tentativa e eles atrairão as lanças contra seus inimigos em vão. Disseram-me que ele então ergue a lança para abater o animal, momento em que as pessoas não o deixam prosseguir mais. Tendo afirmado seu orgulho de parente, um membro da família do homem morto agarra o braço erguido do chefe para impedir que atinja o boi, dizendo: "Não! Não mate seu boi. Está tudo acabado. Nós aceitaremos o ressarcimento". Meu informante, cujas afirmações foram confirmadas por outros, acrescentou que se as pessoas insistem em recusar a mediação do chefe da pele de leopardo, este toma um boi de chifres curtos e, depois de ter invocado deus, abate-o e esfrega os pêlos da cabeça do boi até gastá-los, para que os membros da linhagem que rejeitou sua mediação morram ao darem prosseguimento à disputa.

Concluímos, portanto, que a maldição de um chefe não é, em si, a sanção real da falta de solução, mas sim uma operação ritual, convencional, na solução das disputas, solução que é conhecida antecipadamente por todos e já entra, assim, em seus planos. A ameaça nela existente é forçada por aqueles sobre os quais ela iria recair se fosse concretizada. Essas questões são como jogos nos quais todos conhecem as regras e as etapas de desenvolvimento: quando se espera que se abra mão, quando ficar firme, quando ceder no último momento, etc. Essa conclusão baseia-se em muitas afirmações. (Somente uma vez estive presente durante as discussões entre um chefe e os parentes de um homem assassinado, e então as circunstâncias eram incomuns.) Pode-se, contudo, dizer com certeza que nenhuma quantidade de pressão por parte do chefe da pele de leopardo — se chegar a exercê-la — pode resolver as vendetas rapidamente, se é que pode, entre seções tribais maiores. Em outras disputas, o chefe age raras vezes, e somente quando ambos os

lados desejam firmemente uma solução. Ele não tem jurisdição para ouvir casos num distrito. Aqui, mais uma vez, disseram-me que, se uma das partes não aceitar a decisão dele enquanto árbitro, ele pode entregar sua pele de leopardo ao homem que recusa, ação que equivale a uma maldição. O homem, então, terá de fazer um presente ao chefe antes de que este consinta em tomar sua pele de volta. Contudo, isso provavelmente só acontece quando um homem se recusa a aceitar uma decisão com que todos os demais, incluindo os anciãos de sua própria aldeia, já concordaram. Disseram-me que, ao discutir as palavras de um chefe, um homem agirá respeitosamente, primeiro cuspidando nas mãos do chefe como sinal de boa vontade. Não há dúvida que se demonstra respeito pelo chefe nessas ocasiões, mas os chefes que eu vi eram tratados na vida quotidiana como qualquer outro homem e não há meios de dizer se um homem é chefe observando o comportamento dos demais em relação a ele. Seu papel nos litígios pode ser considerado um meio pelo qual os vizinhos, que desejam ver resolvida uma dificuldade sem o uso da força e reconhecem que o outro lado tem boas razões, podem negociar.

## X

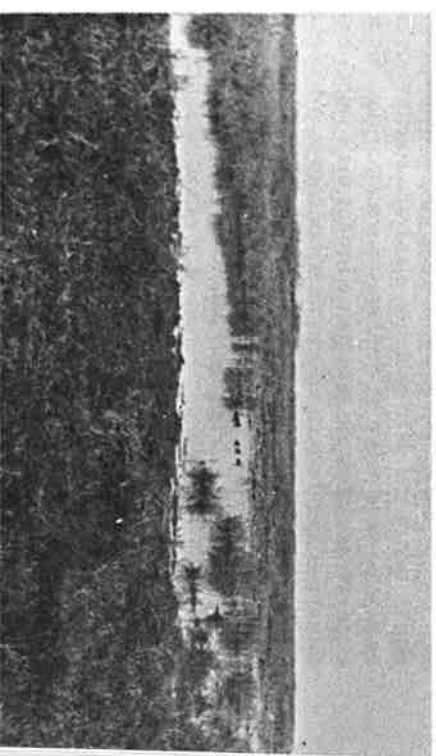
Consideramos a posição do chefe da pele de leopardo com algum vagar porque ela é estruturalmente importante. Ele de maneira alguma representa ou simboliza a unidade e exclusividade dos grupos políticos; mas é somente um artifício pelo qual, através da instituição da disputa, esses grupos interagem e mantêm sua distância estrutural. Existem outras pessoas na terra dos Nuer com poderes rituais de um tipo ou de outro, poderes que algumas vezes tornam um homem conhecido e, ocasionalmente, muito influente; nenhuma delas, porém, é politicamente importante, à exceção dos profetas, cujas atividades discutiremos mais adiante. Eles não governam, nem julgam, e suas funções sagradas não são, como as do chefe da pele de leopardo, especificamente relacionadas à interação de grupos locais. Contudo, não passamos totalmente por cima deles, porque os poderes sagrados freqüentemente dão a um homem prestígio, em virtude do qual ele pode chegar a atingir um destaque local enquanto ancião importante, se os poderes são combinados com riqueza, habilidade e amplas conexões de parentesco.

Ao lado dos profetas e chefes da pele de leopardo, o *status* ritual que traz consigo maior prestígio é o de *wur ghok*, o Homem do Gado. Certas linhagens possuem poderes rituais hereditários em relação ao gado e são chamadas para curar animais doentes e tornar férteis as vacas estéreis, embora apenas alguns membros dessas linhagens empreguem seus poderes. Tal como os chefes da pele de leopardo, os Homens do Gado muitas vezes são membros de linhagens estrangeiras e não do clã aristocrático de sua tribo. Disseram-me que a maldição que



a)  
Acampamento  
de gado (Leek).

b) Depressão pantanosa  
típica em novembro  
(Jikany ocidentais).



podem lancar é temida, já que pode ser dirigida contra o gado, e que os Nuer não gostam de ofendê-los; porém, fora da tradição, não registrei qualquer ocasião em que tenha sido lançada. Além daqueles poucos Homens do Gado que desempenham um papel na regulação dos conjuntos etários (ver Cap. 6) e daqueles que algumas vezes são consultados a respeito da migração para novos pastos, eles não têm funções públicas. Um *wur ghok* do Gajajok do leste ficou muito rico e poderoso há uma geração, mas seu prestígio devia-se grandemente a sua habilidade mágica.

Além do *kuag nuon*, que tem um relacionamento ritual com a terra, e do *wur ghok*, que tem um relacionamento ritual com o gado, há uma série de especialistas totêmicos cuja conexão ritual com leões, crocodilos, pássaros, etc. permite-lhes influenciar o comportamento destas criaturas. Um especialista totêmico é possuidor (*gwan*) do espírito (*kwot*) de seu totem. Especialistas totêmicos não possuem significação política e não possuem influência social unicamente em razão de seus poderes. Existe um especialista em guerra cuja função é sacudir uma lança na frente do inimigo e fazer uma invocação contra ele. É chamado de *gwan nuot*, possuidor da lança, ou *ngul*, e freqüentemente, talvez sempre, é membro de uma linhagem mais velha do clã dominante da tribo, pois ele invoca a lança pelo "nome de lança" do clã. Há também mágicos de vários tipos: curandeiros, adivinhos, donos de remédios e donos de fetiches. Dentre esses especialistas, somente os donos de fetiches tornam-se membros de destaque de suas comunidades devido a seus poderes rituais. Os Nuer têm muito medo dos espíritos dos fetiches e acreditam que são tão poderosos que poderão mesmo comprá-los com gado. Um dono de fetiche pode tornar-se o homem mais influente da aldeia, e fiquei surpreso com o respeito e medo com que seus vizinhos algumas vezes o tratam. Não obstante, ele não tem autoridade definida no controle das relações que os moradores da aldeia mantêm entre si, nem representa a aldeia nas relações desta com comunidades vizinhas.

## XI

O *status* ritual dá a um homem uma vaga influência em sua localidade; mas autoridade, somente em situações rituais específicas. Sexo e idade são dois atributos, mais gerais, condicionadores de influência local. Mulheres e crianças têm sempre posição inferior à dos homens. Eventualmente algumas mulheres obtêm renome como profetas e mágicas, porém, via de regra, elas não desempenham um papel de destaque nos negócios públicos. Entre os Nuer, as relações entre os sexos, e entre marido e mulher, são mais equitativas e dão às mulheres mais privilégios do que em qualquer outra tribo que eu tenha visitado no Sudão meridional. Não obstante, elas estão sujeitas aos homens: as filhas a seus pais e as mulheres a seus maridos. Os meninos estão sob as ordens de seus pais e irmãos mais velhos e somente tornam-se membros completos da tribo, com os privilégios e responsabilidades que isso acarreta, quando da iniciação. As relações entre os sexos e entre crianças e adultos pertencem mais a uma descrição das relações domésticas do que a um estudo das instituições políticas.

Quando um rapaz passou pela iniciação, ele se torna "um homem", e quando casou e gerou vários filhos ele se torna "um verdadeiro homem", o que chamamos de um ancião. Já mencionamos algumas vezes o papel desempenhado pelos anciãos em

homicídios e outras disputas. Quando uma comunidade local age de modo cooperativo e é preciso liderança e conselhos, essas funções ficam com os mais velhos. Eles decidem quando as mûdanças periódicas devem ser feitas e onde devem ser formados os acampamentos, negociam casamentos, aconselham quanto a questões de exogamia, realizam sacrifícios, e assim por diante. Suas opiniões sobre tais questões são prontamente aceitas pelos homens mais jovens, que pouco participam da discussão, a menos que estejam diretamente envolvidos no assunto. Quando os mais velhos discordam, há muita discussão e gritaria, pois toda pessoa que deseja falar, o faz com tanta freqüência e em voz tão alta quanto quer. As palavras de alguns dos anciãos contam mais do que as palavras de outros, e pode-se observar facilmente que as opiniões deles em geral depararam com a concordância de todos.

Estes mais velhos são membros de conjuntos etários centrais, na atualidade os *Maker* e *Dangunga*, pois os membros dos conjuntos mais velhos, os *Thut* e *Boïoc*, não participam muito da vida pública. Discutimos, no Cap. 6, as relações entre os conjuntos etários. Aqui ressaltamos apenas que não existe uma autoridade constituída dentro de cada conjunto, tendo todos os membros uma mesma condição, e embora os membros dos conjuntos mais jovens respeitem os dos conjuntos mais velhos, a autoridade dos homens velhos é pessoal, muito indefinida e baseia-se numa analogia com as relações domésticas dentro da família. O comportamento entre os indivíduos é influenciado pela distância entre eles dentro do sistema de conjunto etário, mas os conjuntos etários não constituem uma instituição política no sentido de um sistema que tenha uma organização administrativa, militar ou judiciária.

A idade, só por si, não atribui a um homem uma posição social. Ele deve ter outras qualificações. Os mais velhos com maior influência são os *gar* *twot*, os filhos dos touros. Um homem desses é chamado *tut*, touro, e em sentido estrito isso equivale a *dil*, aristocrata tribal. Como se explicará amplamente no Cap. 5, um *dil* é um membro do clã dominante em cada tribo e, em virtude dessa sua qualidade, tem, nessa tribo, uma posição social levemente superior. Este clã não constitui uma classe governante e o prestígio elevado de seus membros é muito indefinido. O sistema de clãs não tem liderança hereditária; uma linhagem mais velha não se coloca acima das outras; não existe um "pai do clã"; e não existe um "conselho dos mais velhos do clã". *Tut* é também usado num sentido mais amplo, referindo-se aos homens de posição social que não pertencem ao clã dominante mas a outras linhagens que há muito tempo estão domiciliadas na tribo. Neste sentido mais amplo, de "homem de boa posição" ou "líder social", um *tut* é um descendente de uma linhagem importante, o cabeça de sua própria família, e

senhor de sua casa e seu rebanho. Geralmente, é também o sobrevivente mais velho da família de seu pai e, portanto, também o cabeça da família conjunta, o senhor da aldeia. Para obter uma reputação social, deve possuir também um número suficiente de vacas para poder sustentar hóspedes e atrair os parentes jovens para residir em seu estábulo. Ao redor da casa desse homem dispõem-se as casas de seus irmãos e filhos casados e, muito freqüentemente, as casas dos maridos de suas irmãs e de suas filhas. Para ser um líder social, cuja opinião é prontamente acatada, deve ser também um homem de caráter e habilidade.

A autoridade de um *gar twot* ou *tut wec*, "touro do acampamento" como é freqüentemente chamado, nunca é formal. Não tem uma condição definida, poderes ou esfera de liderança. Linhagem, idade, a condição de mais velho na família, maior número de filhos, alianças por casamento, riqueza em gado, proezas como guerreiro, habilidade oratória, caráter e, freqüentemente, poderes rituais de algum tipo, tudo isto se combina para produzir uma personalidade social de destaque que é encarada como cabeça de uma família conjunta e de um aglomerado de parentes cognatos e por afinidade, encarado como líder na aldeia e no acampamento, e uma pessoa importante na vaga esfera social que chamamos de distrito. É fácil de perceber, numa aldeia ou acampamento, quem são seus líderes sociais, e são essas pessoas que fornecem à administração a maior parte dos chefes governamentais, pois a influência do chefe da pele de leopardo restringe-se principalmente ao âmbito de suas funções rituais e somente se ele for também *gar twot* é que ele terá influência para além destes limites.

No entanto, quando indagamos de que maneira um *tut* atua como líder em sua comunidade, é difícil obter a resposta. Como homem principal de sua família e da família conjunta, ele assume um lugar de destaque na resolução dos assuntos desses grupos, mas nem por isso pode-se dizer que tenha uma autoridade política, pois estes grupos domésticos atuam independentemente dos outros na aldeia, embora algum tipo de coordenação se imponha a eles em virtude de suas exigências comuns. A conselho de seu *tut*, uma família conjunta decide mudar de acampamento e espera-se que o *tut* crave as primeiras estacas no novo acampamento, se ele está presente, mas as outras famílias conjuntas do mesmo acampamento podem decidir mudar-se apenas no dia seguinte. A liderança numa comunidade local consiste na decisão de um homem influente em fazer alguma coisa e em ser seguido pelas pessoas das outras aldeias de acordo com suas conveniências. Quando os membros da aldeia cooperam entre si, não há líder designado para organizar suas atividades. Se alguns membros de uma aldeia são atacados, os outros correm em sua ajuda, chefiados pelo mais esperto e mais

corajoso, mas não existe uma pessoa que os conclame a assim agir ou que organize sua resistência. Uma aldeia é uma unidade política num sentido estrutural, mas não tem organização política. Não existe um cabeça ou líder investido com alguma autoridade que simbolize sua unidade, e tampouco nenhum conselho da aldeia. Além de seus grupos domésticos, um *tut* só tem autoridade em sua aldeia apenas na medida em que assume um papel preponderante nas questões de procedimento e outras discussões. Fora de sua aldeia, é uma pessoa muito conhecida, geralmente respeitada em seu distrito, mas sem uma posição política.

Em grupos mais amplos que o acampamento e a aldeia, há bem menos coordenação de atividades e menos oportunidades para lideranças. Apenas em tempos de guerra existe alguma cooperação direta prolongada. Os homens notáveis por suas proezas e habilidade provocam entre os jovens o entusiasmo por uma investida contra os Dinka ou uma luta contra outra seção da tribo, e dirigem as táticas simples utilizadas, mas estes homens não têm uma posição política nem uma liderança permanente. Os guerreiros mobilizam-se em divisões locais esco-lhidas por eles mesmos, pois não existem regimentos e companhias sob o comando de oficiais e, na luta, seguem o mais atrevido e o mais corajoso dentre eles mesmos. Alguns destes guerreiros obtêm renome e sua reputação rapidamente atrai recrutas para tais investidas. Dois dos mais famosos líderes de guerra eram Latjor, que conduziu as tribos jikany, e Bidit, que conduziu os Lou, em direção a leste. Nenhum deles tinha qualquer qualificação ritual, mas eram ambos homens de destacada habilidade e membros dos clãs dominantes de suas tribos. Os Nuer não dizem se estabeleceram algum controle político ou mesmo se tiveram muita autoridade em suas tribos. O papel dos profetas na guerra será examinado posteriormente. Entre segmentos tribais não há atividades conjuntas que requeriram organização e direção.

## XII

A ausência de órgãos de governo entre os Nuer, a ausência de instituições legais, de liderança desenvolvida e, em geral, de vida política organizada é notável. O estado por eles formado é um estado por parentesco e acéfalo, e somente através de um estudo do sistema de parentesco é que se pode compreender como se mantém a ordem e como se estabelecem e se conservam as relações sociais em amplas áreas. A anarquia ordenada em que vivem combina muito bem com seu caráter, pois é impossível viver entre os Nuer e conceber a existência de pessoas que os governem.

O Nuer é produto de uma educação árdua e igualitária, é profundamente democrático e facilmente levado à violência. Seu espírito turbulento considera toda limitação aborrecida e ninguém reconhece um superior. Riqueza não faz diferença alguma. Um homem com muito gado é invejado, mas não tratado de modo diferente do de alguém com pouco gado. O nascimento não faz diferença alguma. Um homem pode não ser membro do clã dominante de sua tribo, pode ser mesmo de descendência *dinka*, mas se alguém aludir a esse fato correrá o grave risco de receber um tacapão.

O fato de que todo Nuer se considera tão bom quanto seu vizinho é evidente em todos os seus movimentos. Pavoneiam-se como se fossem os senhores da terra, coisa que de fato se consideram. Não existe senhor e servo em sua sociedade, apenas iguais que se consideram a mais nobre das criações de Deus. O respeito de um pelo outro contrasta com seu desprezo por todos os outros povos. Entre eles mesmos, a mais leve suspeita de uma ordem irria a pessoa e ela, ou não a executa, ou a executa de um modo casual e demorado que é mais insultante que uma recusa. Quando um Nuer quer que alguém lhe faça alguma coisa, pede um favor a um parente, dizendo: "Filho de minha mãe, faça isto e aquilo", ou inclui a si mesmo na ordem, dizendo: "Partamos!". "Que as pessoas voltem para casa", e assim por diante. Em seu relacionamento diário com seus companheiros, um homem demonstra respeito pelos mais velhos, por seus "pais" e por certas pessoas de condição ritual, dentro do círculo de sua referência, na medida em que não incomodem sua independência, mas não se submeterá a qualquer autoridade que entre em choque com seus interesses e não se considera obrigado a obedecer a ninguém. Uma vez eu estava discutindo os Shilluk com um Nuer que havia visitado a terra deles, e ele observou que: "Eles têm um grande chefe, mas nós não. Esse chefe pode mandar buscar um homem e pedir uma vaca, ou pode cortar a garganta de um homem. Quem já viu um Nuer fazer isso? Quem já viu um Nuer aparecer quando alguém mandou buscar por ele ou quem já viu um Nuer pagar uma vaca a alguém?".

Descobri no orgulho do Nuer uma fonte inesgotável de surpresas. É tão notável quanto sua indiferença e reticência. Já descrevi como os Nuer interrogam minhas perguntas. Menciono aqui três incidentes típicos do modo cavalheresco com o qual me trataram. Numa ocasião indaguei qual o caminho para um certo lugar e fui deliberadamente enganado. Voltei magoado para o acampamento e perguntei às pessoas por que me haviam indicado o caminho errado. Um deles respondeu: "Você é um estrangeiro, por que deveríamos apontar o caminho certo? Para um Nuer que nos fosse estranho e que perguntasse pelo caminho, nós diríamos 'Continue em frente por aquele caminho', mas não lhe diríamos que o caminho se bifurca mais adiante. Por que deveríamos dizer? Mas agora você é membro de nosso acampamento e é amável com nossas crianças, portanto no futuro lhe mostraremos o caminho certo".

Nesse mesmo acampamento, ao final de minha estada, quando eu estava doente e estava sendo removido de vapor, pedi às pessoas que carregassem minha barraca e meus pertences para a margem do rio. Recusaram-se, e eu e meu criado, um jovem Nuer, tivemos de fazer tudo nós mesmos. Quando lhe perguntei por que estavam tão rudes, respondeu: "Você lhes disse para levar suas coisas para o rio. Foi por isso que recusaram. Se você lhes tivesse dito 'Filhos de minha mãe, ajudem-me' não teriam recusado".

Uma ocasião, alguns homens me deram informações sobre suas linhagens. No dia seguinte esses mesmos homens me visitaram e um deles me perguntou: "Você acredita no que lhe contamos ontem?" Quando respondi que havia acreditado cairam na risada e chamaram os outros para vir e se divertirem também.

Então um deles disse: "Escute, o que lhe contamos ontem não tem sentido. Agora vamos contar a verdade". Poderia relatar muitas outras histórias assim.

Os Nuer têm sido correntemente descritos como ríspidos, e muitas vezes são grosseiros e bruscos entre si mesmos e especialmente com estrangeiros. Mas se são aborrecidos sem uma sugestão de superioridade não recusam amizade, e no infortúnio e na doença se mostram amáveis e gentis. Em momentos assim permitem-se demonstrar uma simpatia que seu orgulho outras vezes esconde, pois mesmo quando um Nuer aprova alguém não pode suportar que se perceba isso e tornam-se ainda mais truculentos para ocultar sua amizade. Nunca se mostram bajuladores ou servis. Quando um Nuer quer um presente, ele o pede diretamente, e se você recusa, ele continua de bom humor. O único teste de caráter deles consiste em saber se alguém se aguentava por si só. Quanto mais se vive seu tipo de vida e quanto mais se aceita seus valores, mais se sobe na escala dos Nuer.

Se se deseja viver entre os Nuer, deve-se fazê-lo nas condições deles, o que significa que se deve tratá-los como uma espécie de parente, e então eles nos tratarão como uma espécie de parente. Direitos, privilégios e obrigações são determinados por parentesco. Ou uma pessoa é um parente, ou de fato ou por ficção, ou é uma pessoa com a qual não se mantém obrigações recíprocas e neste caso é tratada como um inimigo em potencial. Todos numa aldeia e distrito são parentes, de um modo ou de outro, nem que seja por assimilação linguística, de modo que, exceto com relação a um andarilho sem casa e desprezado, um Nuer só se associa com pessoas cujo comportamento para com ele se faz sobre o padrão do parentesco.

Parentes devem ajudar-se mutuamente, e se se tem um excedente de algum bem, deve-se dividi-lo com os vizinhos. Por conseguinte, Nuer algum tem sobras. Mas o europeu tem excedentes e se seus pertences são de alguma utilidade para os Nuer, deve dividi-los, na opinião deles, com as pessoas com quem está vivendo. Viajantes muitas vezes comentaram que os Nuer os aborreceram com pedidos de presentes. Mas fazem os mesmos pedidos entre si com a mesma persistência. Não se espera que Nuer algum divida seu gado ou sua propriedade doméstica e, a não ser em circunstâncias especiais, ninguém fará pedidos desse tipo. Mas se um homem possui várias lanças ou enxadas ou outros objetos desse tipo, inevitavelmente ficará sem parte deles. Deng, um chefe do governo e um homem de posição, me contou, quando eu estava deixando sua aldeia no rio Pibor, que ele estava agradecido pelas lanças de pesca que eu havia distribuído entre seus parentes, mas acrescentou que não poderiam ficar com elas quando seus parentes de Fadoi viessem passar no Pibor a próxima estação das secas.

O único modo de ter tabaco entre os Nuer é negar que se tem tabaco e mantê-lo bem escondido. Quando dei a Deng um bom pedaço de tabaco anank, ele conseguiu pôr um pouquinho em seu cachimbo, mas de imediato teve de distribuir o que restou. Quando dava tabaco a jovens em Yakwar, eles geralmente ficavam com um pouco para cheirar e pediam-me que escondesse o resto, de modo que pudessem voitar e pegar mais quando quisessem sem que se soubesse que tinham fumo. Eu tinha escondenijos por toda minha tenda. Nuer algum resiste a pedidos de tabaco por parte de seus parentes. Companheiros da mesma idade nem mesmo pedem tabaco: se o encontram no estábulo de alguém, simplesmente se apossam dele. Meu próprio sistema era dar logo na primeira oportunidade tudo aquilo que eu possuía e que os Nuer podiam desajear, e ficar depois na pobreza e em paz. Os mercadores árabes são quase levados à loucura com os pedidos que os Nuer fazem de presentes, mas geralmente falam bem o nuer e têm um conhecimento considerável dos hábitos nuer, de modo que conseguem aguentar e esquivar-se dos pedidos. Não obstante, verifiquei que se dá presentes mesmo quando não se espera nenhuma compensação.

Os Nuer são muito firmes a respeito de seus direitos e posses. Tomam com facilidade, porém dão com dificuldade. Esse egoísmo deriva de sua educação e da natureza das obrigações de parentesco. Uma criança logo aprende que,

para manter-se em pé de igualdade com seus pares, ela deve resistir sozinha a todo abuso sobre sua pessoa e sua propriedade. Isto significa que se deve estar sempre preparado para lutar, e sua disposição e habilidade em fazer isto são as únicas proteções de sua integridade como pessoa livre e independente contra a anarquia e a opressão de seus parentes. Estes o protegem contra os estrangeiros, mas deve resistir a suas exigências por si só. As exigências feitas a uma pessoa em nome do parentesco são incessantes e imperiosas, e o Nuer resiste a elas ao máximo.

## XIII

Algumas lembranças pessoais e impressões gerais foram registradas na seção anterior a fim de que se compreenda quais são os sentimentos do Nuer a respeito da autoridade. É por isso que é notável o fato de se submeterem tão facilmente a pessoas que dizem possuir certos poderes sobrenaturais. Os fetiches são de introdução recente na terra nuer e inspiram muita apreensão entre eles, de modo que nos últimos anos os que os possuem muitas vezes ganharam muito prestígio em suas aldeias e se fizeram temidos em seus distritos e, ocasionalmente, mesmo em amplas seções tribais. Estes possuidores de fetiches, no entanto, não são de modo algum líderes tribais, e não se podem comparar em importância social aos profetas.

Devido ao fato de os profetas nuer terem sido focos de oposição ao governo, eles caíram em desgraça e os mais influentes estavam detidos ou escondidos durante minhas visitas à terra nuer de forma que não pude fazer observações mais detalhadas a respeito de seu comportamento<sup>3</sup>. Sem discutir as categorias religiosas dos Nuer, pode-se dizer que um profeta é um homem possuído por algum dos espíritos do céu, ou deuses, que os Nuer consideram como filhos do Deus-Céu. Os Nuer têm muito respeito por estes espíritos e os temem, e seguem facilmente os que são possuídos por eles. Por conseguinte, os profetas conquistaram uma santidade maior e uma influência mais ampla do que qualquer outra pessoa na sociedade nuer. Um profeta é conhecido como *gak* e às vezes designado por *cof kwoth*, família de Deus. Participa também da categoria geral do *gwani kwoth*, possuidor de um espírito.

O primeiro profeta a ter conseguido grande influência parece ter sido Ngundeng, que morreu em 1906. Pertencia à tribo lou do clã GAATLEAK, e era um integrante da região Jikany oriental. Tinha se exercitado como chefe da pele de leopardo antes de adquirir renome como profeta através de prolongados jejuns e outros comportamentos erráticos, através de sua habilidade para curar a esterilidade e a doença, e através de suas profecias. Mulheres vinham até ele, de

3. O governo sempre viu com maus olhos os profetas, e sempre se opôs a sua influência. Ver algumas referências pejorativas a eles em Jackson, *op. cit.*, pp. 90-91; Ferguson, apêndice a Jackson, p. 107; C.A. Willis, "The cult of Deng", *S.N. and R.*, v. xi, 1928, p. 200.

toda a região lou, das tribos jikany orientais e mesmo da região ocidental do Zeraf e do Nilo, para que as tornasse férteis. Muitas traziam bois que Ngundeng sacrificava a Deng, o Deus-Céu que o possuía. Ele então as untiava com sua saliva. Quando o sarampo ameaçava os Lou, ele se punha a combatê-lo e a deter seu avanço através de sacrifícios de bois. Previu epidemias de gado e outros acontecimentos, e conduziu expedições contra os Dinka.

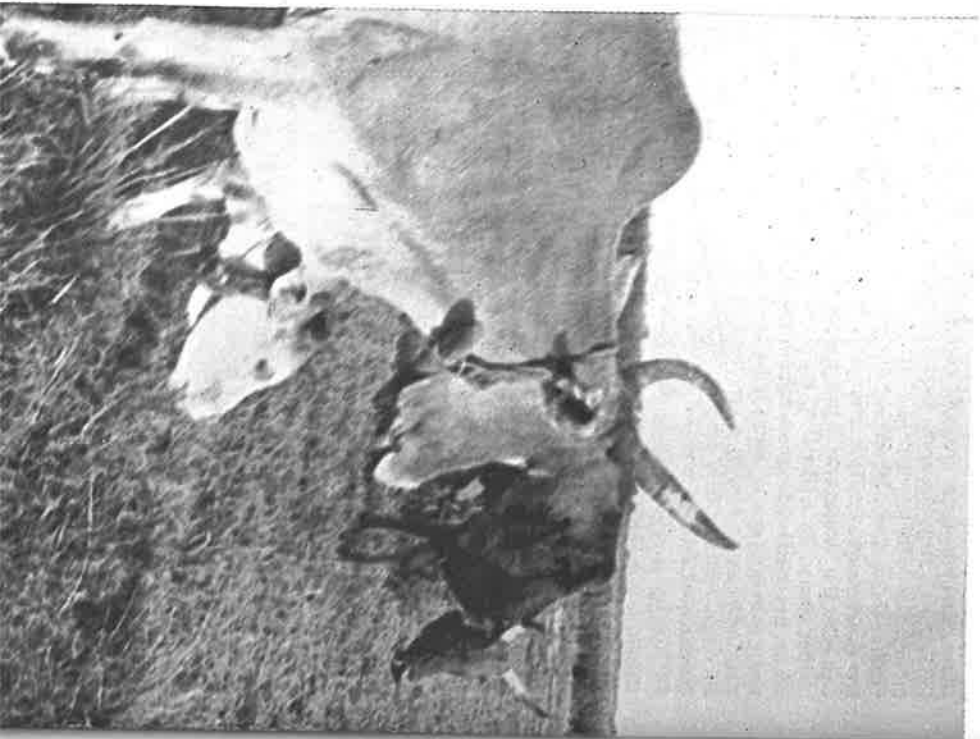
Quando Ngunden morreu, o espírito de Deng finalmente entrou em seu filho Gwek, que começou a fazer profecias e a curar esterilidade e doenças, como seu pai havia feito. No entanto, nunca demonstrou as qualidades patológicas de seu pai, que parece ter sido um psicótico genuíno. O espírito de Deng havia passado por cima de seus irmãos mais velhos, ou não havia permanecido muito tempo neles. Os Nuer dizem que um espírito eventualmente retorna para a linhagem do homem que ele primeiro possuiu, ainda que uma geração ou duas depois, e o receptor escolhido torna-se ciente da entrada em seu corpo por meio de uma séria doença seguida de delírio. Os Nuer comuns, especialmente quando jovens, não querem ser possuídos, e parece que geralmente é uma pessoa normal a primeira a ser possuída, enquanto é sobre o mais ambicioso de seus filhos que recai seu manto, pois este parece acolher de boa vontade essa posseção, embora não se submeta a jejuns para obtê-la. Gwek foi morto por forças governamentais em 1928. Outro famoso profeta, Din ou Dengleaka, da tribo gaawat, era um soldado. Mais tarde conseguiu fama e poder através de campanhas bem sucedidas contra os Dinka, cuja região seus seguidores ocuparam, e contra os escravagistas árabes. Como Ngundeng, ele possuía a reputação de realizar milagres. Dengleaka morreu em 1908 e seu filho Dwal ficou possuído pelo espírito do Deus-Céu Din. Anualmente, é um prisioneiro político. O único profeta que encontrei, Buom, da região Dok, era possuído pelo espírito de um Deus-Céu, Teeny. Era considerado egoísta e ganancioso por seus vizinhos, e foi hábil o suficiente para conseguir ser aceito como um chefe do governo. Demonstrou demasiada ambição, no entanto, e agora está no exílio. Profetas muito conhecidos, em outras partes da terra dos Nuer, eram Mut (dos Gaajak orientais), Kulang (na parte ocidental da terra dos Nuer) e outros.

Uma rápida referência deve ser feita à notável pirâmide erigida por Ngundeng e continuada por Gwek na seção *runyok* da tribo lou. Tinha entre 50 e 60 pés de altura, com enormes pressas de elefante plantadas ao redor da base e no vértice. A fotografia da Il. XXV, tirada em 1901 pelo Dr. Crispin, mostra a palçada de pressas de marfim, o tipo de material de que era construída e o desgaste da base em virtude da ação das chuvas. Foi demolida pelas forças governamentais em 1928. O material utilizado em sua construção consistia em cinzas, terra e restos de materiais extraídos dos acampamentos de gado. As pessoas vinham de todas as partes da região lou e da jikany oriental, trazendo bois para sacrifício, a fim de ajudar na construção. Os Nuer dizem que foi construída em honra do Deus-Céu Deng e para glória de seu profeta Ngundeng. Não há dúvida alguma de que o culto de Deng tinha origem dinka e provavelmente a ideia de uma pirâmide veio da mesma fonte. Além da famosa pirâmide lou, diz-se que há uma menor em Thoc, na região Jikany oriental, construída por um profeta chamado Deng, filho de Dul.

Os Nuer são unânimes em afirmar que esses profetas constituem um acontecimento recente. Dizem que Deng desceu do céu em época recente — dentro dos limites da memória viva, de fato — e que foi o primeiro, ou praticamente o primeiro, dos Deuses-Céu a vir à terra. Dizem que nos tempos antigos não havia profetas; apenas os oficiais rituais antes mencionados. As anotações de viajantes europeus não são suficientemente explícitas para confirmar ou rejeitar tal afirmação. Poncet diz que,

## II. XX:

Gado  
em viagem (Lou).



em sua época, havia entre os Nuer pessoas ricas e importantes, honradas após a morte e que ele chama de *devins* ou *sorciers* e *jongleurs*<sup>4</sup>, e Brun-Rollet diz que os Nuer tinham uma espécie de papa, pelo qual nutriam uma veneração próxima da adoração, mas seu relato é demasiado fantasioso para ter algum peso<sup>5</sup>. Embora seja difícil de acreditar que não havia casos de pessoas possuídas há sessenta anos, na ausência de provas em contrário temos de aceitar a declaração unânime dos Nuer de que não havia posse pelos Deuses-Céu, e parece bastante verdadeiro o fato de que, se havia profetas nessa época, sua influência se limitava a pequenas localidades e não tinham a significação tribal dos tempos mais recentes. Há alguns indícios de que o desenvolvimento dos profetas nuer se relacione com a infiltração do madismo do norte do Sudão. Seja como for, não há dúvida de que poderosos profetas surgiram na época em que a intrusão árabe na terra dos Nuer estava em seu ponto culminante, e após a reconquista do Sudão eles se tornaram mais respeitados e passaram a ter mais influência do que qualquer outra pessoa entre os Nuer.

Consideramos, contudo, que o poder desses profetas, mesmo dos mais bem sucedidos, tem sido exagerado e que sua posição na tribo tem sido mal compreendida. Os primeiros oficiais do governo a penetrar em território lou observaram que Ngundeng era muito temido e respeitado e achavam que, se os Lou tinham de ser administrados, seria necessário entrar num acordo com ele ou removê-lo. No entanto, o filho dele, Gwek, não tinha o apoio de algumas seções da tribo contra o governo. Struvé, na época governador da província do Alto Nilo, relata que Dwal, filho de Diu tinha uma "autoridade bastante fraca" entre os Gaawar. Tive a impressão, em 1932, que Buom tinha muito maior poder na região Dok como chefe do governo do que tinha na época pré-governo como profeta. Teme-se a maldição de um profeta, mas a intervenção armada das forças do governo é uma sanção mais pesada. Buon estava tentando exercer funções judiciais sem precedentes e seu banimento não despertou a hostilidade popular, mas apenas um leve pesar. Não há provas válidas de que os primeiros profetas tenham sido mais do que pessoas com dons espirituais, cujos poderes rituais eram utilizados especialmente em tempo de guerra, embora pareça que alguns dos mais recentes tenham começado a resolver litígios, mas, ainda assim, em suas próprias aldeias e distritos. Entre todos eles, talvez apenas Gwek tenha sido o que chegou mais perto de exercer funções políticas e de impor sua autoridade fora de seu próprio distrito, mas a hostilidade entre tribos e entre segmentos de tribos tornou impossível o exercício de um controle pessoal.

4. Advinhos, feiticeiros, ilusionistas. Poncet, *op. cit.*, p. 40.

5. Brun Rollet, *op. cit.*, p. 222.



As únicas atividades dos profetas que de fato podem ser chamadas de tribais eram as investidas promovidas contra os Dinka e a conclamação à oposição contra a agressão árabe e europeia; e é nestes atos que se vê a significação estrutural que tinham e a explicação de seu aparecimento e do aumento de sua influência. Todos os profetas importantes sobre os quais temos alguma informação obtiveram prestígio conduzindo investidas bem sucedidas contra os Dinka, pois estas incursões eram feitas em nome dos espíritos que prometiam ricas recompensas através dos profetas. Nenhuma incursão mais ampla foi empreendida sem a permissão e a liderança dos profetas, que recebiam instruções dos Deuses-Céu, em sonhos e transes, a respeito do momento e do objetivo do ataque, e freqüentemente os profetas acompanhavam os combatentes em pessoa e realizavam sacrifícios antes das batalhas. Ficavam com parte do saque e, em certa medida, supervisionavam a partilha do restante. Os guerreiros cantavam hinos de guerra aos Deuses-Céu antes de começar suas incursões, e os sacrifícios que faziam através dos profetas eram considerados como garantia de um bom saque e da segurança pessoal.

Pela primeira vez, uma única pessoa simbolizou, embora em grau moderado e de um modo predominantemente espiritual e não institucional, a unidade da tribo, pois os profetas são figuras tribais. Mas eles têm uma significação maior, pois sua influência estendeu-se para além das fronteiras das tribos. Gwek tinha muita influência nos Gaajok, e diz-se que em virtude dela os Lou e os Gaajok durante algum tempo pagaram indenizações pelos homicídios ocorridos entre eles. Sua influência chegou até os Gaagwang Orientais e os Gaajak. Dengleaka tinha influência semelhante no vale do Zeraf, especialmente entre os Thiang. Alguns dos profetas nuer ocidentais tinham renome entre tribos vizinhas, que se uniam para incursões sob a direção de seus espíritos. Eles não constituíam um mecanismo na estrutura tribal, como os chefes da pele de leopardo, mas eram os pivôs de federações entre tribos adjacentes e personificavam o princípio estrutural da oposição em sua expressão mais ampla, a unidade e homogeneidade dos Nuer contra os estrangeiros. É provável que a coalizão entre tribos e a organização de incursões conjuntas se deva amplamente aos profetas — embora não se possa ter certeza disto na ausência de registros históricos — e fez deles figuras importantes e poderosas entre os Nuer. Esta interpretação explica como é que os profetas começaram a existir há meio século ou, de qualquer modo, passaram nessa época para um primeiro plano. Algumas mudanças estruturais estavam então ocorrendo em resposta a condições modificadas: o desenvolvimento de funções mais puramente políticas do que quaisquer outras exercidas anteriormente por um indivíduo e de um maior grau de unidade entre tribos vizinhas do que tinha havido até

então. Como os Deuses do céu passavam, com a morte do profeta, para os filhos deste, justifica-se sugerir o crescimento da liderança política hereditária que, com a poderosa tendência para uma federação entre tribos adjacentes, atribuímos à nova ameaça árabe-europeia. A oposição entre os Nuer e seus vizinhos sempre tinha sido em termos de seções tribais. Eles eram confrontados agora por um inimigo mais poderoso e comum. Quando o governo esmagou os profetas, esta tendência foi contida. A nosso ver, os profetas opunham-se inevitavelmente ao governo porque tinha sido esta oposição existente no povo que tinha levado a seu aparecimento e que estava personificada neles.

#### XIV

Tentamos demonstrar como a distribuição depende da ecologia e como as linhas de clivagem política tendem a seguir a distribuição com relação aos modos de subsistência. Mas as considerações ecológicas apenas nos ajudam a compreender alguns traços demográficos das tribos e segmentos tribais nuer, e não a natureza de suas relações estruturais. Estas só podem ser compreendidas em termos de certos princípios estruturais e tentamos isolar estes princípios, embora reconhecamos que não a um nível muito profundo de análise. Os pontos principais que estabelecemos são a seguir resumidos.

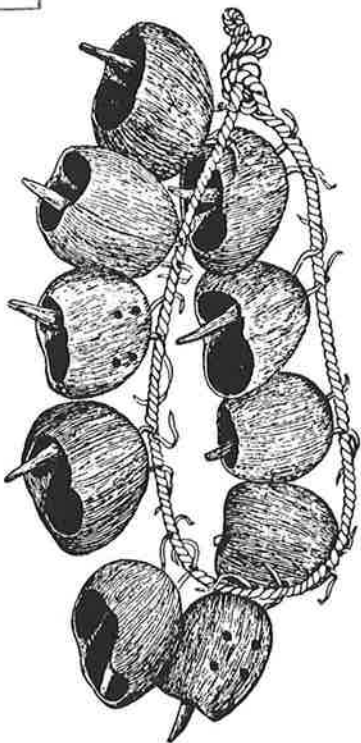
1. Os Nuer atribuem valores à sua distribuição geográfica e estas valorizações fornecem-nos unidades sócio-espaciais e relacionam estas unidades num sistema. 2. Em todas estas unidades é evidente a tendência para a fragmentação em segmentos opostos, e também a tendência para a fusão desses segmentos com relação a outras unidades. 3. Quanto menor for o segmento, maior será a coesão, e é por esta razão que existe um sistema segmentário. 4. O sistema político dos Nuer somente pode ser entendido com relação a toda a estrutura da qual outros povos participam e, do mesmo modo, o caráter de todas as comunidades nuer deve ser definido através de suas relações com outras comunidades da mesma ordem dentro do conjunto do sistema político. 5. O sistema social é bem mais amplo do que as esferas das relações políticas concretas e atravessadas. 6. Os valores políticos dependem de mais coisas além das relações residenciais. As relações políticas podem ser isoladas e estudadas independentemente de outros sistemas sociais, mas são uma função específica de todo o conjunto das relações sociais. Estas são fundamentalmente do tipo baseado no parentesco, e a organização de relações por parentesco em relações políticas em certas situações é um de nossos maiores problemas. 7. As relações estruturais entre as tribos nuer e outros povos e entre tribo e tribo são mantidas através da instituição da guerra, e as relações estruturais entre segmentos da mesma tribo são mantidas pela insti-

tução da disputa. 8. Não existe administração central, sendo o chefe da pele de leopardo um agente ritual cujas funções devem ser interpretadas em função do mecanismo estrutural da disputa. 9. A lei é relativa à distância estrutural entre as pessoas e não tem a mesma força nos diferentes conjuntos de relações. 10. As novas condições da intrusão árabe-européia provavelmente causaram o desenvolvimento dos profetas, com funções jurídicas embrionárias, e uma maior solidariedade intertribal.

## 5. O Sistema de Linhagens

### I

Muitas das características dos clãs e das linhagens nuer pertencem ao estudo do parentesco que esperamos fazer num volume subsequente. Aqui serão discutidos apenas aqueles caracteres que são estritamente relevantes para o sistema territorial. Começaremos, entretanto, com uma definição formal de clã, linhagem e parentesco. O clã nuer é o maior grupo de agnatos que traçam sua descendência a partir de um ancestral comum, entre os quais está proibido o matrimônio e cujas eventuais relações sexuais são consideradas incestuosas. Não é meramente um grupo não diferenciado de pessoas que reconhecem seu parentesco agnático comum, como alguns clãs africanos, mas sim uma estrutura genealógica altamente segmentada. Referimo-nos a esses segmentos genealógicos de um clã como sendo suas linhagens. O relacionamento existente entre qualquer membro de uma linhagem e outro membro dela pode ser colocado, com exatidão, em termos genealógicos, e, portanto, também o relacionamento existente entre ele e membros de outras linhagens do mesmo clã pode ser traçado, dado que o relacionamento de uma linhagem com outra é conhecido genealógicamente. Um clã é um sistema de linhagens, e uma linhagem é um segmento genealógico de um clã. Pode-se falar de todo o clã como uma linhagem, porém preferimos falar de linhagens como segmentos dele e defini-las como tais. Como alternativa, pode-se falar de uma linhagem enquanto grupo agnático cujos membros estão ligados genealógicamente, e de um clã enquanto sistema de tais grupos, sendo o sistema, entre os Nuér, um sistema genealógico.



SBD / FFLCH / USP

tuição da disputa, 8. Não existe administração central, sendo o chefe da pele de leopardo um agente ritual cujas funções devem ser interpretadas em função do mecanismo estrutural da disputa. 9. A lei é relativa à distância estrutural entre as pessoas e não tem a mesma força nos diferentes conjuntos de relações. 10. As novas condições da intrusão árabe-européia provavelmente causaram o desenvolvimento dos profetas, com funções jurídicas embriônicas, e uma maior solidariedade intertribal.

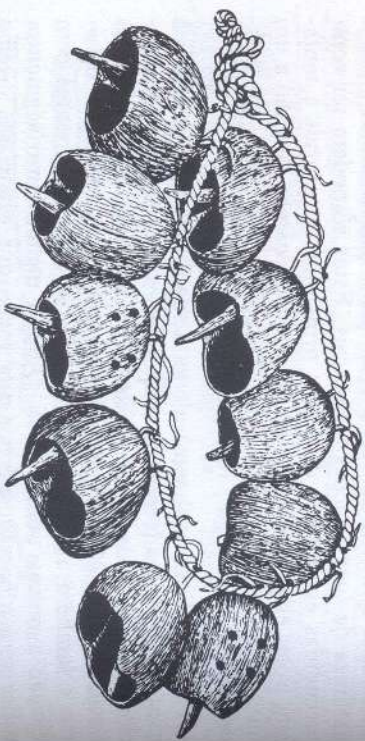


Fig. 13 — Coleira de sinos para bezerros feita com cocos.

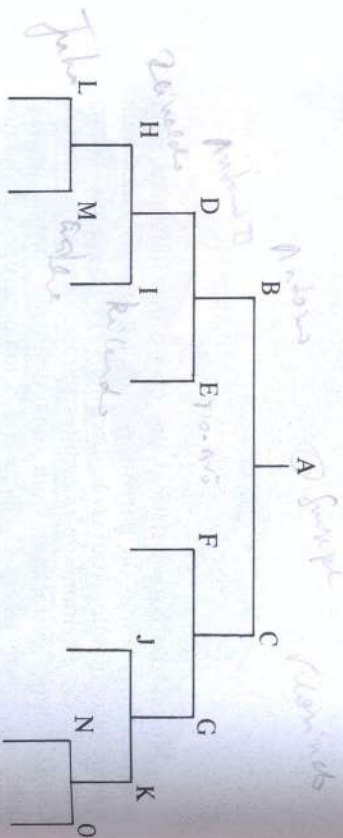
## 5. O Sistema de Linhagens

*Clã: sistema de linhagens  
Linhagem: segmento genealógico  
de um clã*

1

Muitas das características dos clãs e das linhagens nuer pertencem ao estudo do parentesco que esperamos fazer num volume subsequente. Aqui serão discutidos apenas aqueles caracteres que são estritamente relevantes para o sistema territorial. Começaremos, entretanto, com uma definição formal de clã, linhagem e parentesco. O clã nuer é o maior grupo de agnatos que traçam sua descendência a partir de um ancestral comum, entre os quais está proibido o matrimônio e cujas eventuais relações sexuais são consideradas incestuosas. Não é meramente um grupo não diferenciado de pessoas que reconhecem seu parentesco agnático comum, como alguns clãs africanos, mas sim uma estrutura genealógica altamente segmentada. Referimo-nos à esses segmentos genealógicos de um clã como sendo suas linhagens. O relacionamento existente entre qualquer membro de uma linhagem e outro membro dela pode ser colocado, com exatidão, em termos genealógicos, e, portanto, também o relacionamento existente entre ele e membros de outras linhagens do mesmo clã pode ser traçado, dado que o relacionamento de uma linhagem com outra é conhecido genealógicamente. Um clã é um sistema de linhagens, e uma linhagem é um segmento genealógico de um clã. Pode-se falar de todo o clã como uma linhagem, porém preferimos falar de linhagens como segmentos dele e defini-las como tais. Como alternativa, pode-se falar de uma linhagem enquanto grupo agnático cujos membros estão ligados genealógicamente, e de um clã enquanto sistema de tais grupos, sendo o sistema, entre os Nuer, um sistema genealógico.

No diagrama abaixo, o clã A está segmentado nas linhagens máximas B e C, e estas bifurcam-se nas linhagens maiores D, E, F e G. As linhagens menores H, I, J e K são segmentos das linhagens maiores D e G, e L, M, N e O são linhagens mínimas que são segmentos de H e K. Chegou-se à conclusão de que bastam palavras para descrever quatro estágios de segmentação linear, mesmo quando se fala de clãs maiores. A palavra nuer mais comum para linhagem é *thok dwiel*, e a menor unidade genealógica que eles descrevem como *thok dwiel* possui uma profundidade temporal de três a cinco gerações antes das pessoas vivas. Um clã inteiro é, portanto, uma estrutura genealógica, e as letras do diagrama representam pessoas a partir das quais o clã e seus segmentos traçam sua ascendência e de quem frequentemente adotam os nomes. Deve haver pelo menos uns vinte desses clãs na terra nuer, sem levar em conta numerosas linhagens pequenas de origem Dinka.



Uma linhagem, no sentido em que geralmente empregamos essa palavra, é um grupo de agnatos vivos, que descendem do fundador dessa linha determinada. Logicamente, ela inclui também pessoas mortas que descendem do fundador — e algumas vezes empregamos a palavra para incluí-las também — mas essas pessoas mortas somente são significativas enquanto sua posição genealógica explica os relacionamentos entre os vivos. Torna-se claro, pelo contexto, se a palavra está sendo usada num sentido mais ou menos amplo.

Clãs e linhagens têm nomes, possuem símbolos rituais variados e observam certas relações cerimoniais recíprocas. Elas têm "nomes de lança" que são proferidos a altas vozes nas cerimônias, títulos honoríficos pelos quais algumas vezes as pessoas são chamadas, afiliações totêmicas e outras afiliações místicas, e posição cerimonial umas em relação às outras.

O parentesco agnático entre linhagens é chamado de *buth*.

*Buth* é sempre um relacionamento agnático entre grupos de pessoas e é somente um relacionamento entre pessoas em virtude destas serem membros de grupos. A agnação *buth* deve ser dife-

rençada do parentesco no sentido de relacionamento entre pessoas; por exemplo, entre um homem e o irmão de seu pai e o irmão de sua mãe. A cognação, nesse sentido, é chamada pelos Nuer de *mar*. Qualquer pessoa com que um homem pode traçar um vínculo genealógico, quer através de homens, quer de mulheres, é *mar* para ele. Os *mar* de um homem são, conseqüentemente, todos os parentes de seu pai e todos os parentes de sua mãe, e chamamos essa categoria cognática de parentela consanguínea. No uso normal, a palavra refere-se apenas a parentes próximos. Portanto, como *mar* abrange agnatos próximos, a palavra *buth* é empregada apenas como referência a agnatos distantes, entre os quais e a pessoa que fala existe uma clivagem na linhagem. Há um relacionamento *buth* entre linhagens do mesmo clã e também entre clãs aparentados que têm um mesmo ancestral, mas que não compõem uma unidade exogâmica. Um Dinka pode receber um relacionamento *buth* com uma linhagem nuer ao ser adotado por uma linhagem colateral. Por conseguinte, faremos uma distinção formal entre o sistema de linhagens, que é um sistema de grupos agnáticos, e o sistema de parentesco, que é um sistema de categorias de relacionamento entre pessoas; e referimo-nos a estes relacionamentos como os parentes paternos e os parentes maternos de um homem, e a ambos em conjunto, como sua parentela consanguínea.

Os grupos políticos e os de linhagem não são idênticos, mas possuem uma certa correspondência e com frequência têm o mesmo nome, pois uma área tribal e suas divisões não raro recebem o nome dos clãs e das linhagens que supostamente foram as primeiras a ocupá-la. Isso transforma sua inter-relação num problema muito difícil de ser investigado e levou a algumas confusões nos textos sobre os Nuer. Assim, "gaawar" é o nome de uma área tribal, dos membros da tribo que vivem nela, e dos membros de um clã que possui nessa área posição socialmente dominante. Da mesma forma, "gaajok" e "gaajak" são nomes de territórios, tribos e linhagens. Para tornar as coisas mais claras, portanto, os nomes de clãs e linhagens são escritos em versal. Por conseguinte, quando dissermos que um homem é um *gaawar*, queremos dizer que ele é membro da tribo Gaawar, é pessoa que reside na região *gaawar*, enquanto que, quando dissermos que ele é um GAAWAR, queremos dizer que ele é membro do clã GAAWAR, é um descendente na linha masculina de War, o fundador do clã dominante na região Gaawar.

II

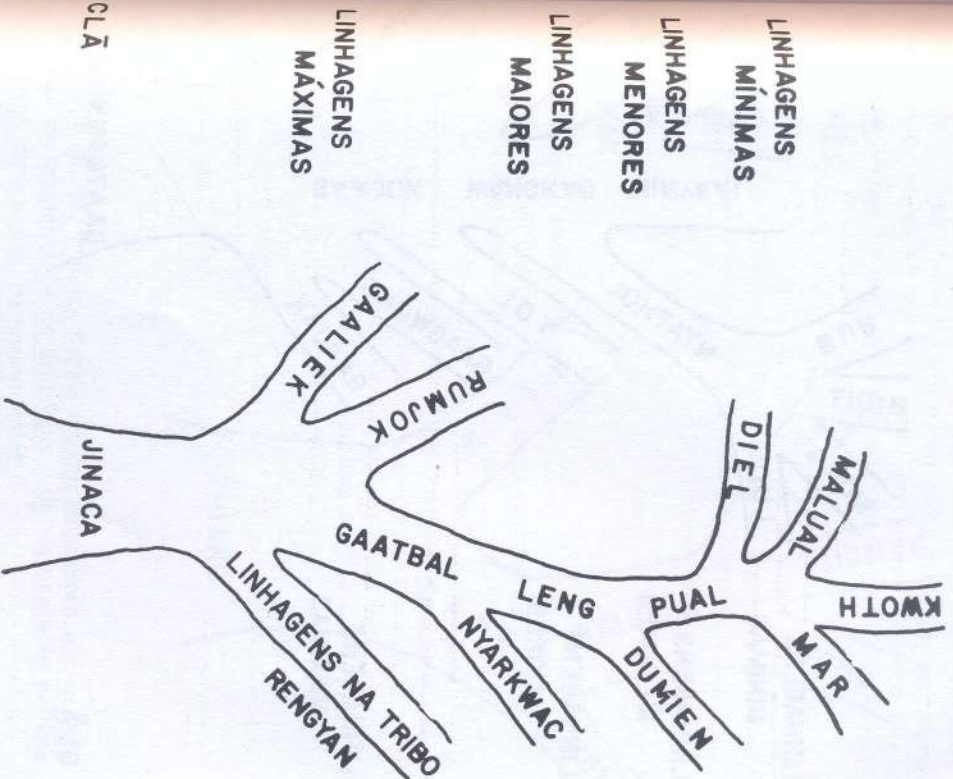
Três árvores de descendência do clã são apresentadas na seção seguinte, sob uma forma que para nós é convencional e que também seria adequada para os Nuer (algumas vezes eles

falam de uma linhagem como sendo um *kar*, um ramo), como exemplos elucidativos do modo como as linhagens se dividem, cada uma formando um ramo de uma linhagem maior. Os JINACA são o clã dominante nas tribos lou e rengyan; os GAT-GANKIIR são o clã dominante nas tribos jikany; e os (GAA) THIANG constituem o clã dominante na tribo thiang. Mostra-se apenas uma linha de descendência das raízes até os galhos menores, do ancestral do clã até as linhagens mínimas, mas indica-se o ponto do tronco de onde partem os outros ramos, as outras linhagens máximas, maiores e menores.

## III

Definimos a linhagem e o clã e demos alguns exemplos por meio de diagramas. Nesta seção, apontaremos algumas características de ambos que estão ligadas à nossa investigação. Pode-se dizer, de imediato, que não é fácil descobrir qual o clã de um Nuer, pois um clã, para um Nuer, não constitui uma abstração e não existe em sua língua uma palavra que possa ser traduzida por "clã". Pode-se conseguir o nome do clã de uma pessoa, perguntando-lhe quem foi seu "ancestral de outrora" ou seu "primeiro ancestral" (*gwandong*) ou quais são suas "sementes" (*kwar*), mas é somente quando já se conhece, como o Nuer, os clãs e suas linhagens e seus vários símbolos rituais, que se pode situar facilmente o clã de um homem através de sua linhagem ou por seu "nome de lança" e título honorífico, pois os Nuer falam fluentemente em termos de linhagens. Uma linhagem é *thok mac*, a lareira, ou *thok dwiel*, a entrada da choupana; ou pode-se falar de *kar*, um ramo. *Thok dwiel* é a expressão mais comum para denotar uma linha de descendência agnática nas situações em que são relevantes a exatidão e a precisão genealógicas, mas no uso quotidiano normal os Nuer empregam a palavra *cieng*, conforme será explicado mais adiante. O primeiro clã possui uma posição análoga, no sistema de clãs, à posição de uma linhagem, e é significativo para os Nuer não tanto enquanto grupo isolado, mas enquanto segmento de um sistema de grupos, pois adquire sua singularidade somente como parte de um sistema.

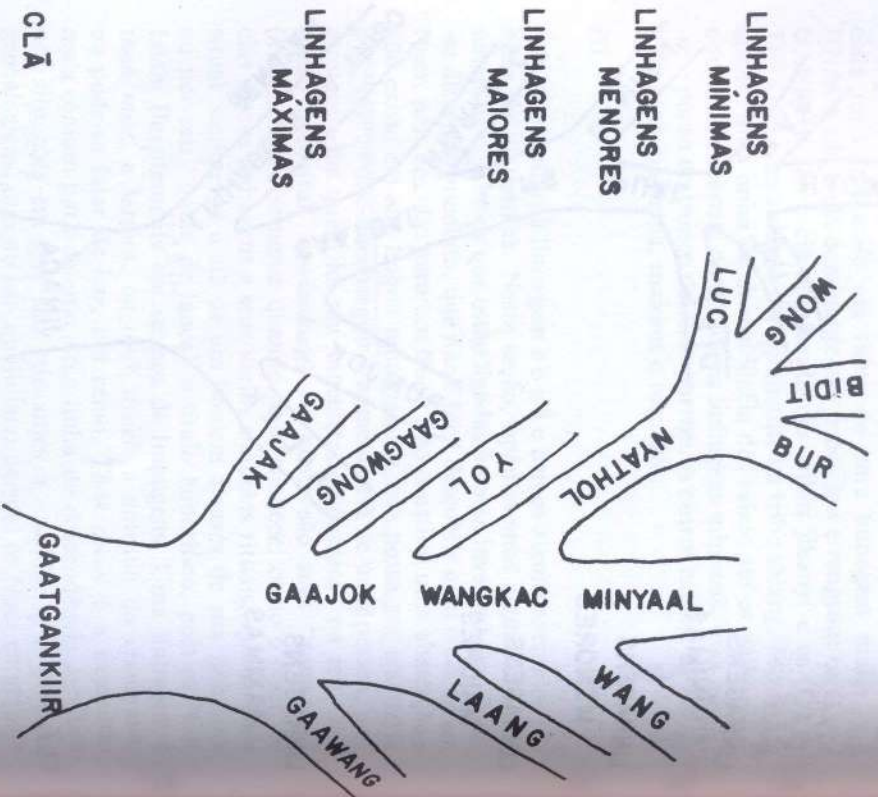
A linhagem é um termo relativo, dado que o alcance de suas referências depende da pessoa determinada que é escolhida como ponto de partida ao se traçar a descendência. Assim, se formos começar com um pai, o *thok dwiel* inclui apenas filhos e filhas; contudo, se tomarmos um avô como ponto de partida, ele abrange todos os filhos e filhas e os filhos dos filhos. Quanto mais alto na linha de ascendência tomarmos o ponto de partida para a contagem dos descendentes, maior será o número de agnatos incluídos. Pode-se sustentar que a menor linhagem possível são os filhos e filhas de um homem, mas os Nuer não se re-



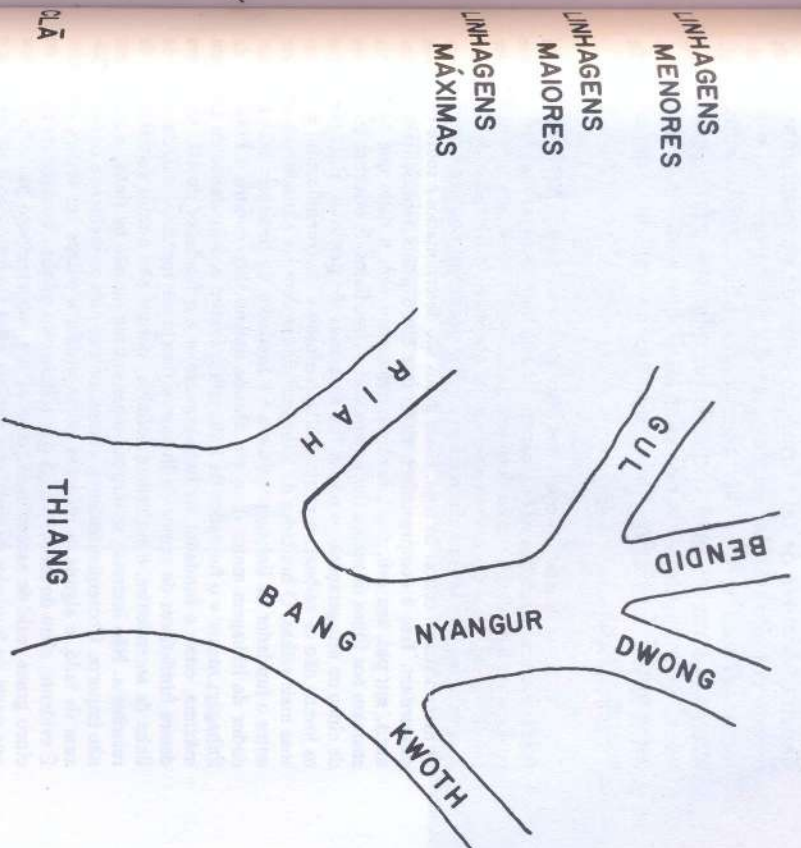
CLÃ

fazem a eles como *thok dwiel*. Eles são, junto com a mãe e o pai, uma família e agrupamento doméstico. Não se pode dizer com certeza até onde os Nuer recuam na linha dos ascendentes para escolher o vértice de uma linhagem mínima. Podem recuar apenas dois graus, até o avô, totalizando três gerações de agnatos; porém uma linhagem mínima de quatro ou cinco gerações é mais usual. Deixando de lado o uso nuer, consideramos importante definir as linhagens como grupos de uma profundidade de ao menos três gerações, dado que, então, constituem segmentos estruturais distintos dentro de um sistema de tais segmentos e não se confundem facilmente com os grupos domésticos.

O clã nuer, sendo assim altamente segmentado, possui muitas das características que encontramos na estrutura tribal.



Suas linhagens são grupos distintos apenas quando em oposição mútua. Assim, no diagrama da p. 202, M é um grupo somente enquanto oposto a L, H é um grupo apenas enquanto oposto a I, D é um grupo apenas enquanto oposto a E, etc. Existe sempre uma fusão das linhagens colaterais do mesmo ramo em relação a um ramo colateral; por exemplo, no diagrama, L e M constituem uma única linhagem menor, H, enquanto opostos a L, e não linhagens separadas; e D e E constituem uma única linhagem máxima. B, em oposição a C, e não linhagens separadas. Daí duas linhagens que são iguais e opostas serem compostas em relação a uma terceira, de tal forma que um homem é membro de uma linhagem em relação a um determinado grupo e não membro dela em relação a um outro grupo qualquer. Os valores de linhagem são, assim, essencialmente relativos, tais

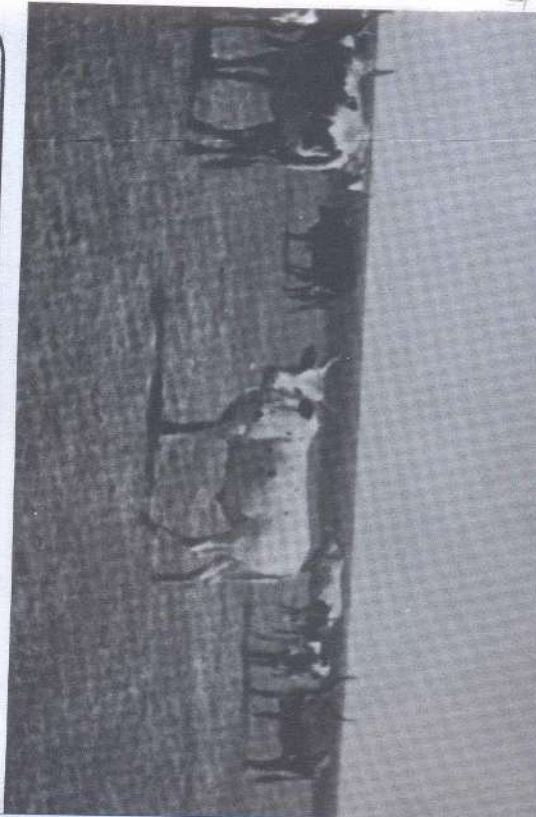


como os valores tribais, e mais adiante sugerimos que os processos de segmentação de linhagens e de segmentação política são, até certo ponto, correspondentes.

Dado que os seres humanos se propagam, poder-se-ia supor que os clãs cada vez mais se distanciam de seus fundadores, e que os representantes vivos de um clã cada vez mais se separam na estrutura das linhagens. Não cremos, porém, que é isso que ocorre. Em teoria, todo homem é um fundador em potencial de uma linhagem, mas, na realidade, as linhagens originam-se de muito poucos nomes. Os demais, por uma razão ou outra, caem fora, de modo que apenas determinadas linhagens de descendência são lembradas. Também nas linhas que persistem há nomes que caem fora dos graus de ascendência até o fundador do clã, de modo que a distância em gerações do fundador de um clã até o dia de hoje permanece razoavelmente constante. Quando discutimos a contagem de tempo nuer, levamos a hipótese de que há sempre essa diferença entre uma

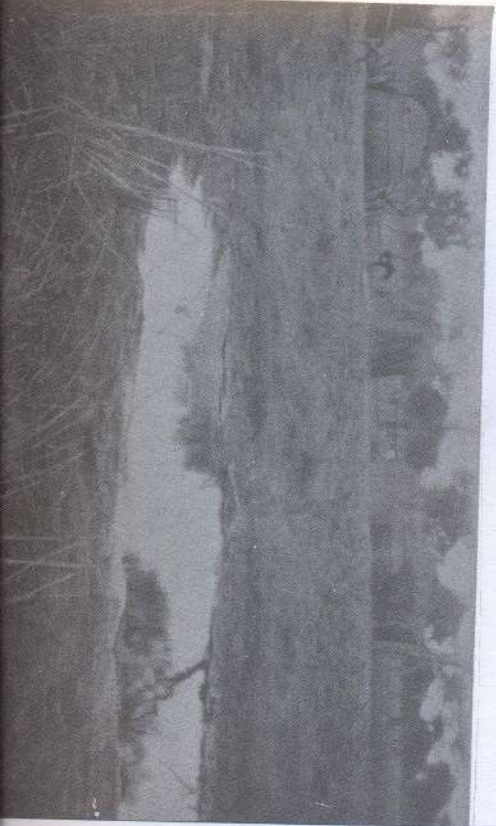
verdadeira genealogia e a genealogia que os Nuer acham ser verdadeira. A prova de tal afirmação depende parcialmente de um estudo comparado das genealogias da África oriental e parcialmente de um estudo das genealogias nuer. Mencionamos algumas das razões que, surgindo de reflexões sobre genealogias nuer, levaram-nos a essa conclusão, já que a validade de alguns aspectos, desenvolvidos mais adiante no capítulo, depende de sua aceitação.

1. Todos os clãs principais têm cerca de dez ou doze gerações a contar de hoje até os ancestrais que os originaram. Não há motivos para supor que os Nuer começaram a existir há dez ou doze gerações. 2. Quando se pergunta a um Nuer sua linhagem, ele a diz em referência a um ancestral, o fundador de sua linhagem mínima, que se situa de três a seis (geralmente entre quatro e cinco) graus de ascendência a contar de hoje. Esses graus são determinados e sobre eles todos concordam. Isso é compreensível, dado que cinco graus representam um homem, seu pai, seu avô, seu bisavô e o avô de seu avô, e dado que os homens ensinam aos filhos os nomes dos antepassados imediatos. É evidente que, depois de cinco ou seis gerações, os nomes dos ancestrais são perdidos. É frequente que os jovens não os saibam, e existe muita confusão e desentendimento entre pessoas mais velhas. O fundador da linhagem menor deve ser situado nalgum lugar entre o fundador da linhagem mínima e o fundador da linhagem maior; o fundador da linhagem maior deve ser situado nalgum lugar entre o fundador da linhagem menor e o fundador da linhagem máxima; e o fundador da linhagem máxima, entre o fundador da linhagem maior e o fundador do clã. Os nomes desses fundadores de ramos de linhagem devem ser incluídos nalgum lugar da linha de ascendentes, e em ordem definida, porque são pontos significativos de referência. Não interessa se outros nomes entram ou não na linha, e sua ordem não importa. Conseqüentemente, alguns informantes os incluem e outros os deixam de lado, e alguns os colocam numa ordem e outros em ordem diferente. É evidente, além do mais, que, já que a linhagem mínima consiste de quatro ou cinco graus reais de ascendência, ocorreu um encurtamento da linha agnática que parte do fundador da linhagem mínima e vai até o fundador do clã, pois o fundador da linhagem mínima era, ele mesmo, a extremidade de outra linhagem mínima que se tornou, graças ao aumento de gerações, a linhagem menor, e assim por diante. Conseqüentemente, mesmo que o suposto fundador do clã fosse seu real fundador, deveria haver pelo menos dezesseis graus a partir dele até os dias de hoje, supondo-se que as linhagens mínimas tiveram sempre o mesmo caráter que têm atualmente. A distância entre as bifurcações na árvore de descendência logicamente deveria ser a mesma, enquanto que aquilo que podemos chamar de ponta de galho é mais comprido do que o ramo ou tronco de outra parte. 3. Existe outra maneira pela qual somente os ancestrais significativos, isto é, ancestrais que formam o vértice de um triângulo de descendência, são denotados nas árvores genealógicas, e os ancestrais irrelevantes, isto é, ancestrais que não dão nome a um grupo-de descendentes, caem na obscuridade e, finalmente, no esquecimento. Não só há eles que caem fora da linha direita de descendência, como também há linhas colaterais que se fundem. Fica claro pelo estudo das genealogias nuer que os descendentes de um ou dois irmãos tornam-se numerosos e dominantes, enquanto que os descendentes de outros extinguem-se e os descendentes de ainda outros são relativamente poucos e fracos e prendem-se (como será explicado mais adiante), através da participação na vida local e corporativa, a uma linha colateral mais forte e dominante. São assimilados a essa linha nas referências comuns à linhagem e eventualmente são inseridos nela em virtude do deslocamento de seu fundador, que transforma-se em filho, ao invés de irmão, do fundador da linhagem dominante. Parece ser comum a fusão de linhas colaterais nas partes mais distanciadas de uma linhagem, e parece ser mais frequente e necessário quanto mais nos aproximamos do ancestral comum.



a) Gado pastando (Leek).

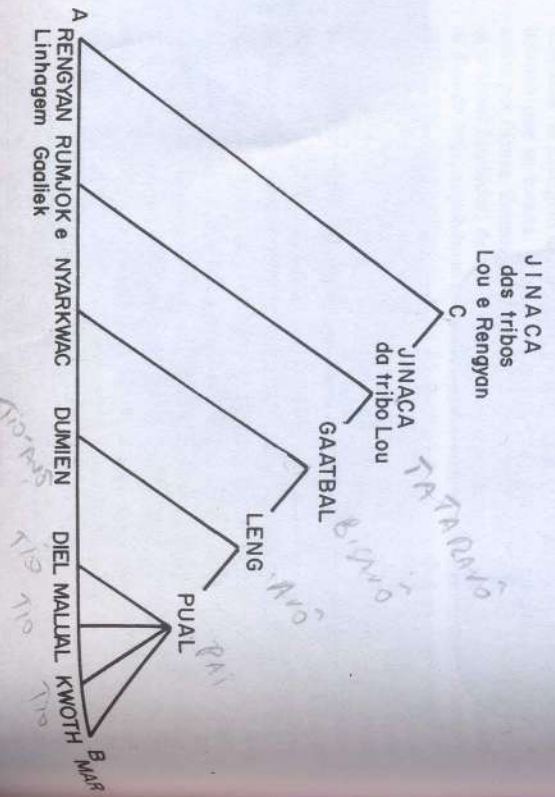
b) Acampamento de gado próximo a um reservatório na floresta no começo da estação seca (Lou).



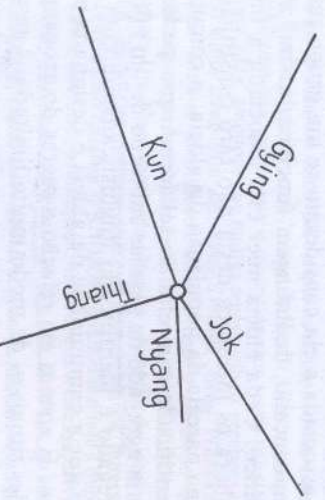
É necessário porque, conforme veremos mais adiante, o sistema de linhagens fornece um dos princípios da organização política.

A forma estrutural dos clãs permanece constante, enquanto que as linhagens reais, em qualquer ponto do tempo que as consideremos, são altamente dinâmicas, criando novas bifurcações e fundindo as antigas. Elas podem, por conseguinte, ser apresentadas como árvores. Contudo, uma apresentação mais útil para a análise sociológica é em termos de distância estrutural, pois as linhagens são grupos de agnatos vivos, e a distância existente entre eles varia de acordo com as posições relativas que cada um ocupa na estrutura do clã. Assim, no diagrama abaixo, a linha AB representa o clã JINACA. A distância agnática entre a linhagem mínima MAR e outras linhagens do mesmo clã é representada tanto na linha AB, quanto em sua dimensão temporal, pelos pontos de convergência em ascendência na linha BC. Quanto mais ampla a agnação especificada, mais distante estará o ponto de convergência, de tal modo que a profundidade de uma linhagem (a linha vertical de ascendência) está sempre em proporção com sua largura (a linha da base que representa os grupos de linhagem vivos no sistema de clãs).

Um clã nuer, portanto, é um sistema de linhagens, estando o relacionamento de cada linhagem com todas as outras marcado na estrutura do sistema por um ponto de convergência na linha ascendente. A distância até esse ponto constitui o que chamamos de profundidade temporal de uma linhagem. Em



teoria, o relacionamento genealógico entre quaisquer dois membros de um clã pode ser traçado por esse ponto, e os Nuer podem realmente traçá-lo se quiserem dar-se ao trabalho. Entretanto, eles não consideram necessário conhecer o relacionamento genealógico exato entre pessoas que se sabe que são parentes distantes em virtude de serem membros de suas respectivas linhagens. Assim, é suficiente que um homem da linhagem GAALIEK, sem que tenha que outro homem é da linhagem GAATBAL, sem que tenha de saber qual a descendência exata, pois essas duas linhagens mantêm entre si um determinado relacionamento estrutural, e, portanto, os dois homens situam-se, um em relação ao outro, nessa distância. Os Nuer estão familiarizados até certo ponto — em geral, até os fundadores de suas linhagens mínima e menor — com a amplitude total de seus relacionamentos genealógicos. Além desse ponto, eles calculam o parentesco em termos de linhagens. Para um Nuer, é necessário saber não só que determinado homem é membro do mesmo clã que ele, como também a qual linhagem ele pertence, ao decidir questões de exogamia e cerimonial. O relacionamento existente entre uma linhagem e outras do mesmo clã não é um relacionamento igualitário, pois as linhagens são unidades estruturalmente diferenciadas que se situam a distâncias estruturais diferentes e exatas.



É interessante observar como os próprios Nuer imaginam um sistema de linhagem. Quando desenhavam no chão várias linhagens relacionadas, eles não as apresentavam de maneira como nós as imaginamos neste capítulo (como uma série de bifurcações de descendência, como uma árvore de descendência ou como uma série de triângulos de ascendência), mas como várias linhas que partem, formando ângulos variados, de um ponto comum. Assim, na parte ocidental da terra dos Nuer, um homem ilustrou algumas das linhagens GAATGANKIIR, usando os nomes de seus fundadores, desenhando a figura acima no chão. Essa representação e os comentários que os Nuer fizeram sobre ela mostram vários fatos significativos sobre a maneira como o



sistema é encarado. Eles o vêem, fundamentalmente, enquanto relações concretas entre grupos de parentes dentro de comunidades locais, mais do que enquanto uma árvore de descendentes, pois nem todas as pessoas que dão nome às linhagens originam-se de um único indivíduo. Jok, Thiang e Kun são três filhos de Kir e fundadores das linhagens máximas GAJOK, GAJIAK e GAAGWONG, do clã GAATGANKIIR. Thiang e Kun aparecem próximos porque, em conjunto, eles formam a moldura de linhagens da tribo gajjak. A linhagem Gynging não faz parte do clã GAATGANKIIR, mas aparece perto da Kun por causa da proximidade da seção *reng*, da qual faz parte, com a seção *gagwong*. Nyang aparece como uma linha curta ao lado de Jok porque, embora a linhagem que se origina nele pertença ao grupo de linhagens fundadas por Thiang, seus membros vivem na tribo gagwang junto com uma linhagem que descende de Jok e a tribo gagwang está intimamente associada à tribo gajjak. Os Nuer, excetuando-se certas situações rituais, avaliam clãs e linhagens em função de suas relações locais. Ai encontra-se a importância desses grupos para este estudo.

## IV

As linhagens nuer não são comunidades cooperativas, localizadas, embora freqüentemente sejam associadas a unidades territoriais, e os membros de uma linhagem que vivem numa área associada a ela consideram-se um grupo residencial, e o valor, ou conceito, de linhagem funciona, assim, através do sistema político. Cada aldeia nuer está associada a uma linhagem, e, embora os membros desta não raro constituam apenas uma pequena parcela da população da aldeia, a comunidade da aldeia é identificada com eles de tal forma que podemos falar dela como um agregado de pessoas em torno de um núcleo agnático. O agregado é identificado linguisticamente com o núcleo pelo fato de que a comunidade da aldeia é designada pelo nome da linhagem. É apenas em relação a regras de exogamia, a certas atividades rituais e, de modo muito limitado, à responsabilidade por homicídios, que é preciso considerar as linhagens como grupos completamente autônomos. Em geral, na vida social, eles funcionam dentro de comunidades locais, de todos os tamanhos, da aldeia até a tribo, e como parte delas.

Raramente um Nuer fala de sua linhagem como sendo diferente de sua comunidade e estando em oposição a outras linhagens que fazem parte da comunidade fora de um contexto cerimonial. Observei um Nuer, que sabia exatamente o que eu queria, tentar descobrir para mim o nome da linhagem de um desconhecido. Freqüentemente ele tinha grande dificuldade inicial para fazer com que o homem compreendesse qual a informação que estava sendo pedida, pois em geral os Nuer pensam em termos de divisões locais e das relações existentes entre elas:

uma tentativa de descobrir as afiliações de linhagem fora de suas relações comunitárias e fora de um contexto cerimonial, levava em geral a um mal entendido nas etapas iniciais da investigação.

Mais uma vez, aqui, devo fazer referências ao termo *cieng*, que tem sido uma fonte de confusão nos estudos sobre os Nuer. Normalmente, um Nuer não diz que é membro de tal (*thok dwiel*) linhagem quando denota sua posição social, mas diz que é membro de uma determinada comunidade local, *cieng*. Assim, ele diz que é membro do *cieng nar*, do *cieng leng*, do *cieng gaatbal*, etc. (ver diagrama na p. 209). O que ele está dizendo é que é membro de um grupo de pessoas que vivem juntas numa aldeia, distrito, ou seção tribal. Nas situações ordinárias da vida quotidiana, é irrelevante se ele é ou não membro das linhagens de que essas comunidades locais adotam os nomes. Além do mais, dado que no discurso comum um nome de linhagem possui uma conotação local, mais do que uma estrita conotação de parentesco, aqueles que partilham da vida da comunidade com os membros da linhagem falam de si mesmos como se também fossem membros dela, porque politicamente identificam-se a indeterminada a filiação de linhagem, já que é irrelevante, e consequentemente pode ser difícil, sem uma sondagem profunda, descobrir a qual linhagem um homem pertence.

Um *cieng*, no sentido de "casa", recebe o nome de seu proprietário; por exemplo, a casa de Rainen é chamada "cieng Rainen". Quando Rainen morrer e sua casa for ocupada por seus filhos e irmãos mais moços e sobrinhos, estes poderão chamar a aldeia com seu nome, e será dito que eles todos são membros do *cieng* Rainen. Se Rainen era um homem importante e vier a gerar uma forte linha de descendentes, toda a aldeia, onde vivem seus herdeiros agnatos e os estrangeiros que se casaram com estes ou que de alguma forma ficaram vinculados a eles, pode ficar conhecida como "cieng Rainen". Com o tempo, seus descendentes multiplicam-se e constituem o núcleo de uma seção tribal que é chamada "cieng Rainen". Daí acontece que muitas seções tribais recebem o nome de pessoas, por exemplo, *cieng Minyaal*, *cieng Dumtel*, *cieng Wangkac*, etc. Assim, uma linhagem torna-se identificada na fala com o território que ocupa; por exemplo, o distrito ocupado pela linhagem maior de WANGKAC é conhecido como *cieng* Wangkac. Um Nuer, portanto, fala da comunidade local e da linhagem que constitui seu núcleo político como se fossem termos intercambiáveis. Ele chega até mesmo a falar de *cieng* WANGKAC quando se refere à linhagem WANGKAC. Esse hábito confunde os europeus, uma vez que a linhagem WANGKAC e as pessoas que vivem na seção *wangkac* não são, em absoluto, as mesmas.

Se se perguntar a um Lou qual é seu *cieng*, está-se perguntando onde ele mora, qual é sua aldeia ou distrito. Suponhamos que ele responda que seu *cieng* é o *cieng* Pual. Pode-se então perguntar do que faz parte seu *cieng*, e ele dirá que é parte do *cieng leng*, nome de uma seção tribal terciária. Se o interrogatório continuar, ele irá informar que o *cieng leng* faz parte do *cieng gaatbal*, uma seção tribal secundária, e que o *cieng gaatbal* é um divisão da seção primária *gun* da tribo lou. Mas ele não terá dito nada sobre sua filiação a um clã. Ele pode ser ou não membro da linhagem PUAL, que faz parte da linhagem LENG, que faz parte da linhagem GAATBAL, que faz parte do clã de JINACA ou GAATGANNACA (o povo de Nac ou os filhos dos filhos de Nac). Da mesma forma, se um descendente de Kwe (Kwith), que descende de Jok, fundador da linhagem GAJOK disser que vive numa seção tribal ocupada pela linhagem KWITH desse clã. Mas esses homens não dirão que não são membros das linhagens dominantes nessas seções, e deixarão que se pense que o são, pois nas relações de comunidade existe um certo grau de assimilação linguística de todos os residentes, além dos

membros da linhagem dominante, a essa linhagem, e as pessoas não querem ver ressaltado publicamente o fato de que são estrangeiros à área tribal, especialmente se forem de origem dinka.

A assimilação de laços comunitários à estrutura de linhagens, a expressão da filiação territorial em termos de linhagem e a expressão da filiação a uma linhagem em termos de fixação territorial são o que tornam o sistema de linhagens tão significativo para um estudo da organização política.

## V

Ao dar ênfase às relações entre linhagens e comunidades locais, falamos principalmente daquelas linhagens que são segmentos dos clãs dominantes nas diferentes tribos. São elas que possuem a maior importância política. Falaremos sobre elas com maiores detalhes em outras seções. Agora faremos uma descrição preliminar de como elas estão associadas aos segmentos tribais e como agem nesses segmentos enquanto moldura da estrutura política.

Os dois diagramas seguintes mostram as principais linhagens dos clãs dominantes entre as tribos lou e jikany do leste e as maiores seções tribais onde são dominantes. As linhas de descendência são traçadas apenas até onde é necessário para ilustrar o assunto que se segue. Elas podem ser comparadas com as árvores de descendência dos dois clãs e com os mapas da pp. 67-69, que mostram a distribuição das seções das duas tribos.

## TRIBO LOU

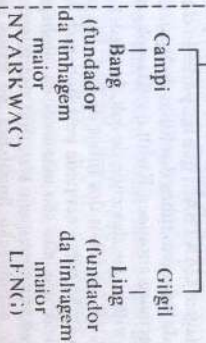
Seção primária *nuor*Seção primária *gum*Seção secundária *gaathal*Seção secundária *gaathek*Seção secundária *gaathal*Seção secundária *rumiok*

Denac (fundador do clã JINACA)

Nyang (fundador da linhagem máxima GAALIEK)

Bal (fundador da linhagem máxima GAATBAL)

Dak (fundador da linhagem máxima KUMOK)



Na tribo lou, vê-se que os descendentes de Nyang, filho de Denac, formam o núcleo da seção secundária *gaathek*; que os descendentes de Bal, outro dos filhos de Denac, formam o núcleo da seção secundária *gaathal*, e que os descendentes de Dak, seu terceiro filho, formam o núcleo da seção secundária *rumiok*. As seções mostradas no mapa que não aparecem na árvore genealógica são as seções *jimac* e *jaqoal*, cujos núcleos de clã são de origem estrangeira. Deve-se deixar claro que, quando uma seção tribal é chamada com o mesmo nome de uma linhagem, isso não significa que todos os membros da linhagem vivam nela, embora seja provável que a maioria o faça, e por certo não significa que somente eles vivam nela, pois as investigações mostram que eles formam apenas uma pequena minoria da população total da seção. Grandes linhagens estrangeiras são incluídas na área, sendo designadas por um título tomado de qualquer dos filhos de Denac, como, por exemplo, a linhagem THIANG na seção primária *gaathal*. Existem também inúmeras linhagens pequenas, de Nuer estrangeiros ou de Dinka, que se agrupam em torno de linhagens da descendência GAATNACA. Assim, visitando-se as aldeias e acampamentos de gado que recebem os nomes das linhagens que se originam da linhagem máxima GAALIEK (por exemplo, as linhagens de JAANYEN e KUOK), será visto que estão ocupados por um número relativamente pequeno de pessoas dessas linhagens, enquanto que a maioria dos residentes terão suas origens em outros clãs nuer e dinka. Assim, no acampamento de gado em Muot Dit, em 1930, havia não apenas várias linhagens mínimas do ramo RUE da linhagem máxima RUMJOK do clã GAATNACA, os "domos" do local, como também uma linhagem KAANG da região *lang*, uma linhagem KAN da região *bul*, uma linhagem KONG da região *lang*, todos segmentos de clãs dominantes a oeste do Nilo, e muitas linhagens dinka. Igualmente, na aldeia de Parkur, na região *leek*, em 1930, as aldeias eram ocupadas por uma linhagem NYAPPIR do clã dominante GAATBAL, uma linhagem CUOR dos Dinka que está intimamente associada ao clã JIKUL, uma linhagem GENG da região *beegh*, uma linhagem RUAL da região *bul*, uma linhagem KWACUKUNA do clã JIMEM, e outras.

Os descendentes de Jok<sup>1</sup>, Kir formam o núcleo aristocrático da tribo *gaajok*; os descendentes de Thiang<sup>2</sup>, Kir e Kun-Kir, os núcleos aristocráticos da tribo *gaajak*; e os descendentes de Gwang-Jok e Nyang-Thiang formam, juntos, o núcleo aristocrático da tribo *gaagwang*. No mapa da p. 67, os nomes dessas linhagens aparecem como seções tribais, pois deram seus nomes às áreas onde são dominantes. Assim, os nomes de três linhagens maiores descendentes de Jok — LAANG, YOL e WANGKAC — constam do mapa como *laang*, *yol* e *wangkac*. Nenhuma das linhagens estrangeiras possui tamanho suficiente para dar seu nome a uma grande divisão tribal, embora deem seus nomes a pequenas seções e aldeias<sup>3</sup>. Mais uma vez não se deve supor que os descendentes de Jok formem mais do que um fragmento da tribo *gaajok*. Da mesma forma, a tribo *gaagwang* compreende muitos elementos estrangeiros que provavelmente superam em número os descendentes de Nyang-Thiang e Gwang-Jok. O mesmo pode ser dito da tribo

1. Também chamado Majok.
2. Também chamado Mathiang.

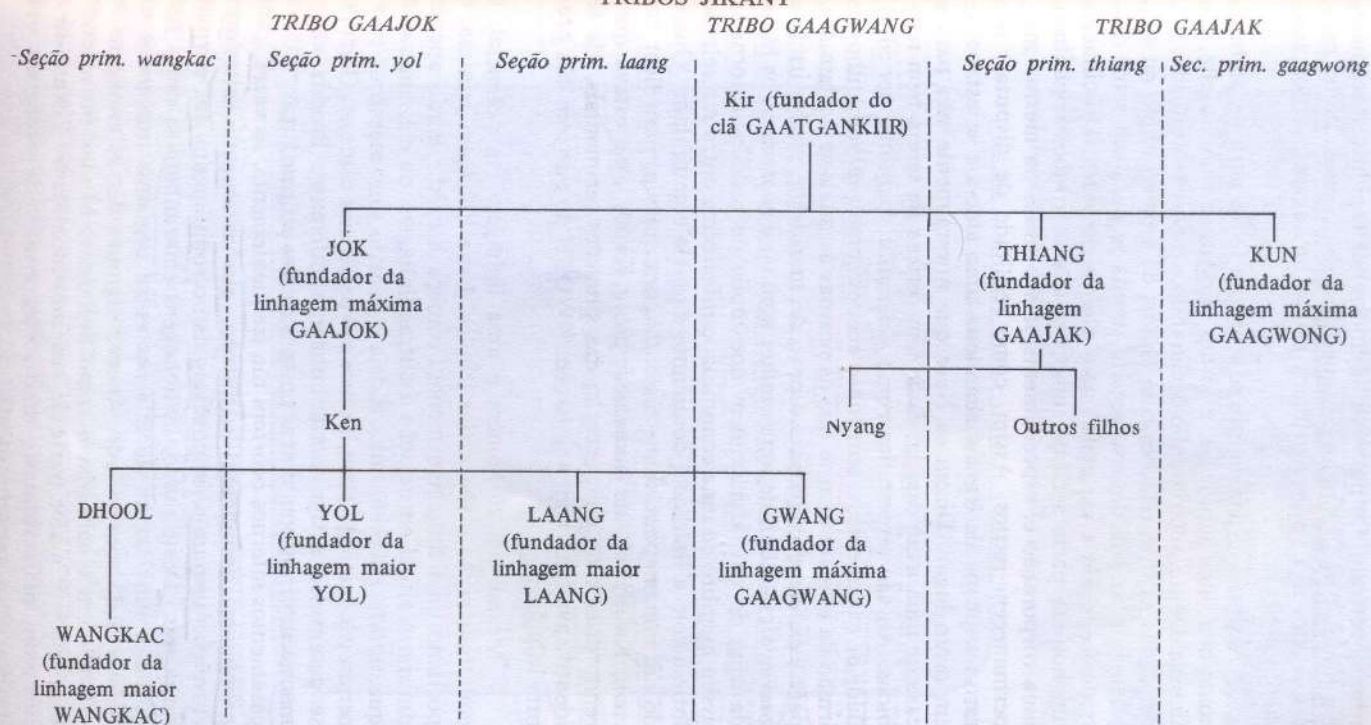
3. Os nomes de aldeias em geral são nomes de lugares e não nomes de linhagens, mas pode-se fazer referência a essas comunidades empregando-se o nome de suas linhagens principais. Não raro acontece que essas linhagens são de descendência estrangeira ou dinka, e, embora as comunidades possam ser chamadas pelos nomes dessas linhagens, reconhece-se que os lugares pertencem às linhagens do clã dominante da tribo. Portanto, uma aldeia pode estar associada a duas linhagens. Assim, JUAK, NGWOL, etc. da tribo *leek* são linhagens estrangeiras ou dinka que dão nome às comunidades de aldeias, mas a localização destas constitui a terra da linhagem KUNYANG e somente esta constitui *dial* nela.

gaajak. A linhagem GAAGWONG está associada tão intimamente com a linhagem GAAJAK na vida tribal que elas formam, em conjunto, um núcleo gêmeo da tribo gaajak. As seções secundárias de *lomj*, *kang* e *tar*, mostradas no mapa, são todas chamadas com o nome das linhagens que se originam de Thiang-Kir. Da mesma forma, as seções secundárias de *nyang*, *cay* e *wau* são chamadas pelo nome das linhagens que se originam de Kun-Kir. Portanto, a única seção constante do mapa que não aparece no diagrama é a seção primária de *reng*, cujas divisões *kong* e *dhillak* possuem núcleos de clã de origem diversa das outras seções.

Em todas essas tribos e seções tribais, existe muita mistura de linhagens dentro das comunidades. As mesmas condições são encontradas no vale do Zeraf e também, talvez em menor grau, na parte ocidental da terra dos Nuer. Os Nuer dizem que as disputas e as lutas entre as linhagens levaram, em especial, a sua dispersão e podem citar muitos exemplos. Assim, os descendentes de Nyang-Thiang deixaram os outros filhos de Thiang e juntaram-se às pessoas com quem formam a tribo gaagwang, e a linhagem NYARUNY deixou seus parentes da seção primária *thiang*, juntando-se à seção primária *reng* da tribo gaajak. Depois de lutas, toda uma comunidade, conduzida por sua linhagem dominante, pode assim mudar-se para uma seção ou tribo diferente e ali fixar residência permanentemente. A migração levou a uma maior dispersão, dado que algumas linhagens permaneceram em sua terra natal a oeste do Nilo enquanto outras atravessaram o Nilo e o Zeraf, estabelecendo-se a leste desses rios. Os Nuer dizem que, nos primeiros estádios da migração, os guerreiros costumavam fazer incursões contra os Dinka, retornando para o seio de seus parentes após cada investida. Neste caso, estabeleceram-se no leste, mas mantiveram-se em contato íntimo com os indivíduos de sua linhagem no oeste. Mas, na medida em que se mudaram para mais longe, os contatos diminuíram e finalmente, em muitos casos, cessaram. Quando as linhagens migraram, já deveriam ter sido núcleos de acréscimos heterogêneos e não grupos exclusivos de agnatos: mas a mistura sem dúvida foi apressada e completada com esses movimentos.

É provável que dois fatores, além da migração, das lutas, casamento interno, etc., tenham contribuído para a dispersão das linhagens. Os Nuer são fundamentalmente um povo de pastores com predominantes interesses pastoris e não se sentem ligados, por necessidade econômica ou laços rituais, a nenhum lugar em especial. Lá onde estiver seu gado, o Nuer terá sua casa; sua lareira é feita com o estero de seu gado, e seu altar é uma vara leve (*riek*) que ele finca onde estiver. Os espíritos que lhe deu proteção e os fantasmas dos ancestrais que zelam por seu bem-estar tampouco estão ligados a um lugar, e estão presentes lá onde estiverem os rebanhos. Os animais dedicados aos fantasmas e espíritos são seus santuários ambulantes. Da mes-

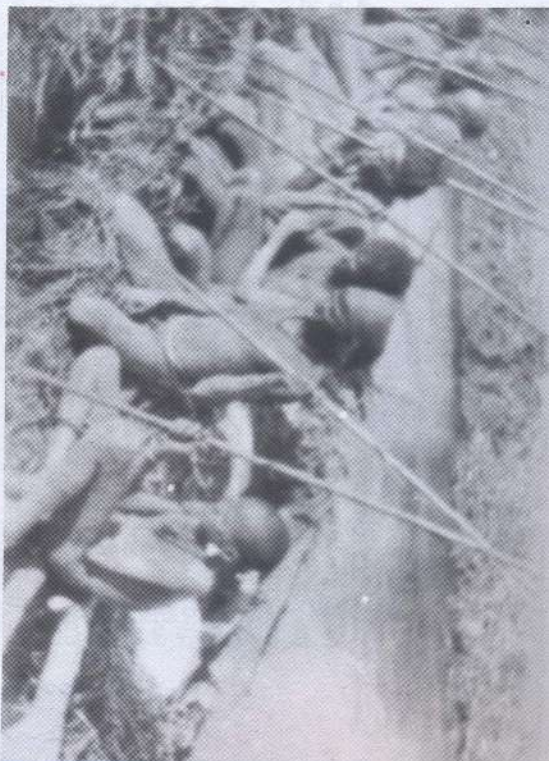
## TRIBOS JIKANY



ma forma, os Nuer não têm nenhum culto organizado dos espíritos ancestrais. Os mortos são enterrados rápida e toscamente em túmulos não visitados e esquecidos; só em casos muito raros é que lhes são feitos sacrifícios e não há lugares santos associados a eles.

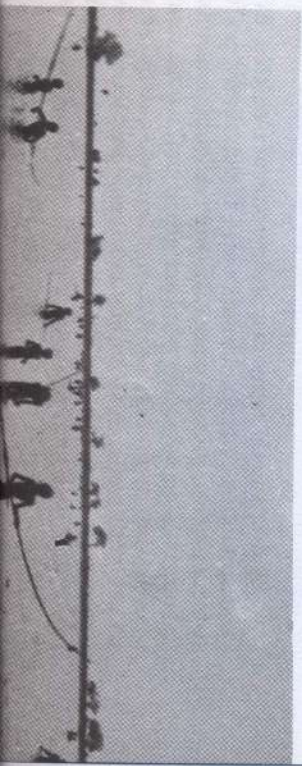
Assim, os Nuer sempre se sentiram livres para perambular como bem lhes agradasse, e se um homem se sente íntelz, sua família doente, seu rebanho declinando, sua horta exaurida, inadequadas as suas relações com alguns de seus vizinhos, ou simplesmente se está dessassossegado, muda-se para um setor diferente da região e vai morar com alguns parentes. Difícilmente um homem parte sozinho, uma vez que os irmãos constituem uma corporação e, especialmente se são filhos da mesma mãe, permanecem juntos. Assim, como resultado de disputas, não raro um grupo de irmãos abandona uma aldeia e se estabelece em outro lugar. Dizem os Nuer que normalmente vão para a casa de uma irmã casada, onde têm certeza de serem bem recebidos. Ali são respeitados como *jienghu*, parentes por afinidade de casamento, e seus filhos aceitos como *gaat nar*, filhos do irmão da mãe, enquanto que as pessoas às quais se juntam são, para eles, *cieng conyinar*, o povo do marido, de minha irmã, e *gaat nyul*, os filhos de uma mulher agnata, e *gaat waca*, os filhos da irmã do pai. Um homem que muda de residência torna-se assim membro de uma comunidade diferente e entra em relação íntima com a linhagem dominante daquela comunidade. Quando um homem *gatiiek* me disse: "Agora que vim para ficar em *cieng Kwoth* sou um homem de *cieng Kwoth*", ele estava querendo dizer que, com exceção das situações cerimoniais, ele se identificava mais com a linhagem KWOTH do que com sua própria linhagem.

Mesmo um só homem é uma linhagem em potencial, e com mais razão o são vários irmãos. Uma linhagem mínima, e portanto uma linhagem menor, começa a existir tendo apenas um *status* ritual em relação a outras linhagens do clã, enquanto que, com o povo em cujas aldeia e distrito seus membros cresceram, ela tem interesses mútuos e experiências comuns. O grupo se desdobra assim numa linhagem diferente. Produz casamentos internos com outras pessoas de seu próprio lugar, e esses casamentos internos ocorrem tão freqüentemente, às vezes, com a linhagem dominante do distrito, que casamentos posteriores entre elas tornam-se impossíveis sem o rompimento das normas do incesto. Deste modo, as linhagens emaranham-se umas nas outras e uma trama de relações entre cognatos une todos os membros da comunidade. Apenas algumas dessas linhagens se estabelecem e sobrevivem como linhagens. Muitas ou mortem ou perdem a maior parte de sua individualidade, ligando-se a linhagens mais amplas e mais fortes através de processos que explicaremos posteriormente.



a) Pesca com lanças numa represa (Gajok orientais).

b) Pesca com arpão no lago Fadjo (Lou).



No entanto, uma linhagem nuer nunca se funde inteiramente com outro clã. Sempre há certas práticas rituais que não podem ser partilhadas. Se o casamento interno cria laços comunitários entre duas linhagens, por esse mesmo ato elas torra distintas, uma vez que só é possível o casamento entre aqueles que não pertencem ao mesmo grupo agnato; e ainda que duas linhagens se casem entre si em tal proporção que as relações cognatas se tornem um impedimento a mais casamentos entre ambas, cada uma delas pode casar com linhagens colaterais do clã da outra e com os filhos de suas filhas. Se um elo mitológico instaura uma união mais estreita entre elas, isso constitui também uma lembrança de suas diferentes linhas de descendência que explica, de fato, como é que pessoas de descendência diferente estão vivendo juntas amistosamente. Assim uma linhagem, por mais afastada que esteja de sua terra natal e por mais longe que esteja de seus parentes, nunca é inteiramente absorvida ou perde sua herança ritual. Uma linhagem só pode misturar-se com uma linhagem colateral do mesmo clã.

Mas embora as linhagens mantenham sua autonomia, o valor delas só atua dentro do campo restrito do cerimonial e, portanto, apenas ocasionalmente se constitui num determinante do comportamento. Valores comunitários são aqueles que constantemente dirigem o comportamento, e atuam num conjunto de situações sociais diferentes dos valores da linhagem. Enquanto os valores da linhagem controlam relações cerimoniais entre grupos de agnatos, os valores comunitários controlam relações políticas entre grupos de pessoas vivendo em aldeias, seções tribais e tribos separadas. Os dois tipos de valores controlam planos distintos da vida social.

Como explicaremos nas seções seguintes, é apenas a íntima associação entre uma tribo e seu clã dominante, e linhagens de algum modo relacionadas com este clã dominante, que torna politicamente importante o princípio agnático na estrutura da linhagem, pois estas linhagens atuam como valores no sistema político que lhes dá uma substância corporativa.

## VI

A despeito de tanta dispersão e mistura de clãs, existe em cada tribo uma relação definida entre sua estrutura política e o sistema de clãs, pois em cada tribo um clã, ou linhagem máxima de um clã, está associado com um grupo político no qual ocupa uma posição dominante sobre outros grupos agnatos que moram ali. Além do mais, cada um de seus segmentos tende a associar-se com um segmento da tribo, de tal modo que existe uma correspondência, e não raro uma identificação lingüística, entre as

partes do clã e as partes da tribo. Assim, comparando-se os diagramas das pp. 155 e 202 e tomando o clã A como o clã dominante da tribo B, as linhagens máximas B e C correspondem às seções primárias X e Y, as linhagens maiores D e E correspondem às seções secundárias X<sub>1</sub> e X<sub>2</sub>, as linhagens maiores F e G correspondem às seções secundárias Y<sub>1</sub> e Y<sub>2</sub>, e as linhagens menores J e K correspondem às seções terciárias Z<sub>1</sub> e Z<sub>2</sub>. As linhagens mínimas estão associadas às aldeias que compõem as seções terciárias. E por essa razão que dissemos que o clã dominante forma uma moldura, dentro da qual é construído o sistema político da tribo através de uma série complexa de laços de parentesco. O sistema de linhagens do clã dominante constitui um arcabouço conceitual sobre o qual colocam-se as comunidades locais formando uma organização de partes relacionadas, ou, como preferimos dizer, um sistema de valores ligando os segmentos tribais e fornecendo a linguagem em que suas relações podem ser expressas e dirigidas.

Os JINACA da região Lou viviam originalmente com seus parentes, JINACA da região Rengaram, a oeste do Nilo, mas separando-se deles e tendo atravessado o Nilo, conquistaram a atual região Lou. Aqui foram os primeiros ocupantes ou, ao menos, os elementos mais fortes entre os primeiros ocupantes. É provável que os homens JINACA atravessassem freqüentemente o Nilo para juntar-se com seus parentes do leste e fundir-se com eles. Tais pessoas tornavam-se de imediato membros do clã dominante e eram chamadas de *diel*, membros do grupo aristocrático das linhagens. Porém membros de outros clãs que se fixaram na região Lou durante ou depois da ocupação eram classificados como estrangeiros (*ruil*). Da mesma forma, as linhagens do clã GAATGANKIIR que cruzaram o Nilo e fixaram-se a norte do Sobhat tinham ali uma posição privilegiada entre outros Nuer que se juntaram a eles.

Toda tribo nuer possui, desse modo, seu *diel*, seu clã superior, embora no caso de algumas tribos não tenhamos certeza quanto à designação correta desses clãs. Entre os Gaawar, são os THANG, entre os Thiang, são os (GAA) THANG, entre os Leek são os GAATBOL, entre os Wor e provavelmente também entre os Ror, são os JIDET, entre os Begh são os JIKOL, etc. Quando não se sabe o nome correto do clã, podemos referir-nos a esses elementos dominantes como os aristocratas (*diel*) ou os "touro" (*tur*) da tribo tal, como fazem freqüentemente os príncipes Nuer; por exemplo: um *dil* ou *tur bura*, um aristocrata da tribo hor, *dil* ou *tur wothi*, um aristocrata da tribo wor, *dil* ou *tur beeka*, um aristocrata da tribo beegh, *dil* ou *tur taka*, um aristocrata da tribo lak, etc. Pode-se sempre falar de uma linhagem ou clã aristocrático usando seu nome próprio ou tomando como referência a tribo onde ocupa a posição privilegiada; por exemplo: GAATNACA, filhos de Nac, ou *diel looka*, aristocratas da tribo lou, GAATBOL, filhos de Bul, ou *diel leegni*, aristocratas da tribo leek.

Existem quatro pontos essenciais a serem lembrados a respeito desses clãs aristocráticos.

1. Nem todo clã ocupa uma posição superior numa tribo. Alguns clãs, por exemplo, os JIMEM e os JAKAR, não têm *wec*, ou seja, não têm comunidade local, como dizem os Nuer. Outros têm os territórios das aldeias onde residiram por muito

tempo e que recebem seu nome, mas não são *díel* na tribo onde esses territórios se situam. Muitos são como mudas que perderam todo contato com o tronco original; estes podem ser de imediato designados como linhagens *dinka* que surgiram de imigrantes e cujos descendentes por vezes conhecem a região *Dinka* de onde são originários, mas não conhecem sua posição no sistema de linhagens. Conseqüentemente, não podem traçar sua ascendência por tantas gerações quanto um Nuer verdadeiro, e suas linhagens são mais estreitas em amplitude e territorialmente mais restritas. Podem ser encontrados em pequenos bolsões locais dentro de uma tribo única, enquanto que os clãs nuer estão distribuídos por muitas tribos.

2. Nem todo membro de um clã nuer vive na tribo onde ocupa posição de superioridade, dado que a maioria dos clãs é encontrada em todas as partes da terra dos Nuer. A maioria dos JINACA vive nas áreas tribais Lou e rengyan, onde são os *díel*, mas muitos são também encontrados entre as tribos *jikany* do leste e em outras partes. Da mesma forma, a maioria dos GAAWAR vive na região Gaawar, mas também são encontrados na maioria, se não em todas, das tribos nuer. As tribos são grupos territoriais com uma extensão social ininterrupta, enquanto que os clãs são grupos de parentesco amplamente dispersos. Conseqüentemente, uma tribo é uma comunidade e pode ter funções de cooperação, mas um clã jamais é uma comunidade e jamais pode agir cooperativamente. A tribo Lou reúne-se para fazer guerras. Os JINACA jamais se reúnem. E, também, um homem pode mudar de tribo ao mudar o local onde reside, mas jamais pode mudar seu clã. Um Lou que passe a viver na região Gaawar, torra-se um Gaawar. Um JINACA permanece um Nac onde quer que more.

3. Como ressaltamos anteriormente, um clã não é numericamente preponderante na tribo em que é dominante; por exemplo, os JINACA constituem apenas uma pequena minoria na tribo Lou, e a linhagem GAJIOK constitui apenas uma pequena minoria na tribo gaajok.

4. Um homem só é um *díel*, aristocrata, na tribo em que seu clã tem uma condição superior. Assim, um *díel Leegni*, um aristocrata da tribo leek, só é um aristocrata ali e em nenhum outro lugar. Se se muda para a região Bul ou para uma das regiões *Jikany*, não é mais um *díel*, porém um *rul*, estrangeiro. Do mesmo modo, um membro dos JINACA é um *díel* na região Lou, mas, como fazem muitos de seu clã, se ele vai morar na região Gaajok não será um *díel* mas um *rul*, estrangeiro. Os JINACA são *díel booka*, mas os GAJIOK são *díel gaajok*. A condição de *díel* depende do fato de se residir em terras possuídas pelo clã. A única exceção a este princípio encontra-se em casos onde o clã é dominante em duas ou mais tribos, por exemplo, os JINACA em Lou e Rengyan e os GAATGANIKIIR nas regiões *Jikany* a oeste e

a leste do Bahr el Jebel. Se um homem dos JINACA muda-se de Rengyan para Lou, ele continua a ser um *díel*, pois ambas as regiões pertencem ao mesmo clã. Do mesmo modo, um homem da linhagem GAJIOK dos GAATGANIKIIR pode mudar-se de Gaajok para Gaagwang ou para a região Gaajak, de ambos os lados do Nilo, e continuar a ser um *díel*, pois várias linhagens de seu clã são dominantes em todas estas tribos.

Como a maioria das palavras que denotam uma posição sociológica, *díel* é utilizada pelos Nuer em vários contextos, com vários significados. Neste livro, é utilizada com o sentido que lhe foi dado no parágrafo anterior. No entanto, é possível usar a palavra para denotar um membro verdadeiro de uma linhagem qualquer, quer seja ou não dominante na tribo. Por exemplo, a linhagem JUAK da tribo leek é de origem *dinka* e não é *díel Leegni*, mas um homem que esteja entre eles obviamente poderá ser tanto um *díel Juaka*, um verdadeiro membro da linhagem JUAK, ou uma pessoa que se ligue a ela por uma outra razão. Do mesmo modo, é possível falar-se em *díel JIMEM*, embora não exista tribo na qual os JIMEM tenham estatuto de *díel*, pois alguém pode ser um verdadeiro membro do clã ou um *Dinka* que se ligue a ele. Também um membro dos JINACA que abandona a região Lou e fixa-se em Gaajok continua a ser um *gai díel Looka*, um filho da aristocracia Lou, e se designará com esse título, o que significa que quando está na região Lou é uma aristocrata.

As palavras "tur" ou "gai twor", filho do touro, são usadas do mesmo modo que "díel" e "gai díel". Aqui, outra vez, alguém pode ser um *tur* em sua linhagem, em contraste com o acúmulo de estrangeiros e *Dinka* que vivem no distrito associados a ela, sem ser um *tur* da tribo da qual faz parte aquele distrito; por exemplo, um homem pode ser um *tur* da seção secundária *jaajoh* da tribo Lou sem ser um *tur Looka*, pois o clã aristocrata de toda a região Lou são os JINACA, e os JAAJOAH não são membros desse clã. Em outras palavras, um homem pode chamar-se um *tur* dos Jaajoh para ressaltar que ele é do clã JAAJOAH e não apenas da tribo Jaajoh, mas com isto ele não quer dizer que seja um *tur Looka*. Num sentido ainda mais geral, *tur* pode significar apenas, como observamos, um *pater familias* ou mesmo uma pessoa do sexo masculino. Deve-se considerar o contexto em que a palavra está para se poder traduzi-la. Neste livro, usamos as palavras *tur* ou *gai twor* no sentido, definido nas pp. 190 e s., de pessoa mais velha, e usamos *díel* com referência a um aristocrata tribal.

É difícil encontrar, em inglês, uma palavra que descreva adequadamente a posição social dos *díel* numa tribo. Chamamos-lhes aristocratas, mas não pretendemos dizer que os Nuer os consideram como de grau superior pois, como ressaltamos enfaticamente, a ideia de alguém predominando sobre os demais lhes repugna. No conjunto — explicaremos esta colocação mais adiante — os *díel* têm mais prestígio do que posição, e mais influência do que poder. Se você é um *díel* da tribo em que vive, você é mais do que um membro da tribo. E um dos donos da região, do terreno da aldeia, dos pastos, dos reservatórios de pesca e dos poços. Outras pessoas vivem ali em virtude de casamentos feitos com membros de seu clã, da adoção pela sua linhagem ou algum outro laço social. Você é um líder da tribo, e o nome-de-lança de seu clã é invocado quando a tribo entra em guerra. Sempre que há um *díel* numa aldeia, esta se agrupa a seu redor assim como o gado se agrupa ao redor de seu touro.

Descrevi a posição dos *diet* tal como julguei que fosse na tribo Lou. Tive a impressão de que a oeste do Nilo sua condição era menos destacada, enquanto que entre as tribos jikany orientais, na periferia da expansão nuer, era mais acentuada. Na área dos Karhual da tribo leek, única região dos Nuer orientais que conheço mais do que superficialmente, o prestígio aristocrático de um *dil* é reconhecido, mas há clãs de estrangeiros tão bem e há tanto tempo encravados nos distritos e aldeias em que hoje se encontram, que um *dil* não tem nenhum privilégio legal. Numa observação superficial, cheguei à conclusão de que as condições eram as mesmas entre os Nuer ocidentais, com exceção, talvez, dos Jikany, onde a condição dos *diet* pode ser mais destacada. Entre os Jikany orientais encontra-se uma insistência maior sobre a diferenciação social e o privilégio legal. A categoria dos *diet* tende a ser mais acentuada nas tribos maiores do que nas tribos menores, e quando se examinar sua função estrutural se entenderá o porquê.

Numa aldeia nuer ou num acampamento de gado raramente há mais que umas poucas famílias de *diet*. A maioria das pessoas são *tu*, Nuer ou outros clãs, ou *jang*, pessoas de descendência *dinka* que não foram adotadas pelas linhagens nuer. Um *rul* é um Nuer que em certas tribos não é um *dil*, embora possa ser *dil* em outras tribos. Já expliquei como as linhagens se separam de seus grupos localizados de parentesco, perambulam, juntam-se a outras pessoas ou outros clãs e se tornam membros de uma nova comunidade. Este processo me foi bem descrito por um homem da tribo dok. Membros de uma linhagem geram filhos, torram-se numerosos e espalham-se através da região, andando por aqui, por ali, por toda parte. A seguir, as relações íntimas entre eles cessam e vão viver no meio de outros clãs que se relacionam de longe com eles. Moram entre estes como amigos e aos poucos forjam novas relações cognatas através de casamentos internos. Por conseguinte, as linhagens se misturam demais em todas as comunidades locais.

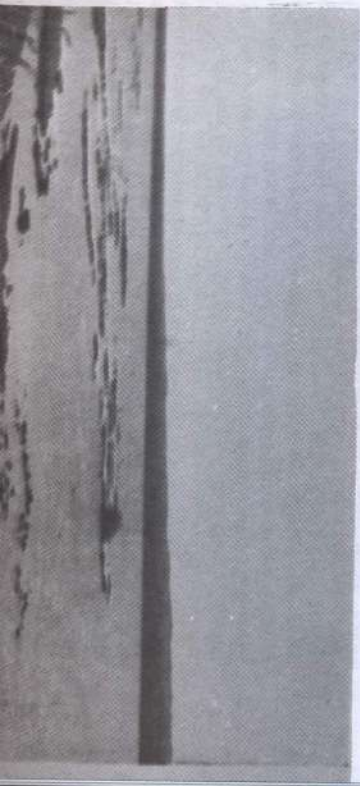
Os Nuer também dizem que *dil* algum mora num meio social composto inteiramente por companheiros de aristocracia, pois as linhagens de *diet* se separam e os segmentos procuram autonomia tornando-se núcleos de novas aglomerações sociais nas quais são os elementos aristocratas. Assim, as linhagens de *diet* se separam não apenas em virtude de dissensões internas, mas porque um homem de personalidade gosta de estabelecer-se ali onde será uma pessoa importante, ao invés de permanecer como irmão mais moço num grupo de parentes mais velhos e influentes. Disseram-me que esse processo através do qual qualquer homem, especialmente um *dil*, pode tornar-se líder local é sentido como entraigado em seu sistema social, e é a razão pela qual eles se opõem à criação, pelo governo, de uns poucos "chefes" locais cuja posição tende a tornar-se formal, permanentemente e here-

XXIII:



a) Aspecto do kraal de acampamento (Lou).

b) O rio Sobat na estação seca (Lou).



ditária. Para eles, isto constitui uma interpretação rígida da condição social, baseada em qualificações territoriais e não em qualificações pessoais, e que estabiliza a superioridade de um único homem ou única linhagem. Todo homem de posição acha que deveria ser um chefe. Daí não se deve concluir que um homem deve ser um aristocrata para ganhar influência sobre seus companheiros de aldeia. Pode ser um *tut* de alguma outra linhagem que não a dominante que, por seu caráter destacado, foi capaz de estabelecer-se, e a seu grupo de parentes, como líderes sociais em sua localidade.

Existe, portanto, em toda tribo, alguma diferença de *status*, mas as pessoas assim diferenciadas não constituem classes, e "estrangeiros" e "Dinkas" devem ser encarados antes como categorias do que como grupos. A relação que mantém com os aristocratas no sistema tribal e o modo pelo qual os diferentes elementos se integram nas comunidades serão objeto de nossa atenção em capítulos posteriores.

## VII

É apenas na avaliação em gado de raça que as diferenças sociais entre aristocratas e estrangeiros nuer têm maior importância e, neste caso, apenas entre as tribos jikany, especialmente entre os jikany orientais. Entre os jikany orientais, os parentes de um *dil*, aristocrata, morto deviam ser compensados com o pagamento de mais gado do que o devido aos parentes de um *rai* (estrangeiro) ou *jaang* (Dinka) mortos. Não é fácil saber a que ponto esse privilégio era obedecido ou mesmo descobrir as avaliações em gado de raça. Sem dúvida existia uma considerável elasticidade no reconhecimento de quem podia ser considerado um *dil* em situações de homicídio, e muita variação no número de reses pagas por homicídio. Muitos informantes declararam que na época pré-governo, um verdadeiro nuer, chamado nas tribos jikany de *gar Greaka*, valia a mesma coisa que um jikany *dil* quando se tratava de avaliação em gado de raça, e me deram a seguinte relação: um aristocrata jikany, 40, um estrangeiro nuer, 40, um Dinka adotado por um aristocrata jikany, 20, um Dinka adotado por um nuer estrangeiro, 20, e por um Dinka não adotado, 6. Em épocas mais recentes, foram considerados como normais os seguintes pagamentos: aristocrata jikany, 20, estrangeiro nuer, 17, Dinka permanentemente estabelecido na região, 16, Dinka estabelecido há não muito tempo, 10.

Eu não estava há tanto tempo entre os jikany orientais de modo a poder investigar este assunto de modo mais completo, mas tive a impressão de que a segunda lista estava tingida na variação dos tributos, como certamente foi influenciada com relação aos totais dos pagamentos, por recentes decisões governamentais, embora os informantes que me transmitiram tenham insistido que se baseava nos pagamentos antigos. Os aristocratas asseveraram que, no passado, pagava-se mais reses pelo homicídio de um aristocrata do que pelo de um nuer estrangeiro. Membros de clãs nuer que não o GAATGANKI, que se estabeleceram nas tribos jikany, asseguraram-me que os pagamentos eram os mesmos em ambos os casos. Sem dúvida estavam tentando influenciar as práticas governamentais com suas declarações. No conjunto, acredito que entre os jikany orientais provavelmente havia uma diferença entre os pagamentos por homicídio de aristocrata e de estrangeiro, mas que havia muita flexibilidade nos pagamentos, que em geral dependiam das circunstâncias especiais de cada caso: o tamanho da casa do morto na região, alianças de casamento entre sua família e as linhagens aristocratas, a

força de sua linhagem e de sua comunidade local, o fato de ter sido morto por membro de sua aldeia ou por alguém de outra aldeia, e assim por diante. Provavelmente o mesmo é verdadeiro quanto às tribos jikany ocidentais, onde me disseram que o pagamento habitual por um aristocrata era de 40 a 50 reses, por um estrangeiro estabelecido na região, 30, e por um Dinka que estivesse morando por ali mas que ainda não havia construído uma casa, 20. A prática dos jikany não é típica dos Nuer em sua totalidade.

No entanto, em toda a terra dos Nuer, os Nuer e os Dinka eram diferenciados através do pagamento de seu valor em gado de raça, embora a definição de um Dinka, sob este aspecto, variasse nas diferentes tribos. Entre os Lou, a prática era identificar aristocratas e estrangeiros através do total de 40 reses. Um Dinka nascido em região Lou tornava-se um Nuer (*caa nuh*) e um membro da comunidade na qual estava vivendo (*caa ran wec*), de modo que também sua vida valia 40 reses. Por outro lado, um Dinka capturado em guerra e levado para a região Lou valia 16 reses, enquanto um Dinka em visita a parentes ou afins na região Lou valia apenas 6 reses. Disseeram-me que um Dinka adotado tinha posição inferior à de seus filhos, que eram considerados Nuer verdadeiros. Nas tribos jagei, Nuer estrangeiros e Dinka que eram membros permanentes da comunidade aparentemente valiam 40 reses, como um aristocrata, enquanto um estrangeiro ou Dinka que ainda não tivesse construído um estábulo valia apenas 10.

A construção de um estábulo era importante porque um homem que construísse uma casa numa aldeia tinha claramente a intenção de permanecer ali e a comunidade ganhava um acréscimo em seu rebanho. Um homem nestas condições parece ter sido reconhecido como aristocrata em todas as partes da terra dos Nuer, exceto entre os jikany onde, como me disseram, um Dinka jamais perdia sua condição inferior, transmitida a seus descendentes. A aceitação de um membro permanentemente de uma comunidade como sendo um aristocrata concorda com a tendência geral entre os Nuer segundo a qual a descendência se subordinava à comunidade, tendência que ressaltaremos consistentemente.

Destacaremos novamente o ponto que chamamos atenção na seção sobre o direito, aquele no qual o grau de responsabilidade atribuído a um dano, as possibilidades de indenização oferecidas e o total pago como compensação dependem das relações das pessoas envolvidas na estrutura social. Assim, se um homem mata um Dinka não adotado, agregado a sua própria casa, um Dinka que não nasceu entre os Nuer, não há reparação, mas seu agrupamento doméstico protegerá seus Dinka contra estranhos e vingará as mortes que aconteçam. Dol, que é de descendência dinka, disse-me: "Se você ofende um Dinka de sua casa, muito bem, você ofendeu e pronto. Se ele ficar zangado, você lhe diz que o matará e que nada aconte-



cerá. Você simplesmente limpará a lanca no chão e a pendurará. Mas se um outro homem ofender um Dinka de sua casa, você lutará com ele, pois o Dinka é seu irmão. Você perguntará ao homem se ele é seu Dinka ou Dinka dele".

A posição de um Dinka em seu próprio círculo doméstico é, assim, diferente de sua posição em relação aos membros de um grupo maior. Ele é apenas um *jang* para a família conjunta que o considera como "um homem deles". Para as pessoas que não pertencem a esta família conjunta, ele é um membro daquela *gol*, família conjunta, e não cabe a eles estabelecer uma diferença de *status* dentro dela. Disseram-me que, se uma pessoa de fora chama um Dinka desse tipo de "*jang*", os filhos do homem que o tivesse capturado se ofenderiam com o insulto e poderiam dar início a uma luta para limpar a afronta, pois para eles o Dinka é "*demar*", "meu irmão", em relação aos de fora. Eles perguntam: "Quem é um *jang*? Foi seu pai que o capturou ou foi nosso pai?" A aceitação de um Dinka nascido entre os Nuer como membro das casas e aldeias nuer é ainda mais aceita.

O *status* de um Dinka é, portanto, relativo, e pode-se considerar que um homem em certa situação pertence a ele e em outras não. Com toda evidência, é isto o que acontece com a vida social em geral, porque normalmente ninguém diferencia um homem de descendência dinka de um outro de descendência nuer, e acreditamos que aconteceu a mesma coisa nas questões de homicídio, uma vez que a situação social compunha-se das relações estruturais do assassino e seus parentes com o homem morto e outras pessoas envolvidas na disputa. Em nossa opinião, as incertezas e as contradições sempre evidentes nas declarações dos Nuer a respeito dos pagamentos de gado de raça como indenização devem ser atribuídas à relatividade do *status* social, sempre relativo à distância estrutural entre as pessoas e, portanto, não definível em termos rígidos.

Do mesmo modo, *ru* é um conceito muito elástico. Se um Leek vai para a região *gaajak* para roubar gado e é morto, nenhuma compensação é paga por esse homicídio. Um Leek viajando através de território *gaajak* sem intenções de causar perdas a seus donos não seria assassinado sem provocar o pagamento da compensação. Se estivesse visitando parentes ou afins e fosse morto numa disputa, seus anfitriões se considerariam na obrigação de vingá-lo, embora não sentissem essa obrigação de modo muito acentuado. Mas um Leek que tivesse construído sua casa em território *gaajak* e casado dentro da aldeia onde reside é um membro daquela comunidade. Se um outro membro de sua aldeia o matar, pode-se argumentar que ela era um *ru*, e, assim, sua morte será saldada com menos reses do que se se tratasse de um aristocrata. Mas se um membro de outra aldeia o matar, sua comunidade provavelmente não aceitará esta defi-

nição de seu *status*, pois não se faz distinção entre os membros da própria comunidade com base na descendência em suas relações com outros segmentos políticos. Nas relações políticas, os laços comunitários são sempre dominantes e determinam o comportamento.

## VIII

Observamos que, numa tribo, há três categorias de pessoas: *diel*, *ru* e *jang*. Os *diel* constituem um clã aristocrata, numericamente ultrapassados na tribo pelos estrangeiros e Dinka, mas que fornecem a estrutura da linhagem sobre a qual se constrói a organização tribal. O problema é saber como os estrangeiros e os Dinka se ligam ao clã dominante de modo que o clã se torna, através das relações entre ele e os outros membros da tribo, a estrutura do sistema político. Como os Nuer identificam todos os laços sociais numa linguagem de parentesco, está claro que apenas o reconhecimento de laços mútuos de parentesco poderia levar a esse resultado. Este reconhecimento é feito de diversos modos. Começaremos examinando a adoção. Um Nuer não pode ser adotado por uma linhagem a não ser por aquela em que nasceu, de modo que esse costume diz respeito apenas aos Dinka.

Já descrevemos como os Nuer escarnecem dos Dinka e persistentemente realizam investidas contra eles, mas os Dinka que são membros permanentes de suas comunidades não são tratados diferentemente dos membros nuer, e vimos que pessoas de descendência dinka constituem provavelmente a metade da população da maioria das tribos. Esses Dinka são filhos de prisioneiros e imigrantes criados como Nuer, ou são prisioneiros e imigrantes residindo em caráter permanente entre os Nuer. São os "*Jang-Nath*", "*Dinka-Nuer*" e, diz-se, os "*Caa Nath*", "eles se tornaram Nuer". Como explicamos, uma vez que se reconhecesse que pertencem a uma comunidade, na maior parte da região Nuer, sua condição legal é a mesma do Nuer, e é somente com relação ao ritual e às regras de exogamia que se chama a atenção para sua origem. Em relações estruturais de tipo político, são membros indistintos de um segmento. Embora em suas relações domésticas e de parentesco um Dinka não tenha uma posição tão sólida quanto a dos Nuer (uma vez que não tem a mesma gama de laços de parentesco), nunca observei que sofressem qualquer limitação em suas capacidades, e menos ainda qualquer degradação. Em resposta a minha pergunta se um Dinka capturado na verdade não trabalharia mais arduamente no *kraal* do que um filho da família, foi-me dito que ele era um filho e gozaria dos mesmos privilégios dos outros filhos, ganhando um boi de seu pai quando da iniciação e, mais tarde, gado para presentear quando de seu casamento. Os únicos es-

trangeiros que sofrem uma séria desigualdade social são deturminados setores marginalizados de Dinka e Anuak que foram conquistados mas não absorvidos pela sociedade e cultura nuer. Tais setores, como o *balak dinka* e os *anuak* no rio Sobat, não gozam nem dos privilégios dos cidadãos nuer, nem da liberdade dos estrangeiros. Esses setores não constituem verdadeiramente parte de uma tribo nuer.

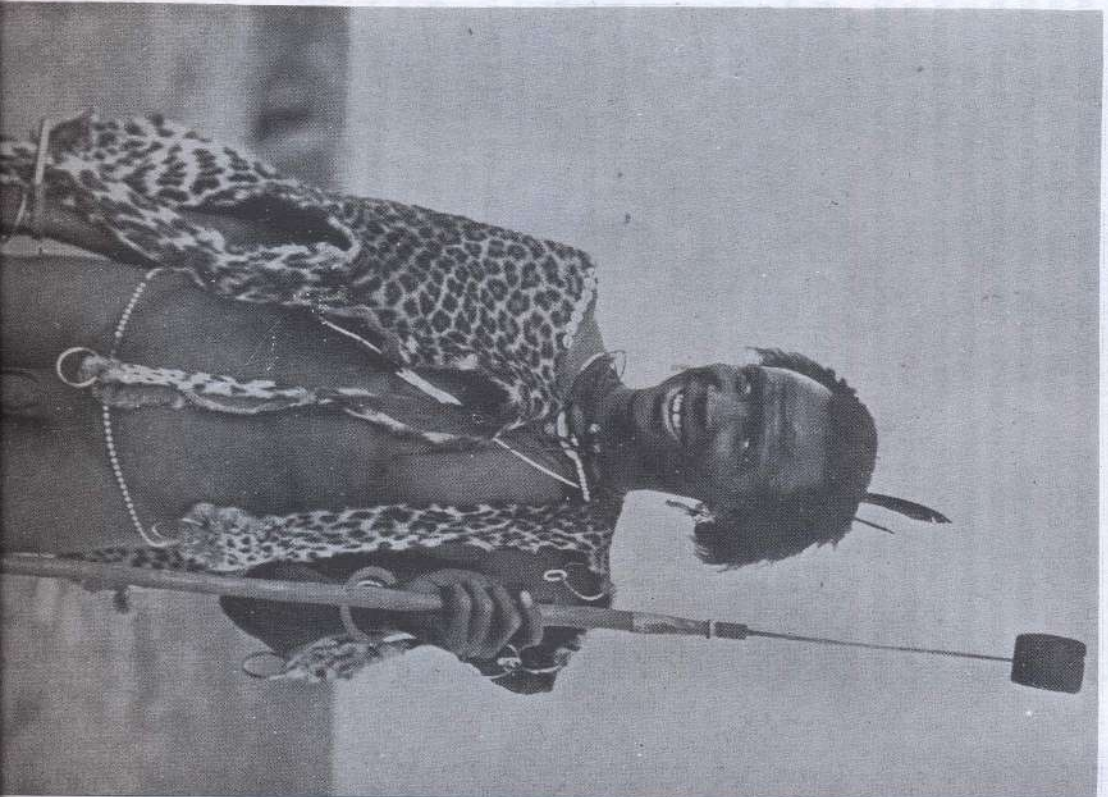
Meninos dinka capturados quase invariavelmente são incorporados à linhagem de seus captores nuer através do rito da adoção, e figuram como filhos na estrutura da linhagem, assim como nas relações familiares, e quando as filhas dessa linhagem se casam, recebem o gado presenteado no casamento. Um menino dinka é criado como filho na casa de seu captor. É incorporado à família e à família conjunta através de sua aceitação como membro destes grupos pelos outros membros e pelos de fora. As pessoas dizem "*caa dil e cieng*" ou "*caa ran wec*", "ele se tornou membro da comunidade", e do homem que os capturou dizem "ele se tornou pai dele", e dos filhos deste, que "se tornaram irmãos do menino". Já é um membro do *gol*, a casa e a família conjunta. A adoção lhe confere uma posição na estrutura da linhagem e, com isso, *status* cerimonial, pois através da adoção ele se torna um membro da *thok dwiel* (linhagem) de seu captor.

Disseram-me que o captor raramente dará ele próprio ao menino a *burh*, filiação agnática a sua linhagem, e que o rito é normalmente realizado por um parente a pedido de seus filhos e com o consentimento de sua linhagem mínima. Um representante da linhagem comvida o Dinka, agora crescido e iniciado, a participar do sacrifício de um boi ou carneiro em seu *Kraal*. O chefe da família conjunta fornece o animal para o sacrifício e o representante da linhagem crava a estaca na terra diante da entrada do estábulo e para cima e para baixo no *Kraal* invocando o nome-de-lança do clã e chamando os espíritos e fantasmas ancestrais da linhagem para que adotem o Dinka como membro da linhagem e submetido a sua proteção. A seguir ele lançeta o animal e o Dinka é unido com o conteúdo, não digerido, do estômago do animal, enquanto se pede aos fantasmas e espíritos que o aceitem. Ele é especialmente unido na sola dos pés, pois isto o liga a seu novo lar. Se o abandonar, morrerá. O animal é então cortado, e um filho da casa, ou o representante da linhagem, e seu novo irmão dividem a pele e o esgoto, que o Dinka corta. O Dinka também fica com o peçoço. Em todas as ocasiões futuras em que se sacrificarem animais pelos membros da linhagem, o Dinka receberá sua parte da carne, pois agora é membro dela. O corte do esgoto é o ato simbólico que torna um homem membro da linhagem, porque somente um parente agnático pode cortar o esgoto do animal de um sacrifício. "Um homem que tiver cortado o esgoto do animal de outro, se tiver relações sexuais com a filha dele, morrerá."

Uma moça prisioneira não é adotada pela linhagem, mas as pessoas dizem "*caa lah cungm*"! "ela ganha o direito de receber gado para casar". "Seus filhos transformam-se em pessoas que partilham do gado presenteado no casamento". Isso significa que, quando ela se casar ou suas filhas se casarem, os filhos da família que a criou receberão as reses devidas a irmãos e tios maternos, e que, em troca, quando as filhas dos filhos e filhas da família se casarem, ela, ou seus filhos, podem pretender receber a vaca devida à tia paterna e a vaca devida

XXIV:

Um chefe  
da pele de leopardo.



à tia materna. Ela se tornou filha de seu captor e irmã dos filhos dele, mas não é membro da linhagem deles.

Pela adoção, homens dinka são enxertados na linhagem de seus captores. Eles trazem sua ascendência pela linhagem até os ancestrais e se tornam um novo ponto no crescimento dela. A fusão é completa e final. Os espíritos da linhagem tornam-se seus espíritos, as almas tornam-se suas almas, e o nome-de-lança e o nome honorífico tornam-se símbolos seus. De fato, é quase impossível, sem uma prolongada estadia numa aldeia ou acampamento nuer, descobrir quem é e quem não é de origem nuer pura. Durante semanas, considere alguns homens como sendo Nuer verdadeiros, enquanto eram descendentes de Dinka capturados, pois um homem cujo avô dinka tenha sido adotado por uma linhagem nuer, considera-se tanto membro da linhagem quanto o homem cujo avô adotou seu ancestral, e ele é assim considerado pelos outros membros da linhagem e demais pessoas em geral. Assim, quando um homem dá sua descendência partindo de E e passando por D e C, e outro homem dá sua descendência partindo de E, passando por J e K, supõe-se naturalmente que D e J são filhos de E. Não há modo de saber se, com efeito, J era um Dinka aprisionado que foi adotado pela linhagem, a menos que alguém forneça essa informação espontaneamente — acontecimento muito pouco provável na terra dos Nuer. Além do mais, não é de boa educação perguntar a estranhos se seus avós foram Dinka aprisionados, e — mesmo que sejam de origem dinka — eles não o dirão logo. É claro que sempre se pode perguntar a outras pessoas; mas somente as que são membros da mesma linhagem têm probabilidades de conhecerem plenamente os ancestrais de alguém e elas, com certeza, não dirão que ele é de origem dinka, dado que é um parente agnático no que diz respeito a estranhos.

Um número muito grande de Dinka em todas as tribos foram incorporados, por adoção, às linhagens nuer. Já que, conforme disse antes, os Dinka adotados e seus descendentes podem casar-se com linhagens colaterais, não é exato dizer que eles são adotados pelos clãs. Provavelmente a maioria dos Dinka capturados foram adotados pelas linhagens nuer, mas existem também muitas linhagens dinka que descendem de homens que vieram de livre e espontânea vontade fixar-se na terra dos Nuer, quer para escapar à fome (causada em grande parte pelas pilhagens dos Nuer) em sua terra, quer para visitar irmãs capturadas, quer para recobrar locais de onde haviam sido expulsos pelos Nuer. Tais imigrantes não eram perturbados, e permitia-se que eles se fixassem ou voltasse à terra dos Dinka como quisessem. Um Dinka que decidisse fixar-se, tornava-se o *jiang* (seu dinka) e o *rand* (seu homem) de algum Nuer, e este lhe daria uma vaca ou talvez duas quando tivesse dado provas de sua fidelidade e

apego a seu novo lar. Disseram-me que ele pode até mesmo receber uma filha da casa em casamento, sem pagamento da riqueza de matrimônio, se esta fosse cega ou manca e Nuer algum pensasse em casar-se com ela. Não raro alguma viúva vive em combinato com um desses Dinka, que assim obtém uma "esposa" no sentido de cozinheira, governanta e companheira; e mesmo que os filhos que ela der à luz não contem como descendentes dele, ele pode fazer-se amar por eles. Se um Dinka se fixar na casa do marido nuer de sua irmã, pode ser que o marido lhe dê uma vaca ou duas como reconhecimento da afinidade.

Dewe ter havido também setores de ocupantes originais dinka em regiões invadidas pelos Nuer, que se renderam e abandonaram sua língua e seus hábitos em favor daqueles dos Nuer. Em todo caso, existem hoje, em todas as tribos, muitas pequenas linhagens dinka e não raro há aldeias que recebem seu nome. Tais linhagens são numericamente preponderantes nas comunidades onde fiquei a maior parte do tempo, o acampamento Yakwac e a aldeia Nyueny. A maneira como essas linhagens se entrelaçam com a textura de linhagem do clã dominante da tribo é discutida nas próximas duas seções.

A seguir resumiremos alguns pontos que já emergiram de nossa descrição da posição dos Dinka em relação aos Nuer. 1. *Jiang* (Dinka) tem muitos significados: qualquer estrangeiro habitualmente pilhado pelos Nuer, Dinka que vive na terra dos Dinka e é saqueado pelos Nuer, Dinka de setores não absorvidos na terra dos Nuer ou em seus confins, imigrantes dinka recentes, certos clãs que dizem ser de origem dinka (por exemplo, o *Gaiganktir*), membros de pequenas linhagens dinka que são Nuer sob todos os aspectos menos na origem, descendentes de Dinka adotados e Dinka adotados. Somente se pode julgar o significado que um Nuer atribui à palavra pelo contexto e tom com que é falada. 2. Nossa discussão atual diz respeito somente aos Dinka que são considerados membros de uma tribo nuer. Seu *status* é relativo à situação social em que surge a questão do *status* e não pode ser definido rigidamente. 3. A conquista nuer não levou a um sistema de classes ou um sistema simbólico, mas, graças ao costume da adoção, absorveu os Dinka conquistados em seu sistema de parentesco e, através do sistema de parentesco, admitiu-os em sua estrutura política em base de igualdade.

## IX

Grande número de Dinka que não foram capturados quando eram crianças não são adotados pelas linhagens nuer, e os Nuer estrangeiros não podem ser adotados nas linhagens do clã dominante ou em quaisquer outras linhagens nuer. Não obs-

tante, os membros de todas as comunidades locais, enquanto se vêem como segmentos distintos em relação a outros segmentos locais, expressam as relações de uns com os outros em função do parentesco. Isso é causado pelos casamentos mútuos.

Mencionaremos as regras de exogamia de modo tão breve quanto for possível e somente enquanto têm influência direta sobre o sistema político. Em geral, os Nuer contraem matrimônio dentro de sua tribo, embora algumas vezes casem com mulheres de outras tribos, especialmente quando vivem perto dos limites. Algumas vezes também ocorre que um homem se case numa tribo e depois, levando mulher e família, vá viver em outra tribo. Em tempos recentes, tem havido casamentos ocasionais com os Ngok e provavelmente com outras tribos dinka. Não há regras de exogamia baseadas na localização. As regras são determinadas por valores de linhagem e parentesco. Um homem não pode se casar com uma mulher de seu próprio clã e, *a fortiori*, de sua linhagem. Na maioria dos clãs, um homem pode se casar com um membro do clã de sua mãe, mas não da linhagem máxima, embora essa regra seja menos exata. Um homem não pode se casar com qualquer mulher com quem esteja de alguma maneira aparentado. Um Dinka adotado por uma linhagem não pode se casar com uma mulher dessa linhagem, mas pode fazê-lo com linhagens colaterais do mesmo clã.

As regras de exogamia foram descritas apressadamente. Não obstante, achamos que são importantes, pois os valores que regulam, em especial o comportamento das pessoas na sociedade nuer, são os valores de parentesco. As regras nuer de exogamia rompem a exclusividade dos grupos agnáticos forçando seus membros a se casarem com membros de fora e, assim, a criar novos laços de parentesco. Dado que as regras também proibem o casamento entre cognatos próximos, uma comunidade local pequena como uma aldeia logo se transforma numa rede de laços de parentesco e seus membros são compelidos a procurar companheiros fora dela. Qualquer estranho que entre na aldeia, se já não está aparentado com a maioria de seus membros, rapidamente entra em relações de afinidade com eles, e seus filhos se transformam em parentes. Conseqüentemente, a população de uma aldeia ou acampamento de gado nuer pode ser colocada numa única tabela genealógica, mostrando linhas de descendência e afinidade, e, dado que a afinidade é fundamentalmente um relacionamento pelo parentesco, podemos dizer que todos os membros de uma aldeia ou acampamento estão unidos por laços de parentesco e, portanto, estão genericamente impedidos de casar com membros da mesma. Conseqüentemente, são forçados a tomar esposas de aldeias vizinhas de seu distrito. Normalmente, um homem casa com uma moça que viva a uma distância que permita visitas. Daí uma rede de laços de

parentesco estender-se por um distrito e ligar de maneiras diversas os membros de grupos políticos diferentes.

Encarado sob o ângulo de uma única aldeia, o círculo de relações próximas de parentesco limita-se a um pequeno raio que tende a se tornar cada vez mais restrito e as relações mais distantes à medida que nos aproximamos de sua periferia. A circunferência de tal círculo, porém, é interceptada por outros círculos, de tal modo que não há limites para a extensão de uma série contínua de laços de parentesco. As regras exogâmicas, portanto, impedem a formação de grupos agnáticos autônomos e cria extensos laços de parentesco dentro, e além, da estrutura tribal. Assim o sistema de parentesco supera os vazios da estrutura política, por meio de uma cadeia de elos que unem membros de segmentos opostos. São como elásticos que permitem que os segmentos políticos se desfaçam e se oponham e, contudo, sejam mantidos juntos. Essa relação entre parentesco e estrutura política coloca uma série de problemas complexos. Desçamos, aqui, demonstrar apenas um ponto: a maneira como as linhagens dominantes servem de moldura política pelo acréscimo de outras linhagens a elas dentro das comunidades locais.

Já vimos a maneira pela qual toda comunidade local está associada a uma linhagem, e que os membros dessa linhagem que vivem na comunidade são numericamente superados pelos membros de outras linhagens. Também vimos como todos os membros da comunidade estão relacionados de um modo ou de outro através do parentesco. O que dá um padrão a esse complicado cruzamento de fios cognáticos é sua relação com a linhagem dominante da comunidade.

Os Nuer possuem uma categoria de *gaur nyiet*, filhos de moças, que inclui todas as pessoas que ocupam a posição de filho de irmã ou filho de filha numa linhagem. Enquanto um todo, a linhagem pode ser dita *gaur nyiet* em relação a outra, se entre elas existir um desses vínculos femininos em qualquer parte da linha de descendência, e, dado que *deve existir o vínculo* se as linhagens vivem na mesma comunidade (devido às regras de exogamia), conclui-se que as pessoas que vivem juntas são todas *gaur nyiet* umas em relação às outras. Contudo, é em relação à linhagem dominante de uma comunidade que o conceito é especialmente empregado e é importante em termos políticos. Quando as pessoas não são membros dessa linhagem, ressalta-se que elas são *gaur nyiet* quanto a ela. Os Nuer de outros clãs jamais podem identificar-se mais de perto com a linhagem dominante, porque, por razões rituais, eles precisam continuar como unidades autônomas, mas politicamente eles se somam a ela através dessa categoria de parentesco. Além disso, fora das situações rituais, ser *gaur nyiet* para uma linhagem dominante dá às pessoas completa igualdade com ela e o ato de elas se

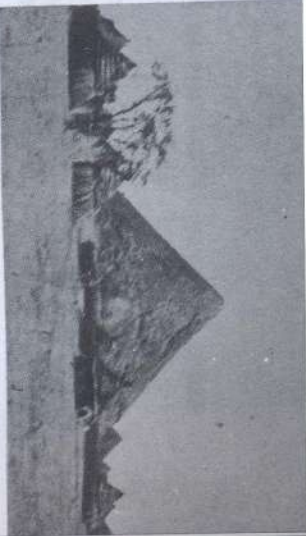
somarem a linhagem não raro é expresso em termos de estrutura de linhagem, de tal forma que é freqüente um homem dar sua ascendência até a mulher da linhagem dominante que deu à luz um de seus ancestrais e, assim, enxertar-se, por meio dela, na árvore de descendentes da linhagem; embora isso normalmente seja feito mais pelos Dinka do que pelos Nuer. É prática habitual, entretanto, para filhos de estrangeiros que foram criados na casa de seus parentes maternos, que são aristocratas, considerar-se como membros da linhagem de sua mãe, exceto em situações cerimoniais, e considerar os membros desta, mais do que os da linhagem de seu pai, como seus verdadeiros parentes.

Os Dinka que não foram adotados, normalmente traçam sua ascendência até uma mulher nuer ancestral e, através dela, enxertam-se numa linhagem nuer e são aceitos como membros dela nas relações sociais habituais. Assim, não raro um Dinka dá sua ascendência na linhagem dominante de sua comunidade através de uma mulher, e algumas vezes, através de dois ou três vínculos femininos, e, embora isso fique geralmente evidente graças aos prefixos femininos, nem sempre pode ser conhecido. Esses indivíduos dinka incorporam-se à estrutura de uma linhagem nuer através de suas mães, já que não possuem uma estrutura de linhagem própria. Isso não se confunde com o fato de ressaltar um vínculo feminino (*gaat nyet*) que une um grupo de estrangeiros nuer ou de *dinka* à linhagem dominante de sua seção tribal e tampouco com os modos matrilineares de traçar a descendência devido às condições matrilocais de residência, o que pode ser temporário.

Devido as regras exogâmicas, as linhagens são assim ligadas por inúmeros laços cognáticos, de tal modo que, sejam quantas forem as linhagens de uma comunidade local, seus membros se relacionam mutuamente por meio de algum tipo de cognação e afinidade. Uma linhagem permanece como um grupo agnático exclusivo apenas em situações rituais. Em outras situações, ela se funda com a comunidade, e a cognação (*mar*) toma o lugar da agnação de linhagens (*buth*) enquanto valor, através do qual as pessoas que vivem juntas expressam suas relações mútuas. A estrutura agnática da linhagem dominante não é ressaltada em relações sociais comuns, mas somente no plano político que diz respeito às relações entre segmentos territoriais, pois a assimilação dos segmentos territoriais a segmentos da linhagem dominante significa que as inter-relações de uns são expressas em função dos outros.

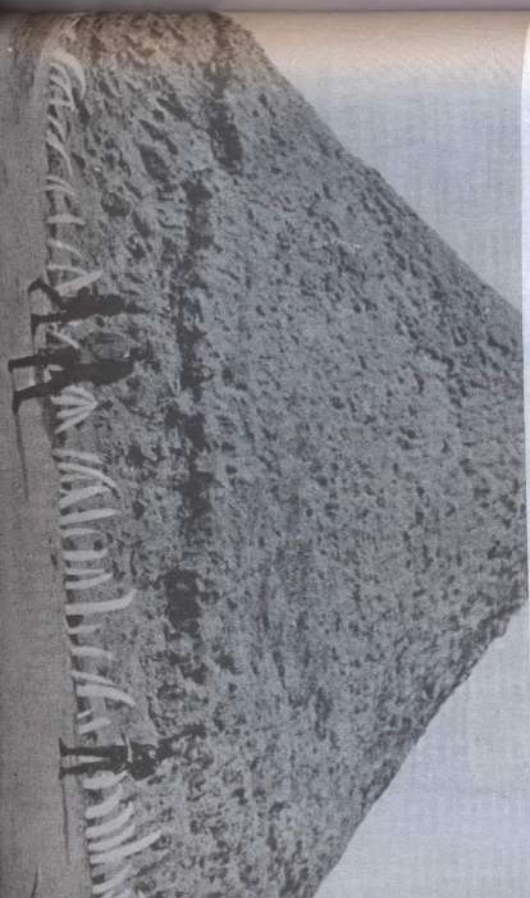
Em todo segmento tribal pequeno existe uma linhagem do clã dominante da tribo associada a este segmento, e seus membros são juntados à linhagem por adoção, parentesco cognático ou ficções de parentesco, de tal modo que se pode falar deles como um acréscimo em torno de um núcleo de linhagem. Como

II. XXV:



a)  
A pirâmide  
de Ngundeng (Lou).

b) A pirâmide  
de Ngundeng (Lou).



esses diferentes núcleos são linhagens do mesmo clã ou, como vemos mais adiante, estão assimilados a ele, a estrutura do clã dominante está para o sistema político como a estrutura anatômica para o sistema de um organismo.

X

Foi visto como os Dinka e os estrangeiros são ligados à moldura do clã dominante pela adoção e pela cognação, e como essas ligações formam um sistema de parentesco amplo, que fornece a textura não política do sistema político. Os valores de parentesco constituem as normas e sentimentos mais fortes na sociedade nuer, e todos os inter-relacionamentos sociais tendem a ser expressos em função do parentesco. A adoção e a assimilação de laços cognáticos pelos agnáticos são duas das maneiras pelas quais as relações comunitárias são traduzidas em relações de parentesco; pelas quais a vida em comum força as relações de residência a se amoldarem a um padrão de parentesco. Uma terceira maneira é pela criação mitológica de ficções de parentesco, e essa maneira é apropriada para as relações existentes entre as linhagens dominantes e os grupos estrangeiros ou dinka que vivem juntos nos mesmos segmentos tribais, que são muito grandes ou ocupam um território muito distinto para que ocorra a incorporação através de qualquer dos outros dois métodos. É a maneira pela qual grande quantidade de estrangeiros e de Dinka são incorporados à moldura conceitual de uma tribo.

Freqüentemente tem-se ressaltado que as relações políticas muitas vezes são expressas no discurso como relações de linhagem, no sentido em que se fala de uma comunidade local como se fosse uma linhagem, assimilando, dessa maneira a uma linhagem dominante, aqueles que partilham da mesma vida comunitária com ela; e que as relações de linhagem muitas vezes são expressas como relações políticas, no sentido em que se fala de uma linhagem como se fosse idêntica à comunidade local da qual constitui apenas um núcleo, tirando dessa maneira à linhagem seu *status* agnático único e dando-lhe um valor residencial geral. De acordo com esse modo de descrever as inter-relações comunitárias, elas são personificadas em mitos e derivadas de relacionamentos pessoais do tipo de parentesco.

Não nos propomos a fornecer uma coletânea de mitos nuer. Até agora mencionamos apenas um mito que explica as inter-relações de grupo: aquele que diz por que os Nuer saqueiam os Dinka. Existem pouquíssimos mitos desse tipo geral. A maioria relaciona-se a clãs e linhagens, em sua forma cooperativa territorializada e explica suas associações recíprocas, enquanto tribos e segmentos tribais, especialmente as relações entre as linhagens dominantes e as grandes linhagens estran-

geiras que vivem com elas. Nem sempre podemos explicar as relações mitológicas pelo sistema político atual, mas podemos fazê-lo com freqüência e, onde deixamos de fazê-lo, atribuímos nossa falta de habilidade à ignorância, especialmente à ignorância da história tribal.

As duas grandes seções tribais lou, jimac e jaijoiuh, que constam do mapa da p. 67, mas não da árvore do clã dos JINACA, o clã dominante da tribo, na p. 205, são divisões denominadas a partir das linhagens JIMAC e JAJOAH. São chamadas *gari nyieh*, filhas das filhas do fundador do clã JINACA, e há um mito que explica este laço materno. De acordo com a história lou, diz-se que Denac teve quatro filhos, chamados Yin, Dak, Bal e Bary, de uma mulher, e Nyang e dois irmãos sem nome, de uma segunda mulher. Às vezes, se diz que estas duas esposas chamavam-se Nyagun e Nyamor, sendo que as duas seções primárias da tribo, *gun* e *mor*, receberam seus nomes com base no delas. Os dois irmãos de Nyang foram comidos por um ogre. Quando, algum tempo depois, os filhos de Denac foram pescar, os quatro filhos de uma mãe foram por um lado, sozinhos, e Nyang por outro lado, sozinho, pois não poderia acompanhar seus meio-irmãos, mas sentia falta dos filhos de sua mãe. Quando pegava um peixe, alguém vinha e o roubava, pois não tinha ninguém para protegê-lo e era apenas um menino. Quando voltou para casa, não quis sentar junto com os outros meninos, de frente para o pai, mas sentou-se isolado, de costas para ele, e quando o pai lhe perguntou por que estava assim, respondeu que estava pensando nos irmãos que o ogre tinha comido. Seu pai lhe disse: "Não tem importância, pegue suas duas irmãs e faça delas seus irmãos". Assim, quando Nyang ia pescar, era acompanhado por suas irmãs, Nyabil e Fadwai. Nyang é o fundador da linhagem GAA-LIEK, Nyabil, da linhagem JIMAC, e Fadwai da linhagem JAJOAH. Estas linhagens reunidas formam a estrutura de parentesco da seção primária *mor* da tribo lou, e o mito explica a associação entre elas. Este laço materno não impediu casamentos internos entre os GAALIEK e os JIMAC. Com exceção das questões referentes ao ritual e a exogamia, os descendentes de Nyabil e Fadwai são tratados como se estas filhas tivessem sido filhos, e possuem uma patente mitológica que lhes atribui uma condição igual à dos *diei* na tribo. Traçando sua ascendência agnata, os membros destas linhagens não remontam além de suas duas ancestras. A partir dali, a linha continua até o pai delas, Denac.

Na tribo gaawar, existe uma importante linhagem IAKKAR que está mitologicamente ligada aos GAAWAR, os aristocratas da tribo, da seguinte maneira. Um homem chamado Kar, ou Jakar, desceu do céu por uma corda que ligava o céu a uma árvore de tamarindo, provavelmente a árvore na região Lang sob a qual se diz que a humanidade foi criada. Mais tarde foi seguido por War, fundador do clã GAAWAR, que foi encontrado sentado na árvore pela irmã de Kar que estava apanhando gravetos para uma fogueira, acompanhada por seu cão. Ela voltou para contar a seu irmão que tinha encontrado um homem que tinha a cabeça coberta de sangue. Kar tentou persuadi-lo a ir para a aldeia, mas o outro recusou. Então sacrificaram um boi, assaram sua carne e o cheiro tanto atraiu a War, que estava com muita fome, que ele desceu da árvore e foi para a aldeia. Depois de comer, quis voltar para o céu, mas Kar cortou a corda. B.A. Lewis me forneceu gentilmente uma versão que ele considera menos comum, encontrada na tribo gaawar. War caiu do céu no meio de uma tempestade e foi descoberto por um cachorro que pertencia a Logh, mas que acompanhava a mulher de Kwec que estava procurando madeira no bosque, e War foi achado. A mulher de Kwec levou-o para casa e surgiu um litígio entre Kwec e Logh a respeito da posse da descoberta. Logh achava que tinha direito a War pois seu cachorro é que fizera a descoberta, e Kwec achava que o direito era seu porque sua mulher é que o encontrara. Então Kar entrou na discussão dizendo que War era seu irmão.

Este mito coloca War, Kar e Logh numa espécie de relacionamento mútuo e deve ser explicado pelo fato de que os dois clãs centrais na tribo gaawar, após o clã aristocrata dos GAAWAR, são os JAKAR e os JALOGH. Os JALOGH são provavelmente o mesmo clã que vive ao sul do território Dok, onde uma pequena área tem seu nome. Kwec foi, sem dúvida, o fundador da linhagem KWEC, que deu seu nome a um pequeno território próximo à região dos Jalogh. Podemos depreender que, uma vez que ambas as linhagens se encontram atualmente na região Gaawar e num lugar a leste do Nilo, elas também mantinham relações estreitas com os GAAWAR quando os três clãs viviam em sua terra natal a oeste do Nilo.

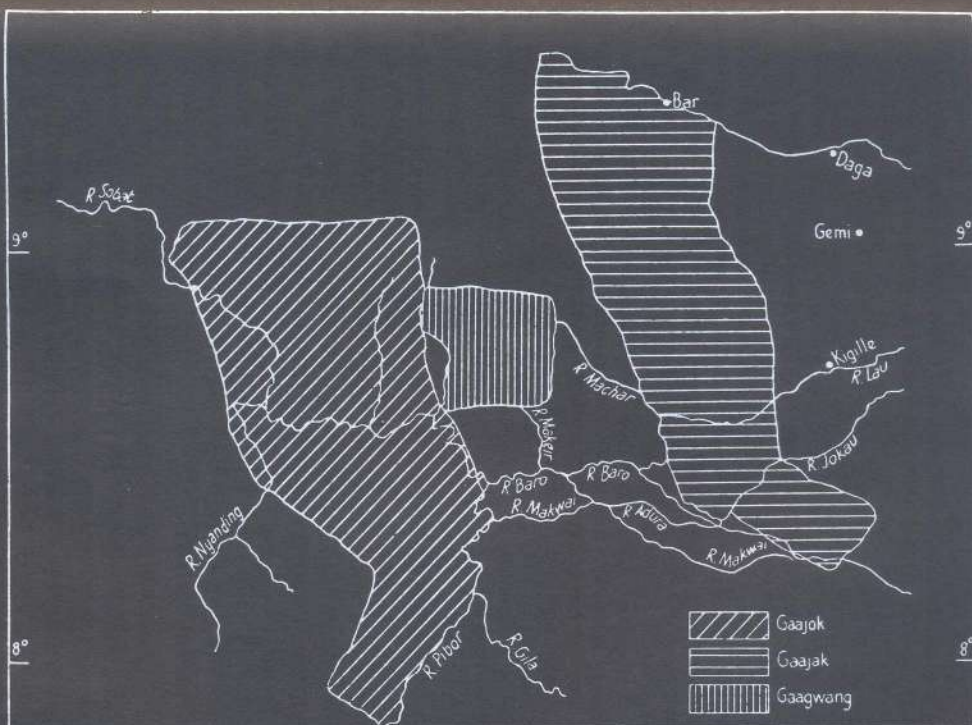
A mitologia de clã mais rica é a dos *Gaatgankir*, e ilustra claramente a integração mitológica das linhagens de diferentes origens com o sistema de linhagem dominante numa estrutura política, e demonstra como se atribuem valores de parentesco a relações territoriais.

Há inúmeras versões dos incidentes relacionados com Kir, o fundador do clã GAATGANKIIR, e daremos um resumo de uma delas. Um Dinka da tribo ngok, chamado Yul, viu uma haste de caboças às margens de um rio e, seguindo-a por algum tempo, encontrou uma grande cabeça. Abriu a cabeça e dela saiu Kir com vários objetos rituais. A mulher de Yul amamentou a criança junto com seu próprio filho, Gyng. Quando Kir cresceu, revelou ser um feiticeiro e um mágico, e os filhos de Yul tentaram matá-lo porque seus poderes malignos estavam destruindo o gado. Só Gyng continuou amigo de Kir e lhe disse, quando ia fugir da casa de Yul, que um dia iria atrás dele e se reuniria a ele.

Em sua fuga, Kir chegou ao Nilo onde viu um homem, chamado Tik, e pediu-lhe ajuda. Tik separou as águas do Nilo em duas partes, e Kir atravessou para a outra margem, a ocidental. Kir disse a Tik que, quando tivesse encontrado um lugar para ficar, Tik deveria juntar-se a ele. Tik acompanhou Dir até que encontraram um homem da tribo wot que os levou para casa onde os JIDIET, clã dominante dos Wot, sacrificaram um boi de modo a que os poderes letais da feiticaria abandonassem os olhos de Kir e lhe permitissem olhar para as pessoas e para o gado sem matá-los. Então, Kir cavou um buraco para si num cupinzeiro perto de um campo de gado dos GAAWAR, onde realizou muitos feitos estranhos. Finalmente, os GAAWAR ofereceram sacrifícios e persuadiram-no a abandonar o cupinzeiro e levaram-no para o acampamento.

Foi dada uma esposa a Kir, Nyakwini, que gerou Thiang antes que ele a matasse com sua feiticaria. Ele então casou-se com Nyabor, que gerou Kun. Ele também a matou. Derram-lhe então uma mulher manca, Duany, que gerou Jok. Nas versões dos Lou e dos Jikany orientais, as três mulheres eram todas filhas de Gee, fundador da família de clãs GAATGANGEEKA, e nas versões a oeste do Nilo, as duas primeiras eram GAAWAR e Duany uma NYAPIR da tribo bul, mas todas as versões dão Nyakwini e Nyabor como mais intimamente aparentadas uma com a outra do que com Duany. Depois de Duany ter gerado Jok, ela matou Kir com feiticaria, pois ela era também uma feiticeira. Mais tarde Thiang, o filho mais velho de seu marido morto, passou a viver com ela e gerou Nyang.

Em todas as variantes do mito Kir, são ressaltados os papéis representados por Gyng e Tik. Gyng foi amamentado com ele e mais tarde juntou-se a ele e viveram juntos como irmãos. Quando Kir morreu, seus filhos mais velhos, Thiang e Kun, tinham gado, mas Jok, o mais moço, e Gyng, não tinham. Thiang queria impedir que Gyng adquirisse gado, mas Kun deu-lhe algumas cabeças, e Thiang disse que, nesse caso, Kun e Gyng deveriam morar juntos. Tik havia salvado a vida de Kir e tinha ido morar com ele. Há uma outra história a respeito de como Gyng e Tik foram ameaçados por um ogre e viveram na mesma choupana e se tornaram como irmãos, de modo que as linhagens descendentes destes dois não se casam entre si.



As tribos dos Jikany (segundo C. L. Armstrong).

Sem registrar maiores detalhes, podemos observar como relações políticas concretas estão mitologicamente representadas nas persongagens dessas histórias. Os dois segmentos mais amplos da tribo gaajak, que receberam seus nomes com base nos núcleos de estrangeiros, são a seção *kong*, cujo núcleo estrangeiro é a linhagem descendente de Tik, e a seção *dhilliek*, cujo núcleo estrangeiro é uma linhagem descendente de Gyim, e estas duas seções vivem juntas como partes da seção primária *reng* (ver diagrama à p. 152, e mapa à p. 69). O mito relata também como Jok e Nyang são filhos da mesma mãe, Duany, tendo Jok sido gerado por Kir e Nyang por Thiang. Esta é uma representação mitológica da estrutura da tribo gaagwang que tem um núcleo de linhagem dominante descendente tanto de Nyang quanto de Jok, e também é uma representação das relações políticas entre as tribos gaagwang e gaajok, pois estas relações, especialmente a oeste do Nilo, estão intimamente associadas quando comparadas às relações mais distantes entre a tribo gaagwang e as seções primárias da tribo gaajak a *thiang* e a *reng* que também fazem fronteiras com elas. Thiang e Kun foram gerados por Kir e nasceram de mulheres geralmente representadas como irmãs, e as seções onde seus descendentes são dominantes são as seções primárias *thiang* e *gaagwang* da tribo gaajak, cuja terceira seção primária, os *reng*, possui núcleos que descendem de Thiang, Gyim e Tik, cujos relacionamentos no mito já foram observados.

Em toda tribo nuer há histórias semelhantes que explicam as relações entre o clã aristocrata e grandes linhagens estrangeiras que vivem com ele. Outros mitos explicam as relações entre estas linhagens estrangeiras. Assim, as linhagens que vivem em Nyueny e nas aldeias vizinhas na região Leek, os *Jual*, *Ngwol*, *Jikul*, etc. estão todas mitologicamente relacionadas entre si e com o clã dominante da tribo leek. Estes mitos também explicam os símbolos e procedimentos rituais das linhagens nelas mencionadas.

Inter-relações concretas de tipo político são assim explicadas e justificadas através das inter-relações mitológicas e, tanto quanto sabemos, sempre que grandes linhagens de clãs diferentes estão associadas politicamente existe um mito fazendo com que seus ancestrais tenham algum relacionamento social. Esse é o caso especialmente entre linhagens dominantes e linhagens estrangeiras ou dinka, e o vínculo mitológico dá a elas igualdade e fraternidade na vida comunitária, enquanto permite a exclusividade ritual e o casamento de membros de uma linhagem com membros de outra. A completa assimilação é impossível, pois é preciso que haja sempre uma distinção ritual, caso contrário os sistemas de clãs e linhagens cairiam por terra. Os estrangeiros têm de ser incorporados na comunidade da linhagem dominante e excluídos de sua estrutura agnática.

XI

Pela adoção, ou seja, pelo reconhecimento da equivalência dos laços cognáticos e agnáticos na vida comunitária, e pelos relacionamentos mitológicos, todas as pessoas de um segmento

tribal possuem relacionamentos de parentesco mútuos, de um tipo ou de outro, e os próprios segmentos são dotados de um relacionamento mútuo de parentesco dentro do sistema político. Embora as categorias de *dziel*, *rul* e *jiang* criem diferenciações sociais, fazem-no somente num plano ritual e doméstico, mais do que no plano político, e isso somente é indicado em determinadas situações da vida social.

Esse fato torna-se evidente pelo uso que os Nuer fazem das três palavras que denotam os três *status*. É comum que um Nuer, dirigindo-se às pessoas e falando em público delas, empregue palavras que denotam um relacionamento mais íntimo entre elas e diga mais do que o relacionamento real. Isso é feito comumente com termos de parentesco e também para definir o *status* de uma pessoa em sua tribo. Os Nuer não dão ênfase ao fato de alguém ser estrangeiro ou dinka referindo-se a ele como tal na vida social do dia-a-dia, pois o fato de não ser aristocrata é relevante em raras ocasiões: até certo ponto quando se trata do pagamento do gado por homicídio, em questões de exogamia e nos sacrifícios e festas. Um estrangeiro que tenha fixado moradia com aristocratas é tratado como um igual e considera-se como tal. As pessoas não o chamam de *rul*, pois ele é um membro de sua comunidade. Elas podem até chegar a referir-se a ele como um *dil*, por cortesia. Da mesma forma, as pessoas não falam de um Dinka adotado como "*jiang*", pois ele é, pela adoção, um irmão dos aristocratas ou de outras linhagens nuer. Normalmente não se fala dos Dinka residentes não adotados como "*jiang*", mas como "*rul*". Assim como os estrangeiros tendem a ser assimilados lingüisticamente aos aristocratas, da mesma forma os Dinka tendem a ser assimilados aos estrangeiros, e as pessoas se referem apenas aos Dinka não conquistados da terra dinka com a expressão depreciativa "*jiang*". Os Nuer não fazem distinção de *status* entre pessoas que vivem com eles, partilham de suas lutas, gozam de sua hospitalidade, e são membros de sua comunidade em relação a outras. A comunidade da vida supera a diferenciação de ascendência.

Novamente ressaltamos que as designações "aristocrata", "estrangeiro" e "Dinka" numa tribo nuer são termos relativos, sendo definidos pelas relações das pessoas na estrutura social em situações específicas da vida social. Um homem é um estrangeiro, ou Dinka, em referência a algumas poucas situações, principalmente rituais, mas não é indicado como tal em outras ocasiões; e um homem é um estrangeiro ou Dinka em relação aos membros de um grupo social, mas estes não consideram que ele tenha um *status* diferenciado quando comparado com outro grupo. Um estrangeiro é estrangeiro para determinada pessoa, o estrangeiro dela, mas é uma delas *vis-à-vis* outras pessoas. Um Dinka é um Dinka em relação a determinada pessoa, é *dinka* para ela, mas é irmão dela *vis-à-vis* outras pessoas. Na estrutura



política todos os membros de um segmento são essencialmente não diferenciados em suas relações com outros segmentos.

Como se explica que, entre um povo de sentimentos tão democráticos e tão pronto a expressá-los de modo violento, haja um clã que recebe uma posição de superioridade em cada tribo? Acreditamos que os fatos por nós registrados fornecem uma resposta em função da estrutura tribal. Muitas tribos nuer são grandes em área e população — algumas, muito grandes — e são mais do que expressões territoriais, pois já mostramos que elas possuem uma complexa estrutura segmentária que os próprios Nuer encaram como um sistema. Como não há conselhos e chefes tribais ou qualquer outra forma de governo tribal, temos de procurar em outro lugar o princípio organizador dentro da estrutura, que lhe fornece coerência conceitual e uma certa dose de coesão concreta; e o encontramos no *status* aristocrático. A falta de instituições políticas que forneçam a administração central de uma tribo e que coordenem os segmentos desta, é o sistema de linhagens do clã dominante na tribo que dá a esta a diferenciação estrutural e a unidade, pela associação dos valores de linhagem, dentro de uma estrutura agnática comum, com os segmentos de um sistema territorial. A falta de um chefe ou rei, que poderia simbolizar a tribo, sua unidade é expressa na linhagem de afiliação a uma linhagem ou clã.

## XII

No mito de Kir, não apenas são relacionados os ancestrais de linhagens importantes e, através delas, as linhagens e segmentos territoriais onde estão incorporadas, como também são vinculados os ancestrais dos clãs e, através deles, os clãs e as tribos onde esses clãs são dominantes. Assim Kir, nas várias versões do mito, é adotado por Gee, fundador da família dos clãs GAATGANGEEKA; encontra Wot, que personifica a tribo wot; tem relações com os GAAWAR, etc. O mito, portanto, também reflete relações intertribais e abarca toda a terra dos Nuer numa única estrutura de parentesco, que chamamos de sistema de clãs, em oposição ao sistema de linhagens de um clã.

O clã constitui a maior extensão em que o parentesco agnático é traçado quando está em questão o casamento de duas pessoas, mas alguns clãs possuem, não obstante, um relacionamento agnático com outros clãs (embora os Nuer não considerem esse relacionamento exatamente sob o mesmo prisma que o relacionamento entre as linhagens de um clã). Os Nuer dão a impressão, ao falarem do ancestral de um clã, que o consideram uma figura histórica, claramente delimitada contra o pano de fundo da tradição, enquanto que, ao falarem do ancestral de uma família de clãs, parecem considerá-lo uma figura mais vaga, obscurecida pela penumbra do mito.

XXVI:



b) Jovem (Gaajok do leste) depois de remover as cinzas do cabelo.

o mesmo (Gaajok do leste) com o cabelo coberto de cinzas.



Notamos também aqui que as linhagens que são dominantes em mais de uma tribo, algumas vezes fazem parte da mesma estrutura de clã. Assim, as linhagens dominantes nas tribos gaajok, gaajak e gaagwang, a leste e a oeste do Nilo, são, todas, segmentos do clã GAATGANKIIR. Também as linhagens dominantes da tribo rengyan, a oeste do Nilo, e da tribo lou, a leste do Zeraf, são parte do clã JINACA. Essa distribuição pode ser facilmente explicada, já que sabemos que até recentemente as linhagens GAATGANKIIR e JINACA do leste viviam com as outras linhagens desses clãs nas áreas Jikany e Rengyan situadas a oeste do Nilo.

Existem também relacionamentos mais gerais e mitológicos entre os clãs. Quando relatam esses relacionamentos, os Nuer transformam as tribos em pessoas e lhes dão um valor de parentesco ao assimilá-las a seus clãs dominantes. Assim, eles falam de Bor, Lang, Lou, Thiang, Lak, etc. como se fossem pessoas e pudessem manter relações de parentesco como as que existem entre pessoas e como se todos os membros dessas tribos constituíssem uma mesma descendência. Ao fazer isso, eles ressaltam as relações de comunidade e obscurecem a diferença dos clãs dentro de um contexto político. Frequentemente esse hábito faz com que suas afirmações pareçam confusas, e mesmo contraditórias, porém ele está de acordo com uma forte tendência existente na vida social, como já vimos ao discutir os vários significados de palavra "cieng", tendência essa de identificar o sistema de linhagens com o sistema político dentro de um conjunto específico de relações.

Muitos Nuer consideram seus ancestrais Gee e Ghaak como os progenitores de todos os Nuer verdadeiros, embora se façam classificações diferentes em partes diferentes do território nuer. Entre os Lou, diz-se que todas as tribos descendem de Gee, exceto as tribos jikany e gaawar. Apenas estas são diferenciadas porque sua proximidade torna-as significativas para os Lou, enquanto que todas as demais tribos, que não têm relações diretas com os Lou, são classificadas de modo impreciso como filhos de Gee. Entre os Jikany do leste, todos os verdadeiros Nuer tendem a ser classificados como "Gee", em oposição a "Kir", os próprios Jikany. No vale do Zeraf e na parte ocidental da terra dos Nuer, onde as tribos têm uma gama muito mais ampla de contatos intertribais, existe uma gama mais ampla de diferenciação. As tribos nuer, ali, dividem-se em três classes: o grupo Gee, consistindo de Bor, Lang, Rengyan, Bul, Wot, Ror, Thiang e Lou, estende-se numa linha ininterrupta, de noroeste a sudeste, através do centro do território nuer; o grupo Ghaak, consistindo de Nuong, Dok, Jaloogh, Beegh, Gaankwac e Rol, ocupa a parte sudoeste do território; e o grupo Ril, consistindo de Leek e Lak, ocupa os braços inferiores do Zeraf e do Chazal

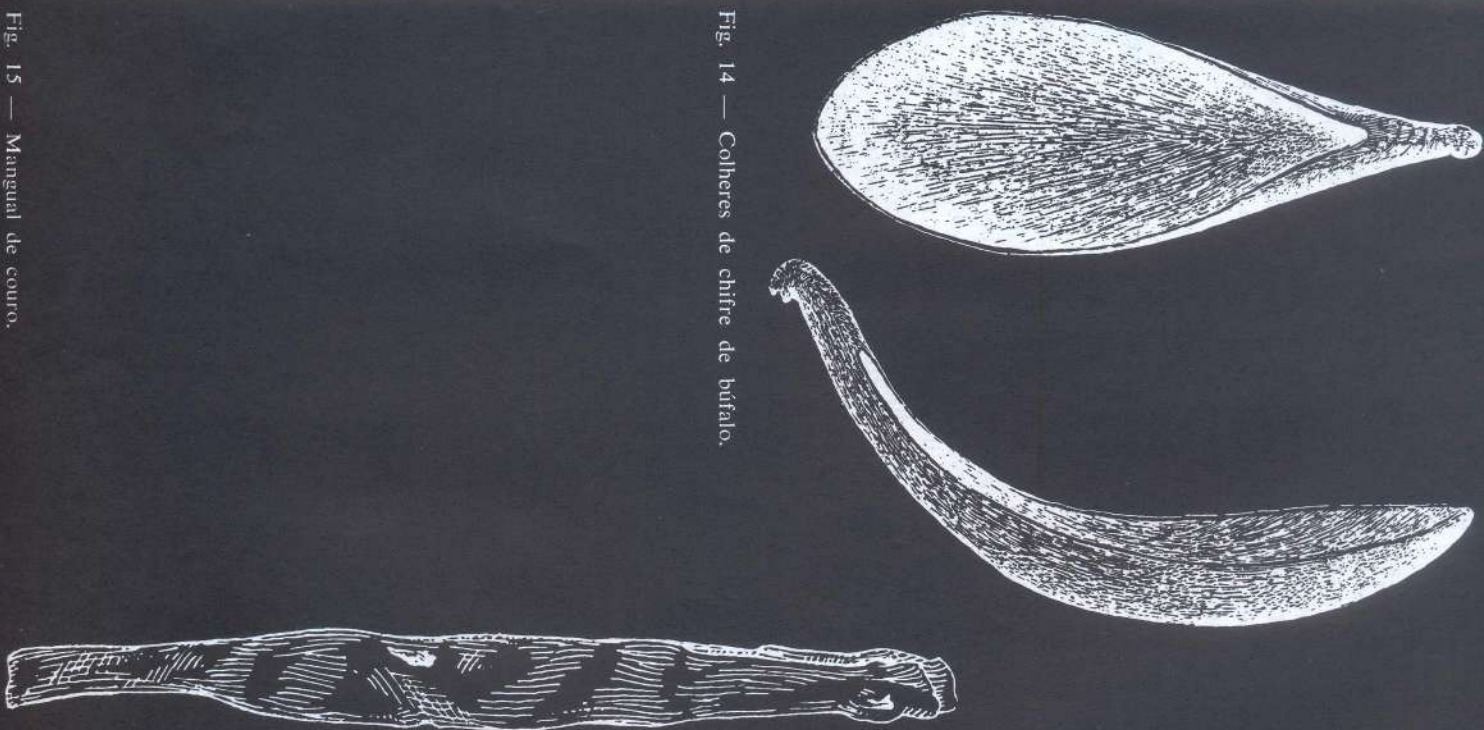


Fig. 14 — Colheres de chifre de búfalo.

Fig. 15 — Mangual de couro.

perto da junção destes com o Nilo. Algumas vezes ouvi os Bul serem incluídos no grupo Ril. Entretanto, na região Dok e em áreas tribais adjacentes, as pessoas fazem uma distinção ulterior entre as tribos que em outros lugares são classificadas como filhos de Ghaak e dividem-nas num grupo Ghaak, compreendendo Beegh e Jaalogh, e num grupo Gwea, compreendendo Dok, Nuong, Gaankwac e Rol.

Nessas classificações notamos mais um exemplo do que freqüentemente observamos em todos os outros lugares sobre as classificações nuer: sua tendência para a segmentação e sua relatividade. Por exemplo, enquanto outros Nuer vêem os Dok e os Beegh como Ghaak, estes vêem à si mesmos como um grupo Ghaak não dividido apenas em oposição à fraternidade Gee e, nos outros casos, como partes de segmentos opostos, Gwea e Ghaak. Deve-se observar que esses grupos de tribos, não raro representados como famílias de clãs, ocupam seções distintas da terra dos Nuer. Antes do período das migrações para leste, eles ocupavam, de norte a sul, em três ou quatro grupos, o oeste do Nilo. A contigüidade territorial e uma estrutura comum de clãs (tal como encontramos entre as tribos jikany) ou o íntimo relacionamento dentro de um sistema de clãs (tal como encontramos entre os grupos de tribos ghaak) andam juntos e pode-se supor que os valores dos dois sistemas interajam. A segmentação de linhagens dentro de uma tribo em relação a sua segmentação política repete-se, dessa maneira, em todo o sistema de clãs dos Nuer, cujos segmentos coordenam-se com a segmentação política do território nuer. As tribos que são adjacentes possuem uma oposição comum a outros grupos de tribos e essa relação reflete-se na tendência a serem representadas, através de seus clãs e linhagens-dominantes, como intimamente relacionadas num plano mitológico e ritual.

Gee, Ghaak e Gwea são representados como irmãos, filhos de um ancestral mitológico, algumas vezes chamado de Ghaa, o Mundo, e outras de Ran, o Homem, cujo pai diz-se ter sido Kwoth, Deus. Freqüentemente, Ril também é descrito como um dos irmãos, embora algumas vezes seja representado como filho de uma filha de Gee, chamada Kar.

Todos os filhos de Gee têm parentesco agnático (*buth*) que lhes permite partilhar uns dos sacrifícios dos outros. Nessas situações rituais, apenas os verdadeiros filhos de Gee, os clãs JINACA, GAATHIANG, JIDIET e outros clãs descendentes de Gee, possuem inter-relacionamentos *buth*, mas em outras situações as tribos em que tais clãs possuem um *status* dominante são representadas como irmãos ou primos-irmãos. Assim, diz-se que Thiang foi o filho mais velho de Gee, Nac (Rengyan e Lou) o segundo, Ror e outras tribos os filhos mais moços; e diz-se que

Rengyan (Nac) e Wot (Dit) eram gêmeos, bem como Bor e Lang, filhos de Meat.

Algumas tribos situam-se fora dessa grande família. As tribos jikany têm linhagens dominantes de origem dinka, descendentes de Kir, que foi encontrado dentro de uma cabana por um homem dos Dinka Ngok, mas, como explicado anteriormente, elas estão mitologicamente relacionadas ao grupo Gee, porque Gee é representado alternadamente como o protetor ou como o sogro de Kir. Os GAATGANKIIR possuem um relacionamento *buth* com algum sistema de linhagem dos Dinka Ngok, e, portanto, num sentido político impreciso, as tribos jikany e dinka ngok possuem, por analogia um relacionamento fraternal. Pode-se supor com segurança que, numa época, elas mantinham relações intertribais íntimas. O clã GAAWAR também tem origem independente, tendo seu ancestral descido dos céus. Contudo, uma série de vínculos mitológicos une-o aos fundadores dos vários clãs que são dominantes nas tribos do grupo Ghaak (ver p. 239-40), e a tribo gaawar, por conseguinte, pertence a este grupo. Embora agora o Nilo a separe dos outros membros do grupo, houve um tempo em que ela constituía a extensão mais setentrional da margem ocidental. Devido ao relacionamento *buth* entre GAAWAR e outros clãs da família de clãs que descendem de Kwook, diz-se que os Gaawar agrupam-se com os povos da seção *fadang* da tribo bor e com os povos atwot, que supostamente viveram, numa época, entre as atuais áreas tribais dos Rengyan e Dok.

Através do reconhecimento do relacionamento agnático entre clãs exogâmicos e dos laços cognáticos e mitológicos entre clãs não considerados agnatos, todas as tribos nuer são conceituadas, por meio da assimilação dos valores políticos aos valores de parentesco, como um sistema social único. Uma série de clãs não está associada às tribos, mas suas linhagens incluem-se nesse sistema por meio da afiliação dos clãs a uma ou outra das grandes famílias de clãs. Assim, JIMEM, JIKUL, GAATLEAK e JITHER são descendentes de Gee e pertencem ao grupo Gee; os JIKUL estão ligados mitologicamente ao grupo Ril e os JAKAR, ao grupo Ghaak, e assim por diante. A totalidade dos Nuer é abrangida por um único sistema de parentesco ou pseudoparentesco e todos os segmentos territoriais da terra nuer estão interligados por esse sistema.

### XIII

Em nossa opinião, o grau incomum de segmentação genealógica do sistema nuer de linhagens deve ser compreendido em termos da estrutura tribal, que é, como já vimos, caracterizada por sua tendência para a segmentação. A associação do sistema

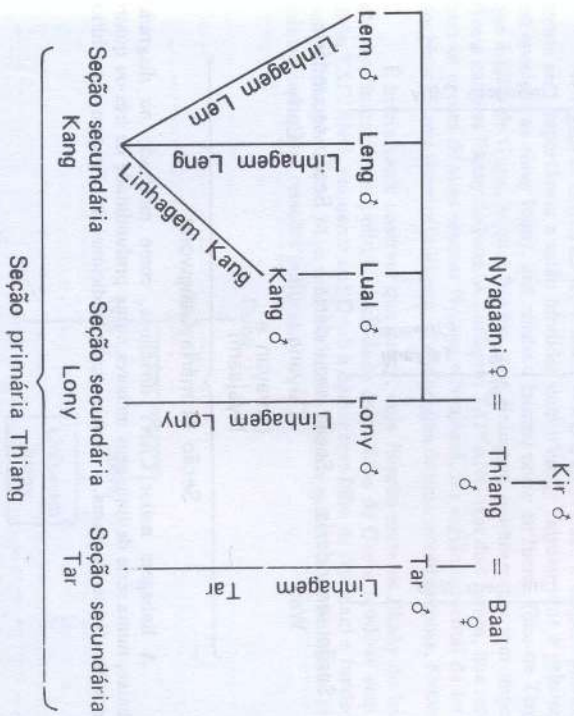
de linhagens com o sistema tribal significa que, quando a tribo se separa em segmentos, o clã também se separará em segmentos, e que as linhas de clivagem tenderão a coincidir, dado que as linhagens não são grupos corporativos, mas estão incorporadas nas comunidades locais através das quais funcionam estruturalmente. Assim como um homem é membro de um segmento tribal oposto a outros segmentos da mesma ordem e, contudo, é também um membro da tribo que abrange todos esses segmentos, da mesma forma ele é membro de uma linhagem oposta a outras linhagens da mesma ordem e, contudo, também membro do clã que abrange todas essas linhagens; e existe uma correspondência definida entre esses dois conjuntos de afiliação, dado que a linhagem é encarnada no segmento e o clã, na tribo. Por conseguinte, a distância na estrutura do clã entre duas linhagens de um clã dominante tende a corresponder à distância estrutural entre os segmentos tribais com os quais estão associadas. Portanto o sistema tribal prolonga e segmenta os clãs dominantes e lhes fornece sua forma característica de linhagens. Pode-se citar provas para sustentar essa afirmação extraiadas de qualquer tribo nuer; propomo-nos a examinar apenas alguns exemplos típicos.

Já observamos que, na tribo lou, as seções secundárias *gaubal* e *runnyok* formam a seção primária *gun* em oposição à seção primária *mor*, e que as linhagens dominantes das seções *gaubal* e *runnyok* descendem de uma mulher de Denac e a linhagem dominante da seção *mor* descende de uma esposa diferente, de modo que *gaubal* e *runnyok* estão numa relação análoga à de irmãos, estando os *gun* e os *mor* numa relação análoga à de meios-irmãos. Aparentemente, que as linhagens dominantes dos Gaajak descendem de duas esposas intimamente aparentadas de Kir, enquanto que as linhagens dominantes dos Gaajok e Gaagwang, que estão muito ligados, descendem de uma terceira esposa.

As linhagens GAATGANKIIR, em sua relação com a estrutura segmentária das tribos jikany, fornece um excelente teste para a hipótese de que a estrutura de linhagens está modelada na forma de uma estrutura política, pois as mesmas linhagens são encontradas em diferentes extremos da terra dos Nuer cujas condições políticas não são idênticas. Se eu tivesse passado mais tempo nas regiões jikany ou se tivesse formulado o problema com maior clareza durante o curto período que passei ali, poderia estar em posição de colocar minhas conclusões de modo mais dogmático. Analisaremos brevemente o sistema de linhagens dos GAATGANKIIR em suas relações com duas das seções primárias *gaajak*.

Thiang era o filho mais velho de Kir. Tinha duas esposas, Nyagaani e Baal. Dessas duas esposas originaram-se as três linhagens principais do *cieng thiang*, da seção tribal primária *thiang*, TAR, LONY (ou GEK) e KANG. O que se diz ter acontecido é mostrado no diagrama da p. 251. Tar, sendo o único filho de sua mãe, fundou uma linhagem e seção tribal independente, a que vive no extremo sul da região Gaajak do leste. Todas as outras quatro linhagens originam-se de Nyagaani e são chamadas, coletivamente, de *cieng Nyagaani*. No começo, seus quatro filhos ficaram juntos, mas depois a família de Lony aumentou, tornou-se mais poderosa do que a de seus irmãos e tentou dominá-las, especialmente a Lem, o mais velho. Kang, filho de Lual, assumiu a liderança contra Lony e forçou-o a emigrar. Devido ao papel predominantemente desempenhado

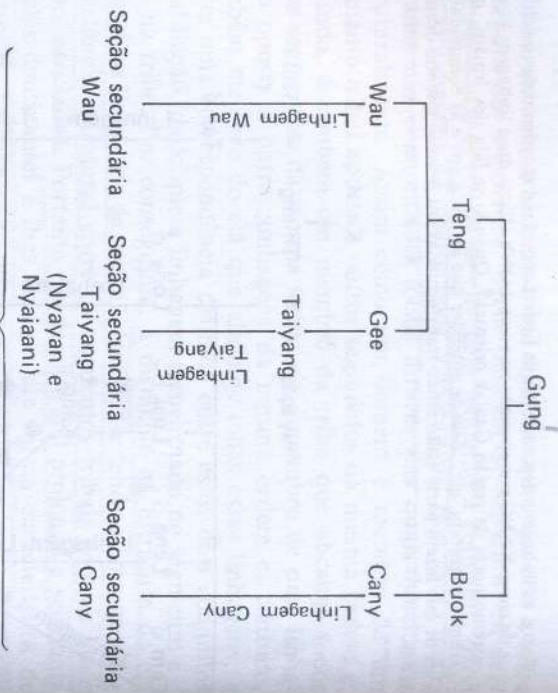
por Kang, as linhagens descendentes de Lem, Leng e Lual são chamadas coletivamente de *cieng KANG* em oposição ao *cieng LONY*. Essas duas linhagens vivem no extremo norte da região Gaajak oriental.<sup>4</sup> Quando se fala dos irmãos, que brigaram, emigraram, etc., deve-se entender que as linhagens e as comunidades locais de que fazem parte estão sendo transformadas em pessoas e sendo dramatizadas.



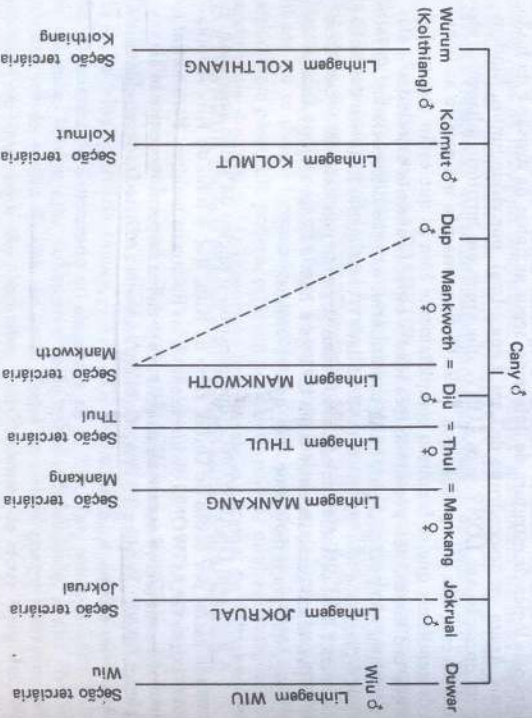
Vemos nesse diagrama como a divisão e a fusão de linhagens, determinadas pela lógica da estrutura de linhagens, segue as linhas da divisão e da fusão tribais. Assim, os descendentes de Lem, Leng e Lual, que vivem juntos, fundem-se em oposição aos LONY, e os LONY, que vivem em território adjacente, são fundidos com eles em oposição aos TAR. O diagrama não nos mostra as linhas de descendência que se fundiram completamente com as que estão registradas, porque tais linhas, não possuindo localidades especificamente associadas a elas e, portanto, não possuindo um valor comunitário, não são diferenciadas. O fato de que o diagrama não registra com veracidade o crescimento histórico das linhagens, mas é uma distorção dele, é ainda mais sugerido pelo fato de que existem, em média, cinco gerações entre o dia de hoje e Lem e Leng, seis até Lual e sete até Lony, que era o mais moço dos quatro irmãos.

A linhagem GAAGWONG, que constitui o núcleo da seção *gaagwong*, é chamada assim por causa de Gund, filho de Kun, que é filho de Kir. A linhagem máxima GAAGWONG divide-se em várias linhagens maiores. Para tornar a ilustração mais fácil, figuram no diagrama apenas as importantes entre os jikany do leste: CANY, WAU e TAIYANG (NYAYAN e NYAJAANI), descendentes de Bok, Wau e Gee.

4. A distribuição das três divisões da seção primária *thiang* da tribo gaajak contrasta com o território indiviso dos segmentos das seções primárias em outras partes da terra dos Nuer. Não visitei a área e não posso explicar essa distribuição incomum por acontecimentos históricos, nem expor suas consequências estruturais.



A linhagem maior CANY dividiu-se, como mostrado no diagrama abaixo, numa série de linhagens menores numa profundidade de três ou quatro gerações. Nesse diagrama, a representação tradicional da chivagem entre filhos

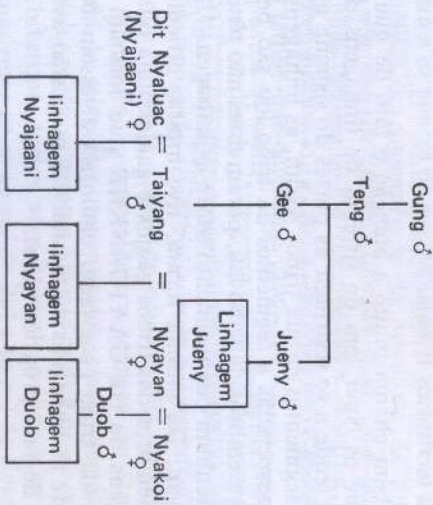


Seção secundária Cany

do mesmo pai mas de mães diferentes é mostrada nas linhas que partem de Diu, passado por suas três esposas: Mankwoth, Thul e Mankang. Os descendentes de Dup normalmente são chamados de *cieng* MANKWOTH porque vivem com eles. A residência em comum teve efeitos na estrutura da linhagem, de modo que a linhagem DUP tornou-se grandemente fundida com a linhagem MANKWOTH. Para fazer este diagrama, fico em dívida para com os arquivos governamentais no Distrito Nasser. Não possuo registros das divisões da linhagem WAU.

Na região ocidental da terra nuer, WAU e CANY são linhagens politicamente sem importância e estão fundidas com o *cieng* Taiyang, que é colocado em oposição ao *cieng* Jueny, que recebe o mesmo nome de Jueny, filho de Teng, que é filho de Gung, o qual fundou uma linhagem politicamente sem importância entre os Jikany do leste. A linhagem TAIYANG tem dois ramos, que recebem os nomes de suas esposas Nvayan e Nvajaani. Na região ocidental da terra dos Nuer há uma terceira linhagem, que se origina de uma terceira esposa, Nyakoi.

É interessante observar que Jueny, cuja filiação entre os Jikany do leste não tem importância política, é ali dado como filho de Gee e funde-se com a linha TAIYANG, enquanto que Doub é dado como filho de Nvajaani e funde-se com a linhagem desta. Mais uma vez vemos como a estrutura de linhagens está influenciada pelas relações políticas.



É preciso uma análise mais ampla e profunda para provar a tese que apresentamos e da qual demos alguns dentre muitos exemplos. Ela é, contudo, sustentada por uma evidência de tipo diferente. Descobrimos que era sempre mais fácil obter um registro mais completo e uma linha mais longa de descendência dos membros das linhagens dominantes nas tribos maiores do que nas tribos menores, o que mostra que se presta maior atenção ao sistema de linhagens nas tribos maiores e que a estrutura de clãs é ampliada e aprofundada para servir a suas funções estruturais. Descobrimos, também, que era fácil obter de qualquer membro adulto de uma linhagem aristocrática uma relação das outras linhagens máximas e maiores de seu clã e uma longa lista de ancestrais, com uns nove ou dez no mínimo, dando um comprimento coerente a partir do fundador do clã; enquanto descobrimos que não podíamos obter a mesma informação de membros de clãs que não possuem associações tribais. Freqüen-

temente eles somente podiam traçar sua ascendência durante umas quatro a seis gerações, a profundidade temporal que davam era pouca vezes coerente e, em geral, não conseguiram fornecer uma relação coerente das outras linhagens de seu clã. Atribuímos esse fato à falta de sistematização através da associação territorial com outras linhagens de seu clã, mas tem com elas apenas um relacionamento cerimonial impreciso, e esse relacionamento jamais pode ser expresso pela ação cooperativa. Conseqüentemente existe, via de regra, uma completa falta de qualquer sistema elaborado de linhagens, como o dos clãs dominantes. Existem muitos membros do clã JIMEN, e sem dúvida se poderia, juntando-se suas genealogias, construir uma espécie de árvore de descendentes de Mem, onde se poderia indicar o relacionamento agnático entre várias linhagens; mas isso seria muito diverso das declarações espôntâneas que, de imediato, delineiam o sistema de linhagem de clãs grandes, como o JINACA, associados com territórios tribais.

Também chama muito a atenção o fato de que o conhecimento que os Nuer têm do sistema de linhagens de um clã dominante tende a se restringir às partes do sistema que correspondem a segmentos de sua tribo. Assim, as linhagens JINACA que estão associadas a segmentos da tribo lou são bem conhecidas pelos membros da tribo lou, porém estes não têm nenhum, ou quase nenhum conhecimento sobre as linhagens JINACA da tribo rengyan. Da mesma forma, tive muitas dificuldades em obter de membros das tribos gaajok e gaajak uma relação clara das linhagens do clã GAATGANKIIR que formam o núcleo dominante da tribo gaawang, embora estivessem bem informados sobre as linhagens do mesmo clã que estão associadas a segmentos de suas próprias tribos.

Conclui-se de nossa exposição que, conforme já aventamos antes, o sistema de linhagens de um clã pode ser considerado apenas até um ponto muito limitado como um registro verdadeiro da descendência. Não só sua profundidade temporal parece ser limitada e fixa, como também a distância entre linhagens colaterais parece ser determinada pela distância política entre as seções com que essas linhagens estão associadas, e pode-se supor que uma linhagem somente persiste enquanto linha distinta de descendência quando é politicamente significativa. Os ancestrais situados mais acima do que o fundador de uma linhagem mínima são relevantes apenas enquanto pontos de partida para denotar linhas de descendência, quando tais linhas se tornam significativas pelo papel político do sistema de linhagens. Já sugerimos de que a profundidade das linhagens é função da amplitude do número de agnatos contados no plano da existência, e agora sugerimos, mais, que a amplitude

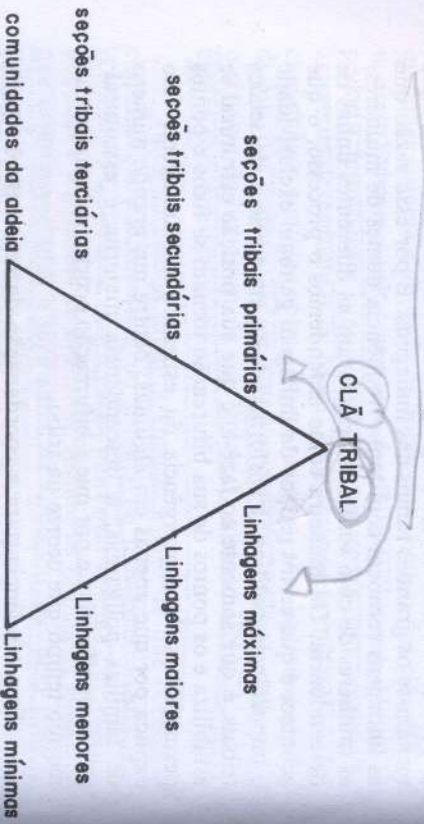
do número de agnatos contados é determinada grandemente por seu papel organizador na estrutura política.

Os Nuer acreditam que a clivagem na linhagem surge de uma clivagem fundamental na família entre *gaigwan*, filhos do pai, e *gairman*, filhos da mãe. Onde existem duas esposas e cada uma delas tem filhos, a linhagem bifurca-se a partir desse ponto. Uma bifurcação de linhagem é o reflexo de uma família polígama. *Thok dwiel*, linhagem, significa isso; é "a entrada da choupana", a choupana da mãe. Os pequenos galhos que vemos no *gol*, agrupamento doméstico, crescem e tornam-se os grandes ramos das linhagens. É por essa razão que as linhagens recebem com tanta freqüência nomes de mulheres, as mulheres de cujo ventre se originaram as diferentes linhas de descendência. Da maneira como entendemos o processo, o que acontece é que certos grupos da linhagem ganham exclusividade e importância política, transformando-se em núcleos de seções tribais, e que somente ao fazê-lo é que sua posição estrutural se estabiliza e os pontos de sua bifurcação tornam-se fixos e pontos permanentes de convergência da estrutura da linhagem. Isso explica por que apenas em algumas, dentre um grande número de famílias polígamas, a descendência materna é estruturalmente significativa e por que a bifurcação ocorre na linhagem ao mesmo tempo que ocorre na tribo.

Essa tendência para a coordenação da segmentação territorial com a segmentação da linhagem pode ser vista em várias etapas da expansão territorial, desde o agrupamento doméstico até a tribo. Quando irmãos de uma família influente vivem em partes diferentes de uma aldeia e reúnem em torno de si um agregado de relações e dependentes, essas aldeolas recebem o nome deles, e eles se tornam o ponto onde é provável que a linhagem se bifurque. Assim, se os irmãos são chamados Bul e Nyang, as pessoas referem-se ao *gol* de Bul e ao *gol* de Nyang, e, se mais tarde os netos de algum deles se mudarem para uma aldeia diversa, a linhagem se separará em dois ramos. As linhagens mínimas do tipo representado nos diagramas das pp. 205-6 ocupam aldeias adjacentes, ou divisões muito distanciadas de uma mesma aldeia grande e esparsa, e fazem acampamentos separados na mesma margem de um rio ou acampamentos adjacentes em torno de um pequeno lago. Os pontos de divergência das linhagens de árvore de clãs estão assim relacionados com o tamanho e a distribuição dos locais habitados numa área tribal.

A associação do sistema tribal com um clã pode, desse modo, supostamente influenciar a forma da estrutura da linhagem. Podemos ressaltar, ainda a coerência morfológica entre as duas estruturas. Existem sempre mais aldeias do que segmentos terciários numa tribo e mais segmentos terciários do que segmentos secundários, e assim por diante, de modo que, dado que

a unidade territorial está associada à linhagem, o estreitamento dessas unidades, da multidão de aldeias até a unidade única da tribo, deve ser refletido na estrutura conceitual do sistema de linhagens, havendo uma multidão de linhagens mínimas, menos linhagens menores, etc., até se alcançar a unidade única do clã. Se essa hipótese for aceita, torna-se evidente que as linhagens são, em número e posição estrutural, estritamente limitadas e controladas pelo sistema de segmentação territorial. Os dois sistemas podem assim ser representados pela mesma figura, embora a correspondência não seja exata.



## 6. O Sistema de Conjuntos Etários, Resumo

1

Todo Nuer homem passa da adolescência para a idade adulta através de uma iniciação que consiste numa operação bastante árdua (*gur*): Sua testa é cortada até o osso com uma pequena faca; seis compridos cortes de orelha a orelha. As cicatrizes permanecem para o resto da vida, e diz-se que marcas correspondentes podem ser percebidas até em crânios de homens mortos. Elas são bem visíveis nas IIs. XXVI,(b), XXVII e XXVIII. O cerimonial de iniciação é mais complexo, e o sistema etário tem maior importância social entre os Nuer do que entre os outros nilotas do Sudão.

Descrevemos em outro lugar, assim como outros já o fizeram, o ritual de iniciação. Embora desde então tenhamos obtido mais informações sobre os detalhes dos ritos, achamos que transcrevê-los aqui seria contrariar o plano deste livro. São descritos, assim, os fatos mais básicos. Os meninos são iniciados normalmente na idade de 14 a 16 anos; antigamente, a idade mínima era possivelmente um pouco maior, 16 a 18 anos. O fato de um menino ser iniciado num ano ou em outro depende do estoque de leite e milho. O rapaz deve obter o consentimento do pai para a operação, o qual, no entanto, não pode negá-lo pois o rapaz fugiria para a casa de um parente e o pai ficaria humilhado. A seguir ele recorre a um membro do conjunto etário do pai, que realiza um ritual através do qual ele recebe as bênçãos desse conjunto. Do mesmo modo, um membro do clã também lhe dá suas bênçãos, o mesmo fazendo seu pai e um tio materno.

ritoriais, provocando uma igualdade de condição lá onde existe disparidade política e condições diferenciadas onde há identidade política. No entanto, o sistema político e o sistema dos conjuntos etários não parecem ser interdependentes. Ambos são coerentes em si mesmos e numa certa medida sobrepõem-se e influenciam-se mutuamente, mas é fácil conceber o sistema político existindo sem uma organização de conjuntos etários. Há provas, na África Oriental, de que o desenvolvimento político produz uma atrofia na organização de conjuntos etários. Concluindo, ressaltamos novamente que tribos adjacentes coordenam seus conjuntos e que os conjuntos de cada tribo são facilmente traduzíveis nos conjuntos de outras tribos. Os ritos de iniciação, mais do que qualquer outra coisa com exceção da linguagem, distinguem a cultura nuer e dão aos Nuer aquela sensação de superioridade que constitui um traço tão marcante de seu caráter. Apenas no sentido em que os conjuntos etários são organizados tribalmente e são comuns a todas as tribos é que se pode dizer que existe uma correspondência entre o sistema de conjuntos etários e o sistema político. Não existe nenhuma correspondência estrutural do tipo que observamos entre o sistema de linhagens de clãs dominantes e a segmentação tribal. Pode-se dizer, portanto, que, enquanto o sistema político e o sistema de linhagem de clãs dominantes são interdependentes, o sistema político e o sistema de conjuntos etários são apenas uma combinação, na sociedade nuer. Podemos acrescentar que a pressão comum de que um sistema de conjuntos etários integra os membros de uma tribo apenas através da estratificação tem pouca coisa que depõe em seu favor.

### V - Propostas Teóricas - Metodológicas

O modo pelo qual escrevemos este livro nos levou a romper com a tradição das exaustivas monografias sobre povos primitivos. Esses pesados volumes geralmente transcrevem observações tão ao esmo que sua leitura não é agradável nem proveitosa. Esta deficiência se deve a ausência de um corpo de teoria científica na Antropologia Social, pois os fatos só podem ser selecionados e arranjados à luz de uma teoria. A situação se vê agravada com o erro que consiste em confundir documentação com ilustração. Tentamos também descrever a organização social dos Nuer num plano mais abstrato de análise do que o comum, pois normalmente termos abstratos são confundidos com abstrações. Cabe ao leitor julgar se fomos bem sucedidos nessa tarefa, mas caso se diga que apenas descrevemos os fatos com relação a uma teoria deles e como exemplificação desta e subordinamos a descrição à análise, respondemos que era exatamente esta nossa intenção.

É difícil dizer até que ponto alguém se justifica ao impor uma abstração. Uma vez que se tem um ponto de vista teórico, é extremamente simples decidir quais fatos são significativos, dado que são ou não significativos para a teoria, mas é impossível indagar se é correto, ao discutir as instituições políticas de um povo primitivo, fazer apenas as referências mais simples a sua vida doméstica e de parentesco. Pode-se fazer isto com sucesso? E exatamente esta é a pergunta que nos fizemos e concluímos que só se pode respondê-la através de uma tentativa de executar essa proposição.

1. Primeiro descrevemos a dedicação do Nuer por seu gado e mostramos como este valor, em seu sistema de relações ecológicas, exige um certo modo de distribuição e transumância. A seguir, descrevemos os conceitos de tempo e espaço que derivam amplamente dos modos de subsistência e da disposição dos povoados. Examinamos depois as seções territoriais que, através dos valores que lhes são atribuídas, formam um sistema político. Notamos, além do mais, que a distância estrutural nos sistemas de linhagem dos clãs dominantes é função da distância estrutural dos sistemas tribais e que não existe interdependência equivalente entre a estrutura dos conjuntos etários e a estrutura política.

2. Por estrutura social entendemos relações entre grupos que têm um alto grau de coerência e constância. Os grupos permanecem os mesmos independentemente de seus conteúdos específicos de indivíduos num momento particular qualquer, de modo que sucessivas gerações de pessoas passam através deles. Os homens nascem neles, ou entram para eles mais tarde em suas vidas, e saem deles com a morte; a estrutura permanece. Nesta definição da estrutura, a família não é considerada um grupo estrutural porque as famílias não têm relações mútuas coerentes e constantes como os grupos, e desaparecem com a morte de seus membros. Novas famílias começam a existir, mas as velhas desaparecem para sempre. Não queremos sugerir, com isto, que a família tem menos importância do que os grupos estruturais; ela é essencial para a preservação da estrutura, pois é o meio através do qual novas pessoas nascem em seus segmentos, mantendo-se o sistema. Nem sugerimos que as relações que consideramos estruturais são entre grupos que não variam de modo algum. Os sistemas territorial, de linhagem e de conjuntos etários mudam, porém mais vagarosamente, e sempre existe o mesmo tipo de inter-relacionamento entre seus segmentos. No entanto, não insistimos nesta definição limitada de estrutura e nossa descrição e análise não dependem dela.

3. Relações estruturais são relações entre grupos que formam um sistema. Por conseguinte, por estrutura entendemos também uma combinação organizada de grupos. A distribuição



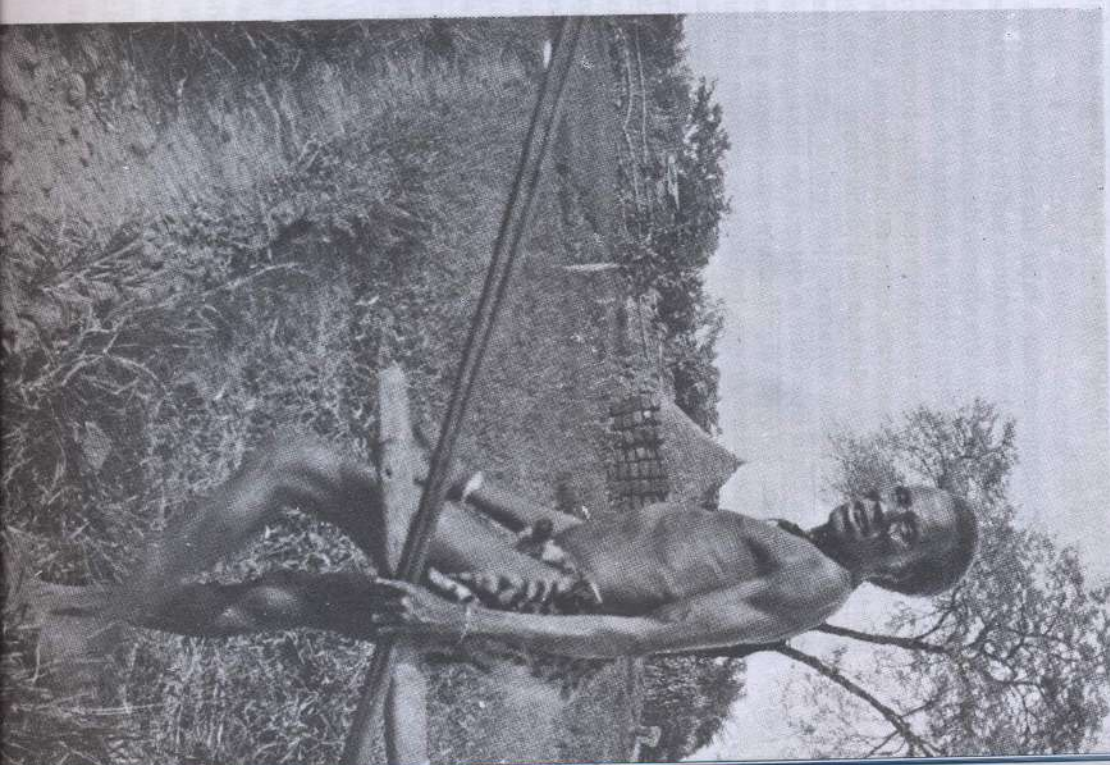
territorial de uma tribo nuer não é um aglomerado a esmo de unidades residenciais, mas todo grupo local é segmentado e os segmentos são fundidos com relação a outros grupos, de modo que cada unidade só pode ser definida em função de todo o conjunto. De modo similar, uma linhagem ou conjunto etário só pode ser definido em função dos sistemas do qual formam parte. Tentamos demonstrar isto em nossa descrição.

4. Por estrutura, entendemos relações entre grupos de pessoas dentro de um sistema de grupos. Ressaltamos que se trata de relações entre grupos, pois as relações entre indivíduos também podem ser dispostas de acordo com um plano regular, a saber, as relações de parentesco podem ser mencionadas como um sistema de parentesco. Por "grupo", entendemos pessoas que se consideram como uma unidade distinta em relação a outras unidades, são assim encaradas pelos membros dessas outras unidades, e todos têm obrigações recíprocas em virtude do fato de pertencerem a ele. Neste sentido, um segmento tribal, uma linhagem e um conjunto etário são grupos, mas a família de um homem não o é. Um relacionamento de parentesco é uma categoria e o sistema de parentesco é uma coordenação de categorias com relação a um indivíduo. Em nossa opinião, os estrangeiros e os Dinka deveriam ser descritos como pessoas de certas categorias e não como membros de grupos sociais, e as relações entre eles e os aristocratas não devem ser descritas, em termos estritos, como relações estruturais.

5. A estrutura social de um povo é um sistema de estruturas separadas mas inter-relacionadas. Este livro trata especialmente da estrutura política. Deftando com a dificuldade inicial de definir o que é político, decidimos encerrar as relações entre os grupos territoriais como sendo políticas, tomando a aldeia como unidade menor, pois, embora uma aldeia seja uma rede de laços de parentesco, ela não é um grupo de parentesco, mas um grupo que se define apenas pela residência comum e pelos sentimentos. Descobrimos que as tendências complementares na direção da divisão e da fusão, que chamamos de princípio de segmentação, é uma característica muito evidente da estrutura política nuer. As linhas de clivagem política são determinadas principalmente pela ecologia e pela cultura. Um meio ambiente adverso junto com os interesses pastoris predominantes causam uma baixa densidade e grandes vazios na distribuição das comunidades locais. As diferenças culturais entre os Nuer e seus vizinhos também causam vários graus de distanciamento político. Relações ecológicas e culturais freqüentemente combinam-se para produzir uma divisão. Entre os próprios Nuer, a cultura é homogênea, e são as relações ecológicas que fundamentalmente determinam o tamanho e a distribuição dos segmentos.

## II. XXIX:

Homem  
(Posto Nasser).



6. Estas tendências, ou princípios da estrutura política controlam o comportamento real entre as pessoas através de valores. Estes valores parecem contraditórios. Somente são vistos como coerentes quando encaramos a estrutura como um conjunto de relações definidas com referência a situações sociais específicas. Por valores políticos, entendemos a sensação e o reconhecimento comuns por parte dos membros de comunidades locais de que são um grupo exclusivo distinto e oposto a outras comunidades da mesma ordem, e que deveriam agir juntos em certas circunstâncias e observar certas convenções entre si. Daqui não se conclui que o comportamento sempre concorda com os valores, e pode-se constatar que freqüentemente entram em conflito, mas o comportamento sempre tende a conformar-se com estes valores.

7. Não apenas podemos falar das relações entre os grupos territoriais como sendo um sistema político, das relações entre as linhagens como sendo um sistema de linhagens, das relações entre os conjuntos etários como um sistema de conjuntos etários e assim por diante, como também que numa sociedade sempre existe algum relacionamento entre estes sistemas na estrutura social global, embora não seja fácil determinar o que seja este relacionamento. Demonstramos que existe uma interdependência de um certo tipo entre o sistema de linhagens nuer e seu sistema político. Isto não significa um relacionamento funcional entre grupos de clãs e grupos territoriais, embora tenham uma certa associação, pois os clãs, e mesmo suas linhagens, não têm vida corporativa. Tampouco isso significa que, quando um homem se comporta de certo modo com um companheiro de clã e de modo diferente com um companheiro de tribo, exista um relacionamento funcional entre estes dois modos de comportamento. Novamente, não significa também que exista um relacionamento funcional entre estes membros de um clã dominante que moram numa tribo e a tribo de que são parte. Mas significa que existe coerência estrutural entre os dois sistemas — coerência entre abstrações. Não somos capazes de demonstrar uma interdependência similar entre o sistema de conjuntos etários e o sistema político.

8. É possível falar do comportamento político como sendo um tipo diferente do comportamento social? Nossa suposição era que certas atividades, como as guerras e as vendetas, podem ser chamadas políticas, mas não consideramos que se ganha muito com essa designação. É apenas num plano mais abstrato de relações estruturais que uma esfera específica de relações políticas pode ser demarcada. O comportamento mútuo entre as pessoas é determinado por uma série de ligações — com relação à família, a família conjunta, a linhagem, ao clã, ao conjunto etário, etc. — e por relacionamentos de parentesco, laços rituais, e assim por

diante. Estas redes de relacionamentos atribuem a cada homem sua esfera de contatos sociais. Seu campo de contatos reais é limitado; seu campo de contatos potenciais é ilimitado. Diferenciamos a esfera social de um homem, neste sentido, do espaço estrutural, a distância entre segmentos sociais, que são grupos de pessoas que pertencem a uma unidade num sistema. Por conseguinte, não dizemos que um homem está ou não atuando politicamente, mas que entre grupos locais há relações de ordem estrutural que podem ser chamadas de políticas.

9. Não descrevemos os diferentes laços sociais existentes entre as pessoas que vivem num mesmo distrito, mas podemos dizer que, segundo nosso ponto de vista, as relações entre esta malha de relacionamentos individuais, que juntas formam uma comunidade, e a estrutura política — as relações que existem entre segmentos territoriais — apresentam um problema de considerável importância, e tecemos alguns comentários a respeito. a) Os relacionamentos sociais são ordenados por uma estrutura política, de modo que a esfera social de um homem, e a esfera social conjunta de um número de pessoas vivendo na mesma aldeia, tende sempre a limitar-se pela extensão de seus grupos políticos. b) As comunidades locais, cujas relações constituem a estrutura política, são apenas grupos em virtude destes muitos e variados relacionamentos entre os indivíduos que as compõem. Mas é a organização deste relacionamento em grupos que entram numa certa relação mútua dentro de um sistema o que nos interessa em nossa discussão atual, e só os estudamos nesta forma organizada — tal como podemos, para certos propósitos, estudar a relação entre os órgãos do corpo sem estudar o inter-relacionamento das células que compõem os órgãos. c) De acordo com nosso ponto de vista, o sistema territorial dos Nuer é sempre a variável dominante em seus relacionamentos com outros sistemas sociais. Entre os Nuer, os relacionamentos geralmente se expressam em função do parentesco, e estes termos têm um forte conteúdo emocional; mas viver junto conta mais do que o parentesco e, como vimos, os laços da comunidade de um modo ou de outro se transformam, ou são assimilados, em laços de parentesco, e o sistema de linhagens é transformado na forma do sistema territorial dentro do qual ele atua.

10. Definimos estrutura como aquilo que equivale à presença de segmentação grupal, e discutimos alguns sistemas nuer a partir deste ponto de vista. Ressaltamos novamente que não insistimos em nossa definição e que reconhecemos que "estrutura" pode ser definida de outro modo. Mas, tendo-a definido deste modo, tornou-se obrigatória a alusão freqüente a um princípio de contradição nela contido. No entanto, a fim de evitar um entendimento equivocado, destacamos que a contradição a que aludimos reside no plano abstrato das relações estruturais e

território > parentesco

emerge de uma sistematização dos valores através da análise sociológica. Não se deve supor que pretendemos dizer que o comportamento é contraditório ou que os grupos assumem posturas contraditórias uns em relação aos outros. É a relação de grupos dentro de um sistema que constitui e exemplifica o princípio. As vezes pode haver conflito de valores na consciência de um indivíduo, mas aquilo a que nos referimos é a tensão estrutural. Do mesmo modo, quando nos referimos à relatividade da estrutura não queremos dizer que um grupo é outra coisa senão um aglomerado de pessoas que podem ser vistas e contadas e situadas no tempo e no espaço. O que queremos dizer é que, no plano das relações estruturais, sua posição num sistema é relativa ao funcionamento do sistema em situações de mudança.

11. Além de fazer uma contribuição para o estudo dos nilotas tentamos neste livro uma rápida incursão na teoria sociológica, mas só podemos fazer uma análise teórica até determinado ponto, além do qual só entrevemos de modo muito vago como uma análise ulterior poderia ser feita. Nossa experiência no campo da pesquisa e a que obtivemos ao escrever este ensaio sugeriu as linhas de um tratamento mais amplo. A Antropologia Social lida, atualmente, com conceitos grosseiros, tribo, clã, conjunto étnico, etc. que representam massas sociais e uma suposta relação entre essas massas. A ciência não fará muitos progressos com esse baixo nível de abstração, se é que pode ser considerado nível de abstração, e para se avançar nesse terreno é necessário utilizar os conceitos que denotam relações, definidas em função de situações sociais, e relações entre estas relações. A tarefa de explorar novas regiões é particularmente difícil na disciplina política onde tão poucos trabalhos têm sido feitos e da qual tão pouco se sabe. Sentimo-nos como um explorador no deserto cujos suprimentos se esgotaram. Ele enxerxa amplas faixas de território a sua frente e percebe como tentaria atravessá-las; mas tem de voltar para trás e consolar-se com a esperança de que talvez o pouco conhecimento que conseguiu permitirá a outros realizar uma viagem mais bem sucedida.

#### INDICE DAS ILUSTRAÇÕES

Vista parcial de choupanas e kraal	VII
I. Um jovem	14
II. Jovem no kraal (Corfield)	24
III. Ordenha de vaca indócil	31
IV. Boi	39
V. Menina ordenhando	46
VI. Savana típica	65
VII. a) Casas no solo elevado. b) Casas no solo elevado	73
VIII. Areial	79
IX. Pesca de arpão em canoa (Corfield)	85
X. Pesca de arpão em baixio (Corfield)	91
XI. a) Savana na estação seca. b) Carpida da plantação de sorgo	97
XII. Roca de sorgo em outubro	104
XIII. Jovem numa roca de sorgo	117
XIV. Chuvas de agosto	134
XV. a) Abrigo contra o vento. b) Poço	147
XVI. Vista aérea de aldeias (Royal Air Force)	158
XVII. Menino apanhando estérco para combustível	167
XVIII. Construção de um estábulo (Corfield)	177
XIX. a) Acampamento de gado b) Depressão pantanosa típica	187
XX. Gado em viagem	196
XXI. a) Gado pastando. b) Acampamento de gado	209
XXII. a) Pesca com lanca numa represa (Hamer). b) Pesca com arpão em lago	219
XXIII. a) Aspecto do kraal de acampamento. b) Rio Sobat na estação seca	225
XXIV. Um chiele da pele de leopardo (Corfield)	231
XXV. a e b: A pirâmide de Ngundeng (Chispin)	238
XXVI. a) Jovem b) Jovem (Corfield)	245
XXVII. Iniciação dos rapazes (Missão Americana)	261
XXVIII. Três homens nuers (a e c, Talib Ismail)	265
XXIX. Homem (Nasser Post)	273